

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé

Revitalização do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Ivo Emanuel Morgado Caravau

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura

Dos Montes Ermos ao Alto da Fé Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos

Ivo Emanuel Morgado Caravau

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(Mestrado Integrado)

Versão final após defesa

Orientador: Prof. Doutor José Neves Dias

Covilhã, janeiro de 2021

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

“Para transmitir a mensagem que Cristo lhe confiou, a Igreja tem necessidade da arte.”
(Papa João Paulo II, 1999)

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Dedicatória

À Senhora dos Montes Ermos, sempre presente, pela força e orientação.

Aos meus pais, pelo esforço e dedicação.

Ao meu irmão,

À minha avó,

A eles lhes dedico o meu percurso,

A eles.

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Agradecimentos

Ao Nuno Trigo, da Associação de Municípios do Douro Superior, à Diocese de Bragança-Miranda, na pessoa do senhor Bispo Diocesano – D. José Cordeiro, aos Serviços Centrais da Cúria Diocesana, na pessoa da senhora Sandra Vale, e ao Doutor Jorge Duarte, pela disponibilidade e colaboração contínua ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

À Senhora Margarida Manta, ao Senho Edgar Gata, ao Padre Francisco Pimparel e ao Padre Manuel Rodrigues pela ajuda e colaboração.

À Doutora Evangelina Bonifácio pela amizade, ajuda, apoio e colaboração.

A todas e a todos que contribuíram para o meu percurso académico.

Ao meu orientador, Professor Doutor José Neves Dias, por lidar com as interrogações constantes e pela sua orientação a fim de alcançar os melhores resultados.

À Carolina pelo companheirismo e amizade, pelo apoio e incentivo. Por tudo.

À minha família.

A eles,

Muito Obrigado.

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Resumo

Desde o reinado de D. João IV, a imagem da Virgem Maria sob os seus diferentes epítetos, tem vindo a ser adorada até aos tempos de hoje. É tal a devoção a Nossa Senhora, que segundo uma lenda transmontana, sete capelinhas com orago à Mãe de Jesus, localizadas em topos de montes da região transmontana, se avistam e as respetivas Virgens comunicam entre si, todas as manhãs.

Freixo de Espada à Cinta, vila transmontana e, também, devota a Nossa Senhora afirma, contrariamente à lenda, que Nossa Senhora dos Montes Ermos é uma das sete irmãs. Tal se afirma, uma vez que, segundo se fala, numa manhã aquando da preparação da capelinha da Senhora dos Montes Ermos, foi encontrada terra no vestido da imagem, supondo assim à peregrinação desta até às ermidas das suas irmãs.

Nossa Senhora dos Montes Ermos permanece no seu santuário, localizado no cume do cabeço de S. Brás, a cerca de 3 km de Freixo de Espada à Cinta e que, por ocasião da sua festividade, visita a vila, percorrendo as principais ruas, em procissão. No último dia das festividades regressa ao seu santuário onde são celebrados os rituais religiosos de forma simples e humilde, uma vez que o espaço e a sua envolvente não permitem a grandiosidade desejada.

Não sabendo ao certo a veracidade dos factos lendários abordados, a presente dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura propõe a revitalização do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos de modo a que proporcione aos seus devotos condições para a adoração e realização dos ritos religiosos e, assim, propor que a Senhora dos Montes Ermos integre a Irmandade das 7 virgens.

Palavras-chave

Revitalização;Arquitetura;Santuário;Nossa-Senhora;Montes-Ermos;Freixo-de-Espada-à-Cinta

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Abstract

Since the reign of D. João IV, the image of the Holy Mary under its different epithets, has been adored until today. Such is the devotion of the Holy Mary that, according to Trás-os-Montes legend, there are seven chapels allusive to Jesus's Mother, located on top of the mountains in the Trás-os-Montes region, and each Virgin in each chapels is able to communicate with each other every morning.

In "Freixo de Espada à Cinta", a village in Trás-os-Montes also devoted to the Holy Mary, doesn't agree with the legend and affirms that "Nossa Senhora dos Montes Ermos" is one of the seven sisters of the legend. Therefore, in "Freixo de Espada à Cinta" is believed that, in one morning when preparing the chapel of "Senhora dos Montes Ermos", dirt was found in the dress of the image, thus supposing its journey to visit her hermitages sisters.

"Nossa Senhora dos Montes Ermos" remains in its sanctuary, located on "S. Brás's" mountain, about 3 km from "Freixo de Espada à Cinta" and when occurs the festivities in "Freixo de Espada à Cinta", the image goes around the village, and its main streets in procession. On the last day of the festivities, the image returns to the sanctuary, where religious rituals take place in a more simple and humble way, due to the small space that the chapel offers and its not possible to have major celebrations there, as much as they would like to have.

We don't know exactly how much of this is true or not about the facts, however, this dissertation of Master's Degree in Architecture proposes the revitalization of the Sanctuary of "Nossa Senhora dos Montes Ermos" with the main purpose to provide to all of the devotees all the conditions to worship and have all of the religious rites and provide "Senhora dos Montes Ermos" to be once more part of the sisterhood of the 7 virgins.

Keywords

Revitalization;Architecture;Sanctuary;Our-Lady;Montes-Ermos;Freixo-de-Espada-à-Cinta.

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Índice

Introdução	1
1. Devoção a Nossa Senhora	5
1.1. Sete Irmãs, Sete Senhoras	11
1.1.1. Senhora da Assunção	15
1.1.2. Senhora das Neves	19
1.1.3. Senhora da Saúde	21
1.1.4. Senhora da Serra	23
1.1.5. Senhora do Naso	25
1.1.6. Senhora da Luz	29
1.1.7. Senhora do Castelo / Virgen del Castillo	31
2. Senhora dos Montes Ermos	33
2.1. Freixo de Espada à Cinta	
2.1.1. História	35
2.1.2. Geografia, Paisagem e Clima	37
2.1.3. Arquitetura	39
2.1.4. Cultura e Tradição	43
2.2. A Senhora e a sua ermida	47
2.2.1. A Senhora e as gentes	51
2.2.2. As Sete e A dos Montes Ermos	57
2.3. Da humildade à precisão – Necessidades do presente	61
3. Peregrinos na arquitetura e na Fé	
3.1. Revitalização do Santuário da Senhora dos Montes Ermos - Programa	69
3.2. Proposta	
3.2.1. Existente	71
3.2.1.1. Recinto	71
3.2.1.2. Capela	74
3.2.2. Novo	81
3.2.2.1. «Capela» da Ascensão	83
3.2.2.2. «Capela» da Natividade	85
3.2.2.3. «Capela» da Adoração	87
3.2.2.4. «Capela» da Anunciação	89
3.2.2.5. «Capela» da Ressurreição	91
3.2.2.6. «Capela» do Pentecostes	93
3.2.2.7. «Capela» da Coroação	95
Conclusão	97
Anexos	101
Bibliografia	125

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Lista de Figuras

Figura 1 - Pietá de Michelangelo (1499) Fonte: culturagenial.com https://www.culturagenial.com/pieta-de-michelangelo/ - consultado a 5.05.2020	9
Figura 2 - As bodas de Caná de Paolo Veronese (1563) Fonte: segredosdeparis.com https://segredosdeparis.com/segredos-e-historias-sobre-as-bodas-de-cana-de-veronese/ - acedido a 20.03.2020	9
Figura 3 - A conversão de Maria Madalena de Paolo Veronese (1548) Fonte: meisterdrucke.pt https://www.meisterdrucke.pt/ impressoes-artisticas- sofisticadas/Paolo-Veronese/678592/A-convers%C3%A3o-de-Maria-Madalena.html – acedido a 06.08.2020	10
Figura 4 - Sé de Braga, interior Fonte: diocese-braga.pt https://www.diocese-braga.pt/arquidiocese/221/5918 – acedido a 30.05.2020	11
Figura 5 - Imagem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa Fonte: agencia.ecclesia.pt https://agencia.ecclesia.pt/portal/imaculada-conceicao-tradicao-de-seculos-convida-novas- geracoes-a-peregrinar-a-vila-vicosa/ - acedido a 13.05.2020	12
Figura 6 - Visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima a Freixo de Espada à Cinta, anos 60 Fonte: Arquivo de Antonio Basaloco.....	13
Figura 7 - Visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima a Freixo de Espada à Cinta, anos 60 Fonte: Arquivo de Antonio Basaloco.....	13
Figura 8 - Localização geográfica das ermidas das 7 Irmãs, 7 Senhoras Fonte: google earth a 6.9.2020.....	15
Figura 9 - Santuário de Nossa Senhora da Assunção Fonte: Santuário de Nossa Senhora da Assunção https://www.facebook.com/SantuarioNossaSenhoraDeAssuncao/photos/a.389060537783866/ 972400372783210 - acedido a 15.08.2020	17
Figura 10 - Imagem de N. S^a da Assunção Fonte: Santuário de Nossa Senhora da Assunção https://www.facebook.com/SantuarioNossaSenhoraDeAssuncao/photos/a.775138265842756/ 1525578867465355 - acedido a 15.08.2020	17
Figura 11 - Capela de N. S^a das Neves Fonte: Comissão de Festas em Honra de Nossa Senhora das Neves 2019/2020 https://www.facebook.com/111652486908716/photos/a.132671884806776/347259450014684/ - acedido a 3.05.2020	21
Figura 12 - Imagem de N. S^a das Neves Fonte: Freguesia de Sambade https://www.facebook.com/freguesiadesambade/photos/a.202085313320103/202090079986 293 acedido a 3.05.2020.....	21
Figura 13 - Capela de N. S^a da Saúde Fonte: Padre Paulo Pimparel, março de 2020.	23

Figura 14 - Imagem de N. S^a da Saúde Fonte: Padre Paulo Pimparel, março de 2020.	23
Figura 15 - Imagem de N. S^a da Serra Fonte: santuários marianos de portugal, https://www.facebook.com/santuariosmarianos/photos/pcb.1769431990003759/176943169003789/ - acedido a 07.09.2020.....	25
Figura 16 - Santuário de N. S^a da Serra Fonte: Confraria da Senhora da Serra, https://www.facebook.com/photo.php?fbid=883566368463006&set=pb.100004289520418.-2207520000.&type=3 - acedido 23.08.2020.....	25
Figura 17 - Imagem de N. S^a do Nazo Fonte: Santuário de Nossa Senhora do Nazo, https://www.facebook.com/522881167865913/photos/a.522881514532545/1850927801727903/ - acedido a 25.04.2020	27
Figura 18 - Santuário de N. S^a do Nazo Fonte: Google Earth a 6.09.2020.....	27
Figura 19 - Imagem de N. S^a da Luz Fonte: jesuario.blogspot.com http://jesuario.blogspot.com/2014/04/nossa-senhora-da-luz.html - acedido a 6.09.2020	31
Figura 20 - Capela de N. S^a da Luz Fonte: Google Earth - 28.08.2020	31
Figura 21 - Imagem da Virgen del Castillo Fonte: Pereña de la Ribera https://www.facebook.com/Pere%C3%B1a-de-la-Ribera-52018479985/photos/ms.c.eJxNzMkJAEAMAsColtxH~;4ot5KO~;QdTq7nDdnXx1tiBT7pQ78hGyojPGpg626RPwstEJIeM~;6~;4~;9v8n7w~-~-b.p.s.a.67773879985/67774829985 - acedido a 24.05.2020	33
Figura 22 - Capela de Virgen del Castillo Fonte: Google Earth - 14.05.2020.....	33
Figura 23 - Antigo povoado de Santa Luzia, 2020 Arquivo de autor	37
Figura 24 - Distrito de Bragança Fonte: Imagem de autor	39
Figura 25 - Concelho de Freixo de Espada à Cinta após a reorganização de freguesias em 2013, Fonte: Imagem de autor	39
Figura 26 - Vila de Freixo de Espada à Cinta, 2020 Arquivo de autor	40
Figura 27 - Igreja Matriz de Freixo de Espada à Cinta, 2020 Arquivo de autor	41
Figura 28 - Torre do Galo, 2020 Arquivo de autor	41
Figura 29 - Igreja da Misericórdia, 2020 Arquivo de autor	42
Figura 30 - Convento de S. Filipe de Nery, 2020 Arquivo de autor	42

Dos Montes Ermos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos

Figura 31 - Capela de Nossa Senhora dos Remédios, 2020 Arquivo de autor.....	43
Figura 32 - Capela de Santo António, 2020 Arquivo de autor.....	43
Figura 33 - Capela de S. Sebastião, 2020 Arquivo de autor.....	43
Figura 34 - Capela de S. José, 2020 Arquivo de autor.....	43
Figura 35 - Enterro do Entrudo, 2006 Fonte: Arquivo de Antonio Basaloco.....	45
Figura 36 - Ritual dos 7 passos Fonte: Sete Passos https://www.facebook.com/gruposetepassos/photos/a.823228031348251/824394141231640 - acedido a 14.09.2020	45
Figura 37 - Representação de Judas na Procissão da Ressurreição, abril 2018 Arquivo de autor.....	46
Figura 38 - Imagem de N. Sr ^a da Soledade, abril 2018 Arquivo de autor.....	46
Figura 39 - Castelo de Freixo de Espada à Cinta, 1509 Fonte: Duarte de Armas, Livro das Fortalezas	49
Figura 40 - Berrão, 2020 Arquivo de autor.....	50
Figura 41 – S. Brás, imagem presente na capelinha, 2019 Arquivo de autor.....	51
Figura 42 - Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos, 2019 Arquivo de autor.....	52
Figura 43 - Devoção, 2019 Fonte: Arquivo de Tiago Rentes	53
Figura 44 – Devoção aos 96 anos, 2019 Fonte: Arquivo de Tiago Rentes	53
Figura 45 - Arcos de Flores, anos 50 Fonte: Arquivo de António Basaloco.....	54
Figura 46 - Coreto, anos 60 Fonte: Arquivo de António Basaloco.....	54
Figura 47 - Procissão, 2019 Fonte: Arquivo de Tiago Rentes	55
Figura 48 - Imagem de N. S ^a dos Montes Ermos, na procissão para a Igreja Matriz, 2019 Fonte: Arquivo de Tiago Rentes	55
Figura 49 - Procissão das Velas, 2019 Fonte: Arquivo de António Basaloco.....	56

Figura 50 - Recinto do Arraial, 2014 Fonte: Município de Freixo de Espada à Cinta, https://www.facebook.com/municipiofreixoespadacinta/photos/a.769304713090612/771611929526557 - acedido a 10.09.2020	56
Figura 51 - Homenagem dos Bombeiros Voluntários a Nossa Senhora dos Montes Ermos, 2014 Fonte: Município de Freixo de Espada à Cinta, https://www.facebook.com/municipiofreixoespadacinta/photos/a.769304713090612/772904342730649 - acedido a 10.09.2020	57
Figura 52 - Localização geográfica das ermidas das 7 Irmãs em relação à ermida de N. Sr^a dos Montes Ermos Arquivo de autor	59
Figura 53 - Vista Exterior do Santuário, 2019 Arquivo de autor	63
Figura 54 - Vista Interior do Santuário, 2019 Arquivo de autor	63
Figura 55 - Vista exterior da capela, 2019 Arquivo de autor	63
Figura 56 - Vista interior da capela - cúpula, 2019 Arquivo de autor	63
Figura 57 - Altar Lateral Oeste, 2019 Arquivo de autor	65
Figura 58 - Altar Lateral Principal (Norte), 2019 Arquivo de autor	65
Figura 59 - Altar Lateral Este, 2019 Arquivo de autor	65
Figura 60 - Cruz e Letreiro no Santuário, 2020 Arquivo de autor	66
Figura 61 - Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos, Vista aérea, 2019 Arquivo de autor.....	66
Figura 62 - Planta Geral do Recinto – Sem escala Peça desenhada arq 08.....	73
Figura 63 - Corte Transversal do Tocheiro - Sem escala Peça desenhada arq 35.....	74
Figura 64 - Alçado do Tocheiro - Sem escala Peça desenhada arq 36.....	74
Figura 65 - Degraus da Entrada - Sem escala Peça desenhada arq 34-.....	75
Figura 66 - Pormenor do Cruzeiro - Sem escala Peça desenhada arq 20.....	76
Figura 67 - Pormenor da Cobertura/Beirado - Sem escala Peça desenhada arq 21.....	77
Figura 68 - Alçado Sul - Sem escala Peça desenhada arq 17.....	77

Dos Montes Ermos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos

Figura 69 - Alçado Este - Sem escala Peça desenhada arq 18.....	77
Figura 70 - Planta de Piso - Sem escala Peça desenhada arq 10.....	78
Figura 71 - Corte Transversal - Sem escala Peça desenhada arq 12.....	79
Figura 72 - Pormenor Nicho: Sistema PUSH-UP aberto – Sem escala Peça desenhada arq 23.....	79
Figura 73 - Pormenor Nicho: Sistema PUSH-UP fechado – Sem escala Peça desenhada arq 23.....	79
Figura 74 – Pormenor da Abóboda - Sem escala Peça desenhada arq 29.....	80
Figura 75 - Pormenor Vãos - Sem escala Peça desenhada arq 31.....	81
Figura 76 – Pormenor Altar- Sem escala Peça desenhada arq 33.....	81
Figura 77 – Esboço de estudo, alinhamentos Arquivo de autor.....	83
Figura 78 – Esboço de estudo, alinhamentos Arquivo de autor.....	83
Figura 79 – Conjunto, fotomontagem representativa – sem escala Arquivo de autor.....	84
Figura 80 - «Capela» da Ascensão, fotomontagem representativa Arquivo de autor.....	85
Figura 81 - «Capela» da Ascensão, fotomontagem representativa Arquivo de autor	85
Figura 82 - «Capela» da Natividade, fotomontagem representativa Arquivo de autor	87
Figura 83 - «Capela» da Adoração, fotomontagem representativa Arquivo de autor	89
Figura 84 - «Capela» da Adoração, fotomontagem representativa Arquivo de autor	89
Figura 85 - «Capela» da Anunciação, fotomontagem representativa Arquivo de autor	91
Figura 86 - «Capela» da Anunciação, fotomontagem representativa Arquivo de autor	91
Figura 87 - «Capela» da Anunciação, fotomontagem representativa Arquivo de autor	92
Figura 88 - «Capela» da Ressurreição, fotomontagem representativa Arquivo de autor	93

Dos Montes Ermos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos

Figura 89 - « <i>Capela</i> » da Pentecostes, fotomontagem representativa	
Arquivo de autor	95
Figura 90 - « <i>Capela</i> » da Pentecostes, fotomontagem representativa	
Arquivo de autor	95
Figura 91 - « <i>Capela</i> » da Pentecostes, fotomontagem representativa	
Arquivo de autor	96
Figura 92 - « <i>Capela</i> » da Coroação, fotomontagem representativa	
Arquivo de autor	97
Figura 93 - « <i>Capela</i> » da Coroação, fotomontagem representativa	
Arquivo de autor	97
Figura 94 - « <i>Capela</i> » da Coroação, fotomontagem representativa	
Arquivo de autor	98

Lista de Quadros

Quadro 1 - Devoções e Invocações Fonte: Guerreiro, 2019, p. 84.....	14
Quadro 2 - Organização interior da capela Fonte: Quadro de autor	64
Quadro 3 - Cronograma das intervenções no local Fonte: Pintado F. A., Nossa Senhora dos Montes Ermos, 1998, p. 105	66

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Lista de Acrónimos

FEC	Freixo de Espada à Cinta
DBM	Diocese de Bragança-Miranda
AMDS	Associação de Municípios do Douro Superior
UPSME	Unidade Pastoral Senhora dos Montes Eremos
L7I7S	Lenda das 7 Irmãs, 7 Senhoras

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Introdução

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

I. Justificativa da temática do estudo

A fé e a crença em forças superiores e divinas sempre se demonstraram motores geradores da vida das comunidades, principalmente das mais isoladas e menos desenvolvidas. Com isto os populares transmitem às gerações descendentes todos os valores e ensinamentos religiosos que claramente constituem os traços e valorizações da sua cultura. Uma cultura fundamentada na imagem de Cristo paralelamente à imagem da Sua mãe: Nossa Senhora.

Uma figura de grande valor devocional, da qual todos os devotos se socorriam nas horas de maior aflição, que foi sendo cada vez mais adorada e venerada, notavelmente com a construção de espaços de devoção que lhe eram oferecidos em modo de agradecimento. Estes espaços, de diferentes tipologias, têm-se vindo a mostrar ao longo dos tempos cada vez mais relacionados com a arte aproveitando a sua capacidade para ajudar a transmitir de forma mais clara a mensagem que deles se espera, quer tratando-se de novos espaços, quer no caso da reabilitação, recuperação e revitalização de santuários e ermidas que, por variados motivos, deixaram de ser alvo de intervenção.

Tratando-se de uma temática de interesse pessoal, será desenvolvido o estudo do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos, localizado no concelho de Freixo de Espada à Cinta, uma vez que este apresenta necessidades evidentes quanto ao seu estado de degradação que, futuramente pode vir a representar perdas na identidade, na cultura e na história do lugar. Por outro lado, o facto de se tratar de um lugar associado às raízes, às tradições e à cultura do autor, é entendido como uma mais valia para o desenvolvimento de uma proposta adequada para o lugar, de modo a propiciar às gerações presentes e futuras, novos meios de transmissão e demonstração da fé.

II. Objetivos

«Dos Montes Ermos ao Alto da Fé – Revitalização do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos», tem o objetivo principal de encontrar razões teológicas e práticas para a devoção a Maria, Mãe de Jesus, com a finalidade de revitalizar o santuário da Senhora dos Montes Ermos, com base na lenda transmontana “Sete Irmãs, Sete Senhoras”.

Esta revitalização será proposta tendo em conta as pré-existências, de modo a fazer do santuário um lugar capaz de relacionar o conceito religioso, a tradição, a estória e a arquitetura, de maneira a que o seu desenho expresse a simbiose da crença, da devoção, do transcendente e do belo.

III. Metodologia

A metodologia adotada para o desenvolvimento da presente dissertação de mestrado em arquitetura divide-se em duas fases principais.

Na primeira fase procede-se à recolha documental e pesquisa bibliográfica relacionada com a temática, de modo a permitir uma contextualização e um enquadramento teórico destinados a

permitir atingir o cerne da questão e aprofundar o conhecimento. Uma vez que o material de estudo não se demonstrou suficiente e eficaz para o desenvolvimento do tema, foram igualmente tidas em consideração todas as informações disponibilizadas em conversas informais com estudiosos, principalmente locais, e com diferentes entidades eclesíásticas.

A segunda fase é totalmente dirigida ao lugar a intervir. Inicialmente é realizada a pesquisa documental e bibliográfica relacionada com a lenda que, claramente, é o ponto de partida para o desenvolvimento de todo o trabalho. Tendo uma vez mais pouco material para análise, optou-se pelo próprio estudo arquitetónico e simbólico dos lugares em estudo, de modo a relacionar e a complementar questões mitológicas e litúrgicas com a temática da arquitetura. Posteriormente, devido à inexistência de tal informação na posse das entidades responsáveis pelo zelo e salvaguarda do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos, procedeu-se à realização do levantamento arquitetónico e fotográfico, complementados pela pesquisa e recolha de dados históricos sobre o lugar. Pelo facto de mais uma vez se registar escassez de material para estudo, por um lado, e para alargar a inclusão de diferentes pontos de vista, optou-se por recolher as opiniões de diferentes utilizadores do santuário; Crentes, não crentes, estudiosos, consagrados e leigos, com o objetivo de perceber o que se deseja do e para o espaço. Destas conversas não resultaram quaisquer registos, respeitando a vontade dos questionados em quererem salvaguardar as suas perspetivas e opiniões quanto a tais assuntos.

Tendo em consideração o conjunto das perspetivas assim recolhidas, foi possível ao autor construir a fundamentação desenvolvida para a proposta de revitalização do Santuário dos Montes Ermos, bem como para as soluções idealizadas para a resolução das problemáticas que, atualmente, caracterizam o lugar.

IV. Estrutura

A presente dissertação está organizada em três capítulos principais.

O primeiro, “Devoção a Nossa Senhora”, pretende fazer uma contextualização histórica, na qual se apresenta o surgimento da devoção à Mãe de Jesus, bem como da sua evolução desde o início do reino de Portugal, de modo a fundamentar a devoção mariana assumida na lenda das Sete Irmãs apresentada posteriormente. Na fase final do capítulo serão contadas as lendas que estão adjacentes a cada Senhora, bem como uma descrição arquitetónica da sua capela, ermida ou santuário.

O capítulo seguinte, “Senhora dos Montes Ermos”, organiza-se em três momentos. No primeiro, intitulado de “Freixo de Espada à Cinta”, será concretizada uma contextualização geográfica, arquitetónica e cultural do lugar a intervir, através da narração de factos históricos que influenciaram o surgimento do sítio, bem como a sua atualização nos tempos e na história da Igreja. No segundo momento, “A Senhora e a sua ermida”, será apresentada inicialmente, a relação que a população de Freixo de Espada à Cinta estabelece com a Senhora dos Montes Ermos,

bem como a narração das tradições, experienciadas pelo autor, que fundam as suas celebrações. Posteriormente, será apresentada a lenda do santuário dos Montes Ermos e será estabelecida a relação entre a Senhora dos Montes Ermos e as Senhoras integrantes na irmandade abordada, através de análises realizadas entre todos os objetos de estudo. No último momento deste capítulo, é realizada uma descrição e análise arquitetónica aprofundada do lugar onde serão apresentadas todas as necessidades e faltas de que o santuário da Senhora dos Montes Ermos carece. No desenvolvimento desta última fase, procurou-se novamente obter a opinião dos devotos nos moldes anteriormente referidos.

No último capítulo, intitulado “Peregrinos na arquitetura e na Fé”, é apresentada uma proposta de revitalização do santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos, através da descrição e justificação de todas as decisões de reabilitação e recuperação dos elementos existentes, bem como das propostas para os elementos a construir.

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

1. Devoção a Nossa Senhora

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Desde o século XVI a Virgem Maria tem uma presença bastante assídua no viver de cada cristão, quer pelo auxílio bem como por outras ajudas prestadas nas horas de aflição e angústia. Ao longo da história de Portugal é narrada essa devoção originária da Igreja Católica, embora os “evangelhos canônicos tenham Maria pouco em conta e isso demonstra-se pelas referências destes às relações de Jesus com a sua mãe” (Santo, 2001, p. 145).

A primeira referência é a fuga de Jesus em Jerusalém. A narrativa conta que Jesus foi levado, com doze anos à cidade, por Maria e José, para celebrar a páscoa, e perderam-no de vista enquanto regressavam. Entretanto, três dias depois, encontram-no no templo a discutir com os Doutores da Lei. Nesse momento Maria questionou-o: “Meu filho, porque fizeste isto connosco? Olha que teu pai e eu andávamos angustiados, à tua procura”. Ao que ele respondeu: “Porque Me procuráveis? Não sabeis que Eu devo estar na casa do meu Pai?” (Biblia Sagrada, 1993, p. 1465).

A segunda referência acontece quando se relatam as bodas de Caná, onde Maria notou que faltava vinho e disse a Jesus: “Eles já não têm vinho!” e Jesus respondeu-lhe: “Mulher, que existe entre nós? A minha hora ainda não chegou”. Maria disse, no entanto, aos servidores que fizessem tudo o que ele dissesse e Jesus transformou a água em vinho (Biblia Sagrada, 1993, p. 1518).

Num terceiro momento, estava Jesus a pregar, quando um dos presentes lhe anunciou: “Olha, Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar contigo”, ao que Jesus respondeu: “Quem é a minha mãe e quem são os meus irmãos?”. E, estendendo a mão para os discípulos, Jesus disse: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos, pois todo aquele que faz a vontade do meu Pai que está no Céu, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Biblia Sagrada, 1993, p. 1388).

Uma quarta referência acontece quando pregado na cruz, Jesus dirige-se à mãe indicando João e proferindo o seguinte: “Mulher, eis aí o teu filho”. E a João: “Eis aí a tua mãe” (Biblia Sagrada, 1993, p. 1557).



Figura 1 - Pietá de Michelangelo (1499)
Fonte: culturagenial.com - consultado a 5.05.2020
[_https://www.culturagenial.com/pieta-de-michelangelo/](https://www.culturagenial.com/pieta-de-michelangelo/)



Figura 2 - As bodas de Caná de Paolo Veronese (1563)
Fonte: segredosdeparis.com - consultado a 20.03.2020
<https://segredosdeparis.com/segredos-e-historias-sobre-as-bodas-de-cana-de-veronese/>

Numa leitura reflexiva, aos textos mencionados, apenas emergem estas referências relativas à relação filho-mãe. Contudo, elas não traduzem a importância que é dada a Nossa Senhora no catolicismo e não justificam de modo algum o culto mariano em torno desta figura sagrada. Como tal, segundo Jorge Duarte¹ (2020) esta prática assenta em fundamentações muito mais práticas do que teológicas que para a compreender é necessário analisar momentos da história da Igreja.

Em 1563 dá-se o término do 19º concílio ecuménico da Igreja Católica, convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé e a disciplina eclesiástica, no contexto da reforma da Igreja Católica e da reação à divisão então vivida na Europa devido à reforma protestante, designado por Concílio de Trento. Neste concílio foram tomadas algumas decisões importantes para a Igreja, acima de tudo na prática religiosa, que fizeram com que a Igreja e a liturgia sejam aquilo que, hoje, podemos vivenciar (Silvestre, 2014).

Uma das decisões tomadas, está relacionada com a imagem de Maria Madalena e de Nossa Senhora, descrita nos textos sagrados. Até então, não se sabia ao certo a identidade de Maria Madalena, até ao ponto de se dividirem opiniões. Uma das partes estabelece a identidade de Santa Maria Madalena como irmã de Lázaro e Marta, uma mulher de famílias abastadas, que deixou tudo em prol do amor a Jesus. Já outros, seguindo o evangelista S. Lucas (Bíblia Sagrada, 1993, p. 1476), têm-na como pecadora, uma prostituta, que deixa a vida de pecado e segue Jesus, depois deste a ter libertado de sete demónios. A última, foi assumida como a mais fidedigna, ou mais conveniente, enquanto exaltaram a imagem da Virgem Maria, como o elo mais fiel e próximo de ligação com Deus.



Figura 3 - A conversão de Maria Madalena de Paolo Veronese (1548)

Fonte: meisterdrucke.pt – consultado a 06.08.2020 <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Paolo-Veronese/678592/A-convers%C3%A3o-de-Maria-Madalena.html>

¹Jorge Duarte licenciado em História/Ramo Científico, mestre em História Ibero Americana, Pós-Graduado em Ciências Documentais e doutorando em História Moderna na Universidade do Minho, com a investigação e tese subordinada ao tema: “A Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta: contexto e dinâmicas (séculos XVI-XVIII)”

No seguimento destas tomadas de posição, onde se abrevia a importância de Maria Madalena no catolicismo, e se dilata a imagem da Mãe do Salvador, inicia-se o processo de marianização da Igreja. Processo que avança pelo território português e faz com que as capelas e igrejas passem a ser devotadas a Nossa Senhora e que os oragos iniciais vão perdendo a sua importância. A partir desse momento, a Virgem Maria, assume o papel como protetora de todos e de todas as coisas, sendo chamada a ajudar e auxiliar, e, em Portugal, é devotada desde o início do território português (Duarte, 2020).

D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, durante o seu reinado fez várias concessões a Nossa Senhora. Sob o epíteto de Santa Maria Bracarense agradece-lhe pela ajuda atribuída na manutenção do seu território. Engrandeceu, ainda, a Sé de Braga elevando-a a templo nacional, ao mesmo tempo que nomeava Santa Maria de Braga, como padroeira do território portugalense. Ainda na segunda dinastia, todos os reis praticavam o culto à imagem de Santa Maria de Braga, agradecendo o auxílio prestado para a manutenção da independência do novo reino (Nossa Senhora da Conceição, Padroeira e Rainha de Portugal, 2014).



Figura 4 - Sé de Braga, interior

Fonte: diocese-braga.pt - acedido a 25.04.2020
<https://www.diocese-braga.pt/arquidiocese/221/5918>

Também na dinastia iniciada por D. João, Mestre de Avis, fala-se de D. Nuno Alvares Pereira. Devoto de Santa Maria, pede intercessão para as batalhas de Valverde, Atoleiros e Aljubarrota. Por esta ter atendido às suas preces, ergue a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e encomenda, em Inglaterra, a imagem que se torna o seu orago (Nossa Senhora da Conceição, Padroeira e Rainha de Portugal, 2014)

A 25 de março de 1646 D. João IV, organiza uma cerimónia solene em Vila Viçosa, de modo a agradecer a Nossa Senhora a restauração da independência em relação a Espanha. Neste auto de

fé, D. João oferece à Senhora da Conceição a coroa portuguesa, colocando-a a seus pés e proclamando-a Padroeira e Rainha de Portugal. Desde então, a coroa portuguesa passa a pertencer, apenas, a Nossa Senhora e em cerimónias solenes, a mesma surge ao lado do rei, colocada numa almofada (Nossa Senhora da Conceição, Padroeira e Rainha de Portugal, 2014).

A devoção à, agora, Rainha de Portugal continua ao longo dos tempos, tendo sido marcada com a oficialização da celebração da Solenidade da Imaculada Conceição, mandada celebrar em todas as igrejas do território pelo rei D. João V em 1717 e mais tarde, no reinado de D. João VI, marcada com a fundação da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa (Nossa Senhora da Conceição, Padroeira e Rainha de Portugal, 2014; Couto, 2015).



Figura 5 - Imagem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa
Fonte: agencia.ecclesia.pt <https://agencia.ecclesia.pt/portal/imaculada-conceicao-tradicao-de-seculos-convida-novas-geracoes-a-peregrinar-a-vila-vicosa/>

O culto mariano em Portugal, foi permanecendo ao longo do tempo e a Mãe do Salvador foi sendo evocada para ajudar os mortais terrestres, nos momentos de conflito. Em 1942, após a fenomenologia ocorrida em Fátima, em 1917, as mulheres portuguesas oferecem a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, uma coroa, chamada de coroa preciosa, composta pelas suas joias, em modo de agradecimento, por Portugal não ter entrado na Segunda Guerra Mundial e poupá-las, assim, de grande angústia e tormento (Albuquerque, A Coroa Rica de Nossa Senhora de Fátima, 2016).

1.1. Sete Irmãs, Sete Senhoras

Depois do fenómeno de Fátima, o catolicismo em Portugal tomou rumos mais sentidos e alargados e a devoção a Nossa Senhora de Fátima tornou-se o catalisador da vida religiosa do povo português. Centro religioso da nação, Fátima guindou-se, também, como altar religioso do mundo. As peregrinações multiplicaram-se, os milagres físicos e sobretudo morais, ali realizados, incentivaram a fé de muita gente. A vida cristã revigorou-se com as viagens da Virgem Peregrina pelo país e pelo mundo, e Portugal reencontrou-se como ‘Terra Santa de Maria’ (Dias, 1987, p. 234).



Figura 6 - Visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima a Freixo de Espada à Cinta, anos 60.

Fonte: Arquivo de António Basaloco



Figura 7 - Visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima a Freixo de Espada à Cinta, anos 60.

Fonte: Arquivo de António Basaloco

Pela confiança, o povo cristão acredita na proteção e intercessão da Virgem Maria e dos Santos junto de Deus, sendo deste modo, como que a mola acionadora da religiosidade popular. Pelo seu temperamento sentimental, o povo português manifesta particular confiança em Maria porque, sendo a mãe de Jesus, vê-a igualmente como mãe dos homens. Maria é a mulher mãe, a mãe de todas as mães, em quem se procuraram e encontraram as virtudes e qualidades que procuramos na mãe terrestre. Daí as múltiplas invocações que o povo lhe dirige para cativar as suas graças e bênçãos, o seu carinho e proteção. Contudo, o que é curioso de notar é que as invocações e títulos dados a Nossa Senhora têm sempre uma dimensão funcional. Entre as demais, a mais evidente pode ser assinalada como uma dimensão geográfica, bastante diferenciada, em que o nome de Nossa Senhora aparece associado a freguesias e cidades, serras e montes, campos e vales, cobrindo a paisagem portuguesa de norte a sul, do interior ao litoral (Dias, 1987, p. 236).

Estas dimensões, por muito funcionais que sejam, são sempre fundamentadas através de mitos e lendas. Fundamentações, que vão correndo o país enumerando milagres e aparições, dando origem a ermidas e santuários espalhados por todo o território português.

Segundo Maria da Assunção Jácome Vasconcelos na obra “Inventário das Visitas e Devassas” (2011), que apresenta dados do Inquérito Paroquial de 1758, até finais do séc XVIII, na região de Bragança bem como nos atuais distritos de Viana do Castelo, Braga e Vila Real, os principais cultos e devoções eram maioritariamente dirigidos a Nossa Senhora. Contudo, como demonstra o quadro seguinte, outras figuras sagradas faziam parte das preferências do povo para lhes dedicar a sua fé.

Quadro 1 - Devoções e Invocações (Guerreiro, 2019, p. 84)

<i>Devoções /Invocações</i>	<i>Total</i>	<i>%</i>
Nossa Senhora	449	26,9%
Santas	111	6,6%
Almas	71	4,2%
Paixão	196	11,7%
Santíssimo Sacramento	98	5,8%
Santos	655	39,3%
Pessoas da Santíssima Trindade	84	5,0%
Total	1664	99,5%

Desde a Senhora da Oliveira à Senhora da Encarnação, da Senhora do Pranto à Senhora da Assunção. Dos Remédios, da Expectação, da Anunciação ou da Conceição. Sob vários epítetos, era esta venerada. Contudo, em 1758, Nossa Senhora do Rosário representava 53.1% das invocações à Virgem Maria (Guerreiro, 2019, p. 86).

Na mesma região, mas falando agora, apenas, no distrito de Bragança, a Senhora “mãe de Deus, rainha dos Anjos e dos santos” (Catecismo), é invocada em 449 paróquias num total de 417. Valores que revelam que em muitas paróquias, a Virgem era invocada sobre diferentes títulos (Guerreiro, 2019, p. 85). Tão adorada era a Senhora pelos povos transmontanos que, com o passar dos anos, uma lenda vai passando de geração em geração mantendo bem presente a devoção a Nossa Senhora: A Lenda das Sete Senhoras, Sete Irmãs.

Daí que “corre voz em todo o distrito de Bragança e em algumas terras fronteiriças espanholas que os sete santuários marianos mais altos do distrito são habitação das Sete Senhoras Irmãs” (Mourinho, 1961). Tendo a geografia que o prova, a lenda conta que os santuários e ermidas localizados nos cumes dos montes mais altos do distrito de Bragança e devotados a Nossa Senhora se avistam todos uns dos outros. Desta forma as populações levam durante gerações a mensagem de que as Senhoras se avistam umas às outras, e que deste modo comunicam entre si todas as manhãs. Chamam-lhes as Sete Irmãs. Seis localizadas em território Português: a Senhora da Serra, em Bragança. Duas no concelho de Miranda do Douro, a Senhora da Luz e a Senhora do Naso. A Senhora da Saúde no concelho de Vinhais. A Senhora da Assunção, em Vilas Boas –

Dos Montes Ermos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos

concelho de Vila Flor. E a Senhora das Neves no concelho de Alfandega da Fé. Resta uma, em território Espanhol, em Perenã de la Ribeira, província de Salamanca, a Senhora do Castelo, em espanhol Virgen del Castillo (Mourinho, 1961; Guerreiro, 2019).

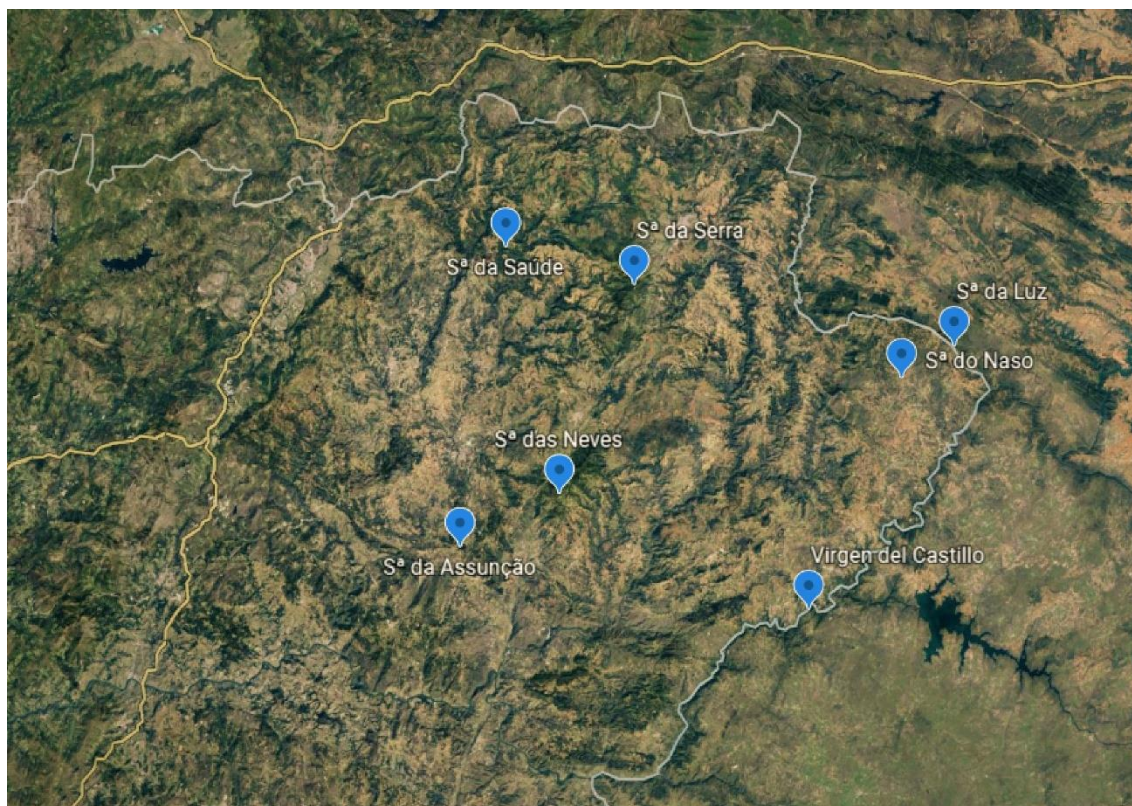


Figura 8 - Localização geográfica das ermidas das 7 Irmãs, 7 Senhoras

Fonte: Google Earth - 6.09.2020

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

1.1.1. Senhora da Assunção

O Santuário de Nossa Senhora da Assunção na aldeia de Vilas Boas é considerado o maior santuário mariano do Nordeste Transmontano. No concelho de Vila Flor, o santuário construído no século XIX, está implantado a mais de 760 metros de altitude, podendo ser observado desde a Serra do Marão (Guerreiro, 2019, p. 92). Dalí, admira-se uma paisagem deslumbrante que abrange as serras de Montesinho, Bornes, Mirandela e as vilas e aldeias vizinhas (Rodrigues, 2018, p. 8).



Figura 9 - Santuário de Nossa Senhora da Assunção

Fonte: Santuário de Nossa Senhora da Assunção acedido a 15.08.2020 - <https://www.facebook.com/SantuarioNossaSenhoraDeAssuncao/photos/a.389060537783866/972400372783210>



Figura 10 - Imagem de N. Sª da Assunção

Fonte: Santuário de Nossa Senhora da Assunção acedido a 15.08.2020 - <https://www.facebook.com/SantuarioNossaSenhoraDeAssuncao/photos/a.775138265842756/1525578867465355>

A história do Santuário da Senhora da Assunção recua a tempos remotos. Ao que tudo indica, à Idade do Ferro. Mas apenas em 1843 surgiu a data da primeira construção do atual santuário. O projeto de Manuel José da Costa Pinto sofreu alterações, tendo vindo a ser construído nos finais do século XIX (Rodrigues, 2018, p. 9).

Segundo reza a lenda, estando uma menina de 10 anos, natural do mesmo povoado, junto a um ribeiro lavando, esta sentiu uma fragância tão admirável, que quando levantou a cabeça viu junto a si uma mulher muito bela e mais brilhante que o sol e que Esta lhe dissera para que não tivesse medo e que se aproximasse. Lançando-lhe a bênção, libertara-a da seza² de que sofria e revelou-se dizendo ser a Virgem Maria, a Senhora da Assunção (Guerreiro, 2019, p. 93).

“A lenda também conta que a Senhora lhe pedira que dissesse ao seu Ermitão que lhe concertasse o telhado da sua ermida e reparasse a sua Casa e quando duvidasse, o dissesse da sua parte à gente do povo, que jejuassem a primeira sexta-feira a pão e água; “ porque eu (dizia a Senhora) não cesso de pedir a meu Filho santíssimo

² Acesso de febre, intermitente ou periódica, precedido de frio e de calafrios.

por todos vós, que se eu não fora, já vos tivera assolado”, e que neste momento desaparecera” (Guerreiro, 2019, p. 93).

São-lhe atribuídas três aparições: 4, 7 e 8 de setembro de 1673, nas quais foram pedidos mais sacrifícios à menina. Hoje, aquando das festas em honra da Senhora da Assunção, a imagem da Virgem é levada, em procissão, do santuário para a Igreja de Vilas Boas, regressando a 15 de agosto. Neste dia, são muitos aqueles que se deslocam em romaria até ao Santuário de Vilas Boas, sobem a escadaria e dão graças e louvor à Senhora da Assunção pela sua intercessão junto do Seu filho, Jesus (Rodrigues, 2018, p. 9).

O santuário de Nossa Senhora da Assunção³, distanciado do santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos a aproximadamente 41 quilómetros em linha reta (76 km pela estrada), assume-se como o maior santuário mariano do nordeste transmontano não apenas pela sua grande romaria mas, também, pela sua composição arquitetónica. Para se chegar ao santuário existem duas alternativas. Uma automóvel, a entrada Sul, marcada pela rotunda dos Evangelistas, onde se encontram presentes 4 estátuas em granito destas figuras bíblicas. A outra alternativa, orientada a Poente, trata-se de um caminho pedonal que liga a aldeia de Vilas Boas ao Santuário, através da primeira escadaria composta por 6 lances de escadas e 5 patamares. Percorrido o último lance desta primeira escadaria, o visitante atinge o primeiro nível do santuário, a 720 metros de altitude. É composto por um presbitério exterior, destinado às celebrações eucarísticas dos dias de maior afluência, um espaço de apoio ao presbitério, onde os ministros sagrados se preparam para as celebrações, um espaço de apoio aos visitantes com instalações sanitárias e enfermaria, ambos subterrâneos, impercetíveis na composição e na paisagem, e uma estátua do Papa Pio XII. Para complementar a grandeza desta grande praça, encontra-se um pórtico de betão branco, com aproximadamente 6 metros de altura, que convida o visitante a seguir caminho até ao topo do monte, através da escadaria que antecede. Esta escadaria central é apoiada por duas escadarias laterais e são compostas por seis lances de escadas e seis patamares. Todos os patamares contam com a presença de espaços verdes que se assumem como uma extensão da praça. Nos quinto e sexto patamares encontram-se, respetivamente, duas e uma capelas com cenas bíblicas, relacionadas com a vida de Maria e de seu filho. Subindo mais três lances de escadas, atinge-se o segundo nível do santuário, a uma altitude de 745 metros. Um nível envolvido pela natureza, onde predominam espécies como o pinheiro, destaca-se a presença de mais duas capelas temáticas e um coreto central que se agregam ao grande espaço para celebrações religiosas, conhecido por Cripta. Inaugurada a 14 de agosto de 2017, foi desenhada sob a forma de meio círculo e é usada durante as celebrações da Festa da Senhora da Assunção e em outras como as festas de Santa Eufémia e da Ascensão do Senhor. Continuando a subida pelo monte, depois de doze lances de escada, atinge-se o topo do santuário. A 753 metros de altitude consegue-se contemplar

³ Elevado a Santuário Diocesano a 24 de julho de 2016 por D. José Manuel Garcia Cordeiro, Bispo da Diocese de Bragança-Miranda, no encerramento da visita pastoral a toda a diocese.

toda a paisagem do nordeste transmontano mas, acima de tudo vive-se a fé e a devoção a Nossa Senhora. A Casa dos Milagres, a nascente, a Casa da Confraria, destinada à venda de recordações e o tocheiro, a norte, completam o conjunto arquitetónico do santuário juntamente com a capela de Nossa Senhora da Assunção.

Datada de meados do século XIX, a capela apresenta características barrocas. As fachadas em granito em tons amarelados e reboco branco fazem jus à verticalidade imposta pelo corpo central rematado pelo grande frontão. Os quatro pilares marcam o ritmo da fachada, onde os dois centrais aparentam estender-se até ao campanário e os laterais, aparentemente, se estendem para lá da cornija, sendo adornados por pináculos. O campanário assume-se como o ponto mais perto do céu, através do coruchéu em granito e reboco branco, representa a união do céu e a esperança traduzida pela verticalidade da fachada. Para além disto, a fachada da capela da Senhora da Assunção é bastante característica devido ao acumular de ornamentação. Nota-se a presença das colunas ornamentadas com volutas nos capiteis. Os diferentes pináculos nas colunas e no campanário, o nicho com a imagem de Nossa Senhora – Rainha do Céu e a aplicação da curva no janelão e em parte da cornija, que faz uma oposição à ideia estática imposta pela verticalidade.

De planta longitudinal regular, o espaço está dividido em dois: a nave e o altar-mor com largura ligeiramente inferior à da nave. Quanto à primeira, é nesta que estão presentes os três acessos à capela: o principal orientado a poente e dois laterais orientados a norte e a sul, todos ornamentados com temas florais em talha dourada e pormenores a branco e ciano. É sobre eles que se encontra o coro composto por um órgão de tubos que delimita assim, o espaço de átrio de entrada na capela. A nave conta com dois altares laterais. O altar do lado norte, é devotado a Santa Eufémia e conta, também, com as imagens de Santo António e S. José. Já o altar no lado sul conta com as imagens da Imaculada Conceição e de S. Brás, embora seja dedicado à Ascensão do Senhor. O altar-mor é onde se encontra o mobiliário do ministério sagrado: o altar, o ambão e a cadeira presidencial. O grandioso retábulo dedicado à Senhora da Assunção conta com a imagem da mesma no centro, com a imagem do Sagrado Coração de Maria à sua direita e com a imagem do Sagrado Coração de Jesus à sua esquerda. Na parede lateral do lado norte, encontram-se dois nichos, onde um alberga a imagem da Sagrada Família e o outro cumpre funções de credência⁴. O mesmo acontece no lado sul. Um dos nichos cumpre funções de auxílio, sendo que o outro alberga a imagem de Nossa Senhora da Assunção, que sai em procissão durante as festividades, juntamente com os seus vestidos e mantos. Todos os altares seguem a mesma linguagem e características barrocas, apresentando motivos florais em talha dourada, o que permite dar harmonia ao espaço ao mesmo tempo que o glorifica prolongando-se até aos tetos.

⁴ Pequena mesa que se coloca num lugar discreto do presbitério e sobre a qual, antes da Missa, se coloca tudo o que vai ser preciso para os momentos da celebração.

Dos Montes Ermos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos

Os tetos surgem em arco revestidos a estuque assumindo-se como um prolongamento harmonioso das paredes, que apresentam as mesmas características. Esta ligação física e visual entre as paredes e os tetos cria no observador a ilusão de um espaço maior, ao mesmo tempo que ascende ao infinito, na procura de Deus.

Quanto à iluminação, a luz entra na capela através de sete janelões: um na fachada principal iluminando o coro, três na fachada norte, sendo que dois iluminam a nave e um o altar mor, e três na fachada sul iluminando o mesmo que a sua fachada oposta. Ainda na fachada posterior, orientada a nascente, nota-se a existência de três vãos. Não se encontrando a presença de sacristia nesta capela, estes vãos iluminam um espaço por detrás do altar-mor que faz a ligação do interior da capela com o exterior.

1.1.2. Senhora das Neves

No concelho de Alfândega da Fé, perto das aldeias de Covelas e Sambade, na escosta da Serra de Bornes situa-se o Santuário de Nossa Senhora das Neves. Dele, é possível observar todo o concelho de Alfândega da Fé, bem como os concelhos de Torre de Moncorvo e Mogadouro.

Sem registos da sua construção, a capela é o abrigo da Senhora das Neves, onde permanece durante o ano. Por ocasião das suas festas, no mês de agosto, a imagem da Virgem segue em procissão, da sua capela até à aldeia de Sambade onde lhes são dedicadas todas as celebrações. No fim das celebrações, a imagem regressa ao seu santuário, onde são realizadas as últimas celebrações religiosas em seu louvor (Sambade, 2020).



Figura 11 - Capela de N. Sª das Neves

Fonte: Freguesia de Sambade
<https://www.facebook.com/freguesiadesambade/photos/a.202085313320103/202090079986293> - acedido a 3.05.2020



Figura 12- Imagem de N. Sª das Neves

Fonte: Comissão de Festas em Honra de Nossa Senhora das Neves 2019/2020
<https://www.facebook.com/111652486908716/photos/a.132671884806776/347259450014684/> - acedido a 3.05.2020

Reza a lenda que os habitantes de uma pequena povoação, existente naquele lugar, tinham uma enorme devoção à Virgem Maria. Por todas as interseções e auxílios, o povo decidiu construir uma capela em sua honra. Escolheram o sítio, os obreiros e os materiais e lançaram mãos ao trabalho. Porém, no dia seguinte, quando regressaram ao local da obra, todas as ferramentas tinham desaparecido e deslocadas para a encosta da serra de Bornes. Julgando tratar-se de uma brincadeira de mau gosto, foram buscá-las e retornaram ao trabalho. A mesma situação ocorreu nos dias seguintes, sem que houvesse uma explicação lógica para o sucedido e tal repetição, levou a população a pensar que Aquela para quem construíam, não concordava com o lugar escolhido para a capela. Depois disto surgiram muitas questões, inclusive acerca do local a eleger para a construção. Certo dia, reparam que tinha começado a nevar no local da encosta onde as ferramentas apareciam reunidas todas as manhãs. Era agosto, o sol brilhava e o céu estava limpo, mas aquele lugar ficara todo coberto de uma espessa camada branca de neve. Dando conta desta ocorrência, que de um milagre se tratava, decidiram seguir a vontade divina e ergueram aí a

capela em honra da Virgem Maria, surgindo assim o nome de Nossa Senhora das Neves e o nome do santuário (Guerreiro, 2019, p. 94).

O santuário de Nossa Senhora das Neves está localizado na estrada nacional 206 que liga Alfândega da Fé a Mirandela ficando e distanciada do santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos a aproximadamente 39 quilómetros em linha reta (67,4 km pela estrada). Orientada a Sudoeste, a sua linguagem arquitetónica pouco tem de complexidade, uma vez que é composto, apenas, pela capela. Antecedendo esta, encontra-se uma praça ampla ladeada a Noroeste por edifícios em banda de funções desconhecidas, cuja ligação com a capela se desconhece, e pontuada por um cruzeiro em granito amarelo, descentralizado. Ao corpo da principal é adicionado um elemento construído com características vagamente semelhantes às da capela, que assume funções de sacristia.

A capela, de que não se conhece a data da construção, apresenta métodos construtivos de arquitetura popular como as paredes construídas, aparentemente, em tijolo de alvenaria rebocadas e pintadas a branco e a cobertura de duas águas em telha lusa. Porém, a fachada na mesma materialidade, apresenta um desenho com características singulares. Exemplo disso, são as formas geométricas no seu desenho (quadrado e triângulo), as linhas retas presentes nos beirais e a métrica conseguida com os vãos verticais e com a porta lembrando a fachada do Pavilhão Polaco em Paris⁵. Outras características notórias mas que não seguem a mesma linguagem são o lambrim exterior em lajetas de granito amarelo, o revestimento dos cantos exteriores e a moldura da porta também em granito amarelo e a presença de dois pináculos em granito amarelo desgastados. Ainda na fachada, sobre a porta, encontra-se uma aplicação no mesmo material com um recorte em cruz, que permite a entrada de luz para o interior, e um sino sob o beiral que faz alusão aos campanários dos grandes templos.

No interior da capela, o espaço está dividido em dois: A nave, destinada aos fiéis e o presbitério, destinado aos ministros sagrados. No presbitério, encontra-se o mobiliário litúrgico em granito e um painel em azulejos alusivo à Senhora das Neves em estado de degradação. Ainda no presbitério, do lado Noroeste, existem três nichos: um que alberga uma imagem de Nossa Senhora de epíteto desconhecido, outro alberga a imagem do Menino Jesus e o outro de função desconhecida, mas supõe-se que seja o albergue da imagem de Nossa Senhora das Neves. Já no lado Nordeste existem três vãos que iluminam o espaço. Quanto à nave, é iluminada por 6 vãos verticais distribuídos pelas duas paredes laterais seguindo a métrica da fachada. Aqui, podemos encontrar a imagem de S. Brás, do Sagrado Coração de Jesus, de Nossa Senhora do Rosário e de Cristo Crucificado. De um modo geral, as paredes são estudadas e pintadas a branco, à exceção da parede posterior ao altar, e adornadas com um lambrim. Tanto o lambrim como os tetos da capela são em ripado de madeira tratado. Já o piso da capela é revestido a lajetas de granito amarelo e conta com uma ‘passadeira’ em granito preto que liga o visitante ao altar.

⁵ Exemplo de arquitetura art déco da autoria dos arquitetos Józef Czajkowski, Wojciech Jastrzębowski na Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas de Paris em 1925.

1.1.3. Senhora da Saúde

A aproximadamente 10km do Parque Natural do Montesinho, na aldeia de Vale de Janeiro, concelho de Vinhais, o alto de um monte é o lugar escolhido para uma grande romaria. A Romaria de Nossa Senhora da Saúde. Todos os que nela participam, seguem uma tradição secular de se deslocar até à capela da Senhora da Saúde para lhes dedicarem as suas conquistas e vitórias. Vêm dos concelhos vizinhos de Valpaços, Vinhais, Macedo de Cavaleiros, Mirandela e até de mais longe, como do distrito de Vila Real (Guerreiro, 2019, p. 92).

Pouco se sabe da história do local, de que modo e quais as razões para a construção da capela. Contudo, elementos arqueológicos presentes no local podem justificar as estórias que o povo mantém vivas e presentes com o passar das gerações (Guerreiro, 2019, p. 92).



Figura 13 - Capela de N. Sª da Saúde.

Fonte: Padre Paulo Pimparel, março de 2020

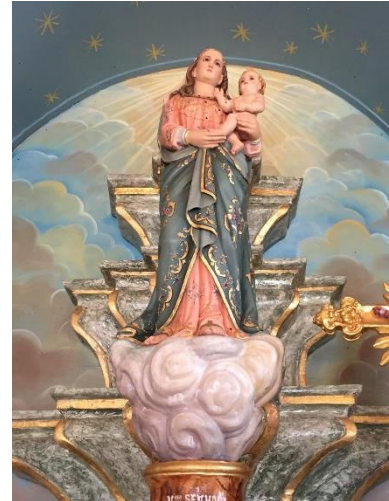


Figura 14 - Imagem de N. Sª da Saúde.

Fonte: Padre Paulo Pimparel, março de 2020

Dizem os mais antigos, que perto da capela dedicada à Senhora da Saúde existe uma fraga que de normal nada tem. Estranham, então, que esta esteja perfurada, apresentando um orifício estreito profundo. Afirmam, não ser de origem natural e que Nossa Senhora é a responsável pelo mesmo. Dizem ser de um sombreiro que pertenceu à Virgem Maria, e que o colocara ali enquanto descansava (Guerreiro, 2019, p. 92).

Outros achados do local são utilizados pelos populares como forma de justificarem a presença de Nossa Senhora no local. Uma marca noutra rocha, uma perfuração menos profunda e mais larga, diz respeito à pegada de um mouro. Diz a lenda que enquanto este perseguia Nossa Senhora, esta terá fugido para o alto do monte, onde se refugiou. Neste local está hoje, erguida a capela de Nossa Senhora da Saúde, onde outrora o povo lhe prestou homenagem e hoje se celebra a Romaria da Senhora da Saúde (Guerreiro, 2019, p. 92).

A capela de Nossa Senhora da Saúde está localizada a 78 quilômetros em linha reta do santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos (136 km pela estrada). Orientada a Sul, assume-se como elemento principal no seu santuário, complementado por outros edifícios de funções desconhecidas, mas que se supõe servirem de auxílio nas romarias à Senhora da Saúde. Alguns destes edifícios são os primeiros elementos com que o visitante se depara, sendo seguidos de uma primeira escadaria que culmina numa praça ampla. De acordo com alguns arquivos fotográficos, neste patamar está presente um elemento construído que cumpre funções litúrgicas, sendo destinado ao presbitério durante as celebrações. Para atingir um outro patamar é necessária a subida de mais uma escadaria, desta vez com menor número de degraus. É neste patamar que se encontra a capela acompanhada por adros murados e por elementos edificados auxiliares.

A capela, de data de construção desconhecida, apresenta as suas paredes em bom estado de conservação. De alvenaria de pedra, rebocadas e pintadas a branco, contrastam com a cobertura de duas águas em telha lusa, estruturalmente com asnas em madeira, que se apresenta em muito bom estado de conservação, o que pressupõe que tenha sido intervencionada há relativamente pouco tempo.

A fachada com linhas simples, que segue o desenho do arquétipo da casa, é caracterizada como arquitetura popular e onde se evidencia a presença de pináculos e uma cruz em granito, substituindo o campanário habitual em capelas com as mesmas características. A porta principal em madeira, conta com uma moldura em granito amarelo, tal como os pequenos vãos. Assumindo-se como um acrescento à capela, encontra-se um alpendre frontal, que devido às suas características construtivas se supõe não ser da mesma época de construção da capela. A fachada lateral Este, voltada para o grande adro murado e para a escadaria, é composta por uma entrada secundária e dois vãos, tendo um deles a função de iluminação do altar.

A capela, com área bastante reduzida e planta alongada, não consegue albergar todos os devotos que a procuram, uma vez que assume uma organização anormal para um templo religioso. Onde deveriam existir duas filas de bancos com um espaço de circulação central, existe apenas uma fila de assentos encostada à parede Oeste e um corredor de circulação encostado à parede Este. Todas as paredes são estucadas e pintadas a branco à exceção da parede que alberga o altar da Senhora da Saúde. Um retábulo pintado com cores alegres, alberga a imagem da Senhora da Saúde ao centro, a imagem de Nossa Senhora de Fátima à esquerda e as imagens de S. José e do Menino Jesus à sua direita. De construção e estilo desconhecido, o retábulo segue as mesmas linhas artísticas que o restante mobiliário litúrgico. O teto, com aparência recente, é forrado com ripado de madeira, ao mesmo tempo que o piso é revestido a ladrilhos cerâmicos.

1.1.4. Senhora da Serra

A 1320 metros de altitude, na Serra da Nogueira ou Serra da Pena Mourisca, em Bragança localiza-se o santuário dedicado a Nossa Senhora da Serra. Devido à sua altitude, desde o mês de outubro até ao final da primavera, o recinto torna-se muito frio e, por isso, as suas festividades anuais são realizadas no final de agosto/ início de setembro. Aquando da festa, muitos são aqueles que alugam quartos, contruídos para esse efeito, a fim de pernoitarem nos dias da novena (Guerreiro, 2019, p. 89).



Figura 15 - Santuário de N. S^a da Serra

Fonte: Santuários Marianos de Portugal

<https://www.facebook.com/santuariosmarianos/photos/pcb.1769431990003759/1769431690003789/> - acedido a 07.09.2020



Figura 16 - Imagem de N. S^a da Serra

Fonte: Confraria da Senhora da Serra
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=883566368463006&set=pb.100004289520418.-2207520000.&type=3> - acedido 23.08.2020

A origem do Santuário de Nossa Senhora da Serra é anterior à formação do território português. Conforme conta a lenda, por essa altura, enquanto uma pastorinha muda pastoreava o seu rebanho, uma Senhora muito linda, apareceu e lhe pediu para dizer ao juiz e à população da aldeia de Rebordãos que lhe edificassem uma ermida no ponto mais alto da Serra da Nogueira. Assim fez a menina. Como esta estava curada da mudez e que de um milagre se tratava, todos acreditaram naquilo que lhe foi dito por parte da Senhora e, assim, cumpriram a sua vontade. Contudo, quando começaram as obras da construção, os obreiros, que teriam de subir o monte até ao cume, decidiram construí-la no início da subida, uma vez que se tratava do mesmo monte, a “Santa” não se deveria importar e, assim, a ermida não estaria sujeita às intempéries. Todavia, iniciaram a obra, e toda a parede que era construída durante o dia, era derrubada durante a noite. Tantas foram as tentativas, que a Senhora decidiu voltar a aparecer à menina transmitindo que no dia seguinte o local onde devia ser construído o templo, havia de estar marcado com neve. Assim aconteceu, a 5 de agosto, com altas temperaturas, caiu neve e marcou o local. O milagre foi reconhecido pelos habitantes de Rebordãos e iniciou-se a construção do templo demarcado pela simplicidade (Guerreiro, 2019, p. 90; Rodrigues, 2018, p. 12).

A imagem original de Nossa Senhora da Serra, datada do século XVIII foi venerada no santuário até ao final do século XX. Talvez pelo seu estado de conservação, acabou por ser deslocada para uma capela, construída com o propósito de a acolher. Com motivos desconhecidos, a imagem

tornou a mudar de lugar e foi transferida para a Igreja Paroquial de Rebordãos, onde lhe foi dedicado um altar. A capela foi ocupada por uma imagem de Santa Teresinha que hoje lhe dá nome. Já no santuário, encontra-se uma imagem da Senhora da Serra, datada ao século XX, à qual os peregrinos e visitantes prestam o culto e devoção.

A capela de Nossa Senhora da Serra está orientada a Oeste, ficando distanciada do santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos a aproximadamente 68 quilómetros em linha reta (130km pela estrada). O Santuário tem uma linguagem arquitetónica complexa, sendo composto por diversos elementos construídos.

A capela, elemento principal, localiza-se na cota mais alta do lugar. De traços simples e seguindo características da arquitetura popular, a fachada impõe-se através da entrada. Um arco de volta perfeita centrado e complementado por um óculo circular, assume-se como elemento dominante da fachada. Em granito amarelo, tal como a moldura do óculo e os cunhais, contrapõe-se com o reboco pintado a branco das paredes em alvenaria de pedra. É ainda ornamentada com pináculos e um campanário central, também em granito amarelo, que acolhe uma sineta datada de 1894.

O seu interior está dividido em duas zonas principais: a nave e o presbitério. É do presbitério que se consegue acesso para a capela da reconciliação, a Norte, onde permanece o Santíssimo Sacramento e a imagem de S. Marcos, e para a Sacristia, a Sul. Na área de celebrações o mobiliário litúrgico em granito amarelo é complementado com o retábulo de características barrocas, em talha dourada. Neste, permanecem, atualmente, as imagens da Senhora da Serra, ao centro, a imagem de Santa Ana, a Norte, e a imagem de S. Joaquim, a Sul. Já a nave, é composta por dois retábulos laterais com as mesmas características que albergam as imagens do Sagrado Coração de Jesus e de Madre Teresa de Calcutá. Todas as suas paredes são estucadas e pintadas a branco, com um lambrim em azulejo pintado com motivos florais em tons de amarelo e azul. Os tetos em madeira mostram a estrutura da cobertura que é apoiada em colunas de granito amarelo de diferentes secções – circular, quadrangular e hexagonal – como capiteis trabalhados em motivos florais. Do mesmo material é construído o piso da capela que se replica nos arcos em ogiva nas entradas para a Sacristia e para a Capela da Reconciliação.

No seu exterior podemos encontrar diferentes tipos de elementos construídos. Elementos artísticos, como são as estações da via sacra, dispostas por todo o santuário, e o Cruzeiro. Este, assume-se como elemento central de uma ligação entre a capela da Senhora da Serra e a Capela de Santa Teresinha. Os outros elementos construídos assumem-se como edifícios de apoio às celebrações. Os onze edifícios de alojamento que permitem aos peregrinos pernoitar entre os dias das festividades, o edifício ‘Tabernas’ onde se podem fazer algumas refeições, e o Edifício ‘Marconi’ dedicado aos jovens, que lhes possibilita a participação em atividades lúdicas e formativas durante as celebrações. Todos estes edifícios estão dispostos num grande espaço amplo ao redor da capela, que é usado como recinto de feiras durante os dias.

1.1.5. Senhora do Nazo

A poucos quilómetros de Miranda do Douro, no lugar da Cruz das Lombardas, na freguesia da Póvoa, encontra-se o santuário de Nossa Senhora do Nazo. Em plena região mirandesa, a Senhora é muito venerada por todo o povo do planalto mirandês. Todos os anos, em agosto, por ocasião das suas festas, muitos forasteiros, principalmente emigrantes, se deslocam até ao santuário, de onde se avista um magnífico panorama composto por terras portuguesas e espanholas (Guerreiro, 2019, p. 90).

A documentação histórica sobre a origem do santuário surge a partir do séc. XVI, mas acredita-se que tenha mais de mil anos. Teoria fundamentada com vestígios encontrados de uma antiga estrada romana e de uma figura de um mouro em médio relevo. Estes elementos arquitetónicos foram sendo descobertos na área do santuário com as sucessivas alterações à estrutura religiosa, como o portal da igreja. Esta remonta ao séc. XIX, resultante de uma outra que existia no local. Apresenta um retábulo em talha barroca e cinco capelas mais pequenas dedicadas aos cinco mistérios do terço, contruídas no séc. XX. Salientam-se as pinturas das paredes sobre a vida de Jesus e Maria e sobre as lendas que lhes estão associadas.



Figura 17 - Santuário de N. Sª do Nazo

Fonte: Google Earth acedido 6.09.2020



Figura 18 - Imagem de N. Sª do Nazo

Fonte: Santuário de Nossa Senhora do Nazo

<https://www.facebook.com/522881167865913/photos/a.522881514532545/1850927801727903/>
acedido a 25.04.2020

A primeira, conta que estando um pastor neste lugar guardando as suas vacas, lhe apareceu uma senhora muito bela envolta num perfume maravilhoso. Tal era a sua intensidade, que lhe pareceu de nardo⁶. Esta dirigiu-se a eu e pediu-lhe que erguesse naquele sítio uma capela em sua honra.

⁶ Nardo (*Nardostachys jatamansi*), também conhecido como espicanardo, nardo Indiano e jatamansi, é uma planta originária do Nepal, China e Índia cujo óleo essencial é usado como perfume ou para fins medicinais. É uma planta da família das gramíneas, que pode crescer até 1 metro de altura e que apresenta flores brancas

O homem respondeu que a sua esposa, por ser de génio e de condição terrível, não iria acreditar nele. A Senhora disse que sim, que ela havia de crer e para que não duvidassem, nessa mesma noite lhes mostraria o lugar onde deveria ser contruída a capela. Quando escureceu, viram que “uma procissão com muitas luzes pelo ar” (Guerreiro, 2019, p. 91), assinalava o local. Não sendo suficiente para convencer a mulher, esta não quis que o homem a construísse e como “castigo”, imediatamente ficou tolhida. Vendo-se castigada e acreditando no que lhe tinha sido comunicado, prometeu ajudar o marido na construção capela. Feita a promessa, recuperou a sua mobilidade e ação. Pondo a promessa em execução, começaram por acartar a pedra para a construção com o auxílio das vacas que, por mais que fossem carregadas, nunca deixaram de levar o carro nem se mostravam cansadas. Estavam sob proteção divina, pois quanto mais trabalhavam, mais engordavam (Guerreiro, 2019, p. 91).

Também corre a lenda do mouro e do cristão. Estando um homem cristão sob pena de prisão, prometeu à Senhora do Nazo que, se este se visse livre da prisão, lhe faria um poço junto à capela. Promessa feita, encontrou-se numa manhã, junto da capela da Senhora do Nazo. Estava preso como estava, com grilhões e algemas. Questionava-se como havia ido ali parar, uma vez que se na noite anterior se tinha deitado na enxerga de uma prisão. Vendo-se em liberdade, deu graças à Senhora do Naso e cumpriu com o prometido: fez junto à capela um poço muito fundo. Reza a lenda que o cesto utilizado para retirar a terra, ficou tão inteiro como se nunca tivesse sido usado. Como prova deste milagre, estão penduradas na capela de Nossa Senhora do Nazo, duas grilhetas de ferro, atribuídas ao acontecimento (Guerreiro, 2019, p. 91).

A capela de Nossa Senhora do Nazo está localizada a aproximadamente 130 quilómetros (95,8 km pela estrada) do santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos, ficando orientada a Oeste. O Santuário tem uma linguagem arquitetónica complexa sendo composto por diversos elementos construídos, implantados em duas áreas distintas separadas por um muro de pedra.

Este muro separa a área das celebrações religiosas da área das festividades profanas que juntas, criam a romaria da Senhora do Nazo. Na primeira, a área dita religiosa, encontra-se como elemento predominante no desenho do espaço, a capela. Esta é apoiada por um presbitério exterior que segue linhas contemporâneas embora apresente características de construção popular, e cinco capelas com cenas bíblicas. Todos estes elementos estão distribuídos pelo grande recinto murado diretamente interligados com o recinto exterior.

Neste, um espaço dedicado às festividades propanas consequentes das celebrações religiosas, encontram-se dois elementos construídos. O primeiro, trata-se de um coreto de planta retângular e construído em granito amarelo, que se supõe que seja utilizado para momentos culturais. O

e cor de rosa em forma de sino. A palavra nardo também ser sinónimo de perfume, porque o óleo aromático é usado para fazer perfumes. O bálsamo de nardo também tem várias propriedades medicinais, sendo usado no tratamento da pele (possui propriedades anti-inflamatórias, fungicidas e bactericidas), para tratar dor de angina, varizes ou hemorroidas. Além disso, também tem um efeito sedativo, sendo usado como calmante. Também possui características antissépticas, sendo usado para tratar problemas no sistema digestivo e respiratório.

segundo elemento é um edifício alongado, que serve para a exposição de gado durante os dias das festas.

Voltando à capela, a sua construção é feita em alvenaria de pedra rebocada e pintada a branco à exceção da fachada principal. Em granito amarelo, a fachada, torna a capela como o elemento visual de maior realce, uma vez que a sua verticalidade é acentuada pelo campanário duplo, faz a evocação da ligação entre o céu e a terra. A sua ornamentação é também um dos elementos que salta à vista. Desde o frontão que remata o corpo principal da fachada, ao uso de curvas e de pináculos.

No seu interior, contrastam com as paredes estucadas e pintadas a branco, o piso em pedra trabalhado com motivos florais, o teto em madeira à vista da estrutura que suporta a cobertura, e dos painéis de azulejos retratando as estações da via sacra. Na nave da capela, ressaltam à vista do observador quatro confessionários em granito amarelo e um púlpito no mesmo material. Ainda na nave, orientado a Norte, um retábulo barroco dedicado à Imaculada Conceição e que alberga as imagens de Santo António e do Sagrado Coração de Jesus. Seguindo as mesmas características barrocas, o retábulo do altar-mor. Em talha dourada, recebe as imagens de Santa Eufémia, da Senhora da Assunção e de Nossa Senhora do Nazo, a quem é dedicado. Ainda na parede lateral Norte do presbitério encontra-se a imagem de Nossa Senhora de Fátima.

O acesso ao interior da capela pode ser feito pela porta principal, voltada para a entrada do santuário, ou pela porta lateral voltada para o presbitério exterior. Seguindo a mesma orientação que a entrada lateral, é feita a iluminação natural da capela através de dois vãos, ficando um localizado no presbitério e o outro na nave.

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

1.1.6. Senhora da Luz

A capela dedicada à Senhora da Luz está situada no monte com o mesmo nome, na aldeia de Constatim, no concelho de Miranda do Douro. Único relevo que quase atinge os 900m onde se realiza uma das mais famosas romarias de Miranda do Douro e das terras vizinhas de Leão conhecida por “Festa Ibérica”. No último domingo de abril, romeiros e fiéis deslocam-se até ao interior do antigo castro, onde a capelinha esta implantada (Guerreiro, 2019, p. 90).



Figura 19 - Capela de N. Sª da Luz

Fonte: Google Earth - 28.08.2020



Figura 20 - Imagem de N. Sª da Luz

Fonte: jesuario.blogspot.com - acedido a 6.09.2020
<http://jesuario.blogspot.com/2014/04/nossa-senhora-da-luz.html>

Não se conhece a história do local, nem as razões para a construção da capela. Sabe-se que uma aparição ocorreu, e que a Virgem aparecida estava envolta de um enorme esplendor, dando origem ao cognome ‘da Luz’. Sabe-se, também, que a construção da capela foi como de um tratado se tartasse. Acordos entre portugueses e espanhóis, pela descoberta da terra onde seria construída a capela (Guerreiro, 2019, p. 90).

Segundo a lenda, os espanhóis desejavam que a Senhora estivesse do lado de Espanha. E feito um acordo com os portugueses, assim aconteceu. Iniciaram-se as obras para a construção da capela em território espanhol. Contudo, a vontade divina era que não fosse alí erguida e todo o trabalho realizado terá sido deitado por terra. Incrédulos do sucedido, acordaram, portugueses e espanhóis, que a capela deveria ser construída na raía. Os dois povos seriam abençoados pela presença da Virgem, e talvez fosse essa a sua vontade. O mesmo voltou a acontecer. Todo o trabalho realizado pelos obreiros, terá sido deitado por terra, manifestando-se mais uma vez a vontade divina. Com receio de que a Virgem não quisesse nenhuma capela erguida em sua honra, decidiram erguer em território português. Começadas as obras, o receio de que tudo fosse deitado abaixo era constante. Continuaram com a construção até que terminou, e aí, o povo devoto de Nossa Senhora da Luz, portugueses e espanhóis, perceberam a vontade da Virgem (Guerreiro, 2019, p. 90).

A capela de Nossa Senhora da Luz esta orientada a Oeste, ficando distanciada do santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos a, aproximadamente, 149 quilómetros em linha reta (101km pela estrada).

A ermida assume-se como um único elemento construído sendo composta pela capela e pelo presbitério exterior. Este é construído aproveitando o adro ficando elevado cerca de 50 centímetros em relação ao piso da capela. Este é composto por mobiliário litúrgico em granito amarelo e duas mesas de apoio no mesmo material usadas para suportarem os andores durante as celebrações.

A capela, de corpo único agrega-se à sacristia formando um elemento continuo através da cobertura. A fachada, de granito amarelo, destaca-se pela sua verticalidade culminada no campanário e pelo frontão que remata o corpo principal, seguindo aspetos característicos do renascimento e do maneirismo. A ornamentação é também um elemento de destaque através dos pináculos e da aplicação das curvas nos linteis do frontão. As restantes fachadas são construídas em alvenaria de pedra rebocadas e pintadas a branco contando com a presença de contrafortes.

No interior, todas as paredes são estucadas e pintadas a branco contrastando com o piso em granito amarelo e os tetos em madeira visível da estrutura que suporta a cobertura de duas águas. O retábulo dedicado a Nossa Senhora da Luz é pintado com aplicações pontuais de talha dourada e alberga as imagens da Senhora da Luz, de São Jerónimo e de São Marcos, ao mesmo tempo que se destaca por detrás do mobiliário litúrgico em madeira com aplicações douradas.

1.1.7. Senhora do Castelo / Virgen del Castillo

Em território espanhol, bem perto de Portugal, na provincia de Salamanca, Perêna de la Ribera, é a localização da ermida da Virgem espanhola, a Virgen del Castillo.



Figura 21 - Capela de Virgen del Castillo

Fonte: Google Earth- 14.05.2020



Figura 22 - Imagem da Virgen del Castillo

Fonte: Pereña de la Ribera,
<https://www.facebook.com/Pere%C3%B1a-de-la-Ribera-52018479985/photos/ms.c.eJxNzMkJAEAMAsCOltxH~;40t5KO~;QdTq7nDdnXx1tiBT7pQ78hGyojPGpg626RPwstEJJeM~;6~;4~;9v8n7w~---.bps.a.67773879985/67774829>
acedido a 15.07.2020

A lenda diz que os antigos colonos da aldeia de Perenã esconderam a imagem de Nossa Senhora entre algumas pedras no río del Berrocal para protegê-la contra invasão dos mulçulmanos no séc. VIII (Guerreiro, 2019, p. 94).

Passados oitocentos anos, um pastor quase desvanecido pela sede, lembrou-se que, outrora, naquele lugar tinha sido escondida a imagem da Virgem. Cansado e sedento, inclinou-se sobre uma pedra, onde acabou por adormecer. Quando acordou, consumado pela aflição e desespero dirigiu preces para que Nossa Senhora o ajudasse. Foi então que uma Senhora apareceu na parte mais alta da rocha e dirigiu-se a ele. Pediu-lhe para dar um pequeno golpe na pedra onde adormecera. Assim fez o homem e segundo o que a Virgem lhe dissera, a rocha começou a brotar água⁷. O pastor ajoelhou-se e agradeceu pelo milagre. Dando graças, ouviu uma voz que lhe disse para ir até à aldeia de Perenã e que contasse aos seus habitantes que, na nave do castelo, havia um retrato Dela que os cristãos deixaram quando foram expulsos. Essa imagem deveria ser

⁷ Esta rocha ficou conhecida como Fonte Santa e esta localizada a 400metros, para nordeste, da Capela de Nossa Senhora do Castelo.

colocada no topo da colina, que correspondia ao lugar onde no passado tinha sido adorada (Guerreiro, 2019, p. 94).

Assim fez o pastor e, com a ajuda dos habitantes, trabalhou sem descansar até que encontraram a imagem. Em sua honra, construíram o Santuário que, hoje, é conhecido como a Ermida de la Virgen del Castillo, onde todos os anos, no dia 14 de maio, é comemorada uma das mais importantes peregrinações das Arribas do Douro e onde as aldeias vizinhas de Espanha e Potrtugal vão homenagear Nossa Senhora (Guerreiro, 2019, pp. 94-95).

Afastada do povoado, a capela da Virgen del Castillo, está voltada para Portugal e orientada a Noroeste, ficando a uma distância de aproximadamente 29 quilómetros em linha reta da capela de Nossa Senhora dos Montes Ermos (58,8 km pela estrada).

A ermida despida de elementos edificados é marcada pela posição da capela da Senhora do Castelo e pela 'Casa del Ermitaño'. Uma linguagem arquitetónica simples complementada pela vista panorâmica sobre o rio Douro e as arribas pelas quais atravessa.

A capela apresenta uma composição volumétrica complexa formada por volumes de diferentes tamanhos, permitindo uma hierarquia no espaço interior. Do estilo barroco, a fachada é marcada pela verticalidade assinalada pelo campanário triplo, que eleva o olhar do observador ao céu consciencializando-o da sua posição terrestre. A ornamentação marcada por diferentes cornijas retas e curvas, pelos pináculos e linteis trabalhados, ou pelos arcos de volta perfeita das entradas, complementa toda a grandiosidade da capela, uma construção em granito amarelo, contando com a presença de contrafortes e fazendo jus à imponência com que submete o espaço.

No seu interior, as paredes são rebocadas e pintadas a branco, o que permite um olhar direto para o altar-mor, reforçado por um arco de volta perfeita e que se assume como um avanço do retábulo até à nave. É neste arco que a nave se separa do presbitério através de umas portadas de ferro gradeadas, impossibilitando o observador de se aproximar da força divina presente. O presbitério é composto pelo mobiliário litúrgico em granito amarelo, por dois altares laterais e pelo retábulo do altar-mor. Todos os altares seguem a mesma linguagem, apresentando características barrocas em talha dourada e pormenores coloridos em tons de azul e encarnado, sendo o altar-mor dedicado à Virgen del Castillo e os laterais dedicados a cenas bíblicas. Estes altares vêm fazer um contraste acentuado, em comparação com o piso em granito amarelo e com o teto em madeira à vista da estrutura que suporta a cobertura. Um elemento que transporta a imponência presente no exterior para o interior é a cúpula sobre o presbitério, estucada e pintada a branco, o que permite ao espaço uma ligação simbólica com o céu.

2. Senhora dos Montes Ermos

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

2.1. Freixo de Espada à Cinta

2.1.1. História

Alguns historiadores afirmam que “os Narbassos, povo ibérico pré-romano, mencionado por Ptolomeu” (Taborda, 2004, p. 13), poderão ter habitado toda esta zona da Península Ibérica em que se insere a Vila de Freixo de Espada à Cinta. A presença de vestígios de antigas habitações deste povo a Noroeste da vila de Freixo, em Santa Luzia, prova a possível existência desta povoação neste local, muito antes do domínio romano e talvez à era cristã (Taborda, 2004, p. 14).



Figura 23 - Antigo povoado de Santa Luzia, 2020
Arquivo de autor

Supõe-se que Freixo recebera o seu primeiro foral no ano de 1098, concedido pelo Conde D. Henrique (Taborda, 2004, p. 16). O segundo terá sido outorgado por D. Afonso Henriques em 1152, onde já se fazia referência ao castelo. Em 1211, a povoação de Freixo de Espada à Cinta foi tomada pelos Leoneses na guerra de D. Afonso II contra Afonso IX de Leão e no reinado de D. Sancho II, no ano de 1236, o filho de D. Fernando II de Castela, o Infante D. Afonso, veio pôr cerco à vila. Contudo, os Freixenistas⁸ conseguiram defender-se, obrigando os castelhanos a retirarem-se. Motivado por esta conquista, o rei D. Sancho II elevou Freixo de Espada à Cinta à categoria de Vila em 1240 (Cinta, s.d.).

Em 1248, D. Afonso III, confirmou o foral outorgado pelo anterior monarca e todos os privilégios da Vila, concedendo-lhe vinte e cinco anos depois, em 1273, um novo diploma foralengo (Cinta, s.d.). No ano de 1307, o rei D. Dinis outorga a «Carta de Feira» a Freixo, no sentido de promover um maior povoamento da vila e sua consequente defesa. Já D. Afonso IV, em 1342, concede a terça da igreja para a conclusão das muralhas da vila e, ainda, com estes meios é iniciada a

⁸ Designação dos habitantes da vila de Freixo de Espada à Cinta

construção da Igreja Matriz de Freixo devotada a S. Miguel Arcanjo. Sob a regência de D. Manuel, é concedido em 1512 o quarto foral à vila de Freixo de Espada à Cinta (Cinta, s.d.).

No início do século XVI, a vila de Freixo era já uma poderosa praça de guerra cercada de muros e de três torres mestras, das quais atualmente resta, apenas, a Torre do Galo. (Castilho, 2013, p. 49) O concelho de Freixo de Espada à Cinta foi suprimido e anexado a Torre de Moncorvo no ano de 1896, contudo a população oferece resistência e, em 1898, consegue finalmente restaurar o foro municipal (Cinta, s.d.).

“Portugal, desde a sua infância, já tão longínqua, sempre distinguiu, entre as mais diligentes e valiosas guardiãs da fronteira leonesa, a povoação de Freixo de Espada à Cinta, e sempre também conheceu os dois baluartes, que tanta vez ali estimularam e temperaram o heroísmo e a intrepidez dos seus filhos - isto é, o Castelo, reduto inexpugnável da fé patriótica, e a Igreja, reduto inviolável da fé cristã” (DGEMN, 1952, p. 14).

2.1.2. Geografia, Paisagem e Clima

A vila de Freixo de Espada à Cinta é sede do concelho com o mesmo nome e integra a província de Trás-os-Montes e Alto Douro. Pertence ao distrito de Bragança, à diocese de Bragança-Miranda e ao arcebisado de Braga desde a Idade Média.

O concelho de Freixo de Espada à Cinta possui uma superfície de cerca de 25000 hectares, dividida em seis freguesias: Ligares, Poiares, Freixo de Espada à Cinta, Mazouco, Fornos e Lagoaça, numa altitude média de cerca de 421 metros. É limitado pelo rio Douro a Nascente e a Sul, fazendo a fronteira com Espanha; a Norte, confina com Mogadouro; a Oeste e Noroeste com o concelho de Torre de Moncorvo; e a Sudoeste, embora numa pequena extensão com os concelhos de Figueira de Castelo Rodrigo e Vila Nova de Foz Côa (Castilho, 2013, p. 51).



Figura 24 - Distrito de Bragança
Imagem de autor



Figura 25 - Concelho de Freixo de Espada à Cinta após a reorganização de freguesias em 2013,
Imagem de autor

A componente hidrográfica é caraterizadora da paisagem do concelho de Freixo, composta por diversos cursos de água, sendo que o maior e mais imponente surge entre as arribas, o rio Douro, curso de água principal. Quanto à geologia, é composta por cerca de 75% de formações metamórficas: xistos, grauvaques, xisto-grauvâquios e quartzitos. É composta, também, por formações graníticas, que surgem à superfície, como material mais brando e erodível que os xistos (Plano Diretor Municipal de Freixo de Espada à Cinta, 1994; Castilho, 2013, p. 51).

Este território pode considerar-se de modo geral, como uma região típica de montanha. O relevo de morfologia variada do interior do concelho e a ação das cadeias montanhosas que o cercam permite considerá-lo como clima de carácter generalizado, apresentando características dos

Climas Atlântico-Continental e Ibero-Mediterrânico (Plano Diretor Municipal de Freixo de Espada à Cinta, 1994; Castilho, 2013, p. 55).



Figura 26 - Vila de Freixo de Espada à Cinta, 2020

Arquivo de autor

Estando localizada para lá dos montes das serras do Gerês, Cabreira, Alvão e do Marão, e longe da orla marítima, faz com que esteja impedida da influência do mar na região, fazendo com que se atinjam acentuadas amplitudes térmicas ao longo do ano, que se traduzem na estação de Verão muito quente e o Inverno muito frio, com índice pluviométrico relativamente baixo (Castilho, 2013, p. 56).

2.1.3. Arquitetura

Freixo de Espada à Cinta diz-se ser a vila mais manuelina de Portugal. Não se sabe o autor desta afirmação, contudo toda a população freixenista não necessita do nome do autor para a usar constantemente.

Tal nomenclatura poderá estar associada à grande obra arquitetónica que se mostra icône da terra, a Igreja Matriz de Freixo de Espada à Cinta. Devotada a S. Miguel Arcanjo, padroeiro da vila, foi mandada contruir por D. Afonso IV que concedeu a terça da Igreja e que foi usada em parte para o início da construção da igreja matriz. Esta, concluída, apenas, no reinado de D. Manuel, impõe-se no centro histórico sendo o plano de fundo na Praça Jorge Álvares, fazendo par arquitetónico com a única torre do antigo castelo que permanece erguida até à atualidade, a Torre do Galo (Boletim da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos do Norte - Igreja Matriz de Freixo de Espada à Cinta, 1952).

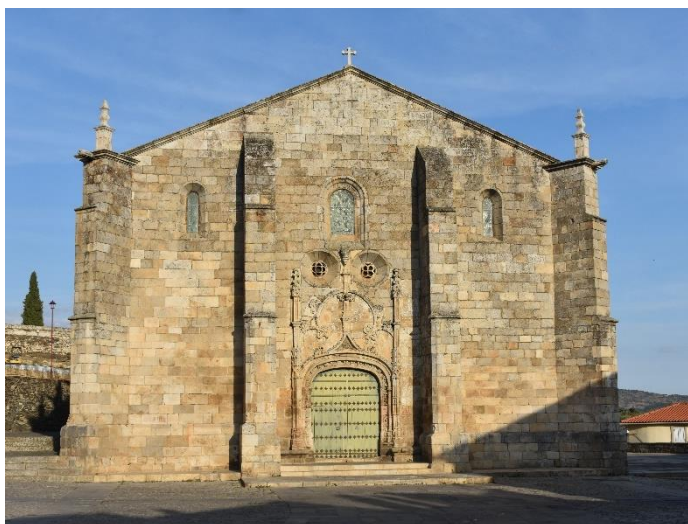


Figura 27- Igreja Matriz de Freixo de Espada à Cinta, 2020
Arquivo de autor



Figura 28 - Torre do Galo, 2020
Arquivo de autor

De características e trabalhos semelhantes aos que se encontram nos pormenores decorativos da Igreja Matriz, muitas são as janelas embelezadas com linteis de cantaria trabalhados que fazem com que os visitantes procurem estes ícones nas suas visitas à localidade – as janelas manuelinas. Do mesmo estilo e, ainda, no centro histórico, localiza-se a Igreja da Misericórdia, que se afirma como o extremo oposto da Praça Jorge Álvares, sendo que está frente a frente com a Igreja Matriz. A sua construção remonta ao séc. XVI e, atualmente, está sob a responsabilidade e zelo da Santa Casa da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta (Pintado F. A., Santa Casa da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta, 2001, pp. 77-81).



Figura 29 - Igreja da Misericórdia, 2020

Arquivo de autor



Figura 30 - Convento de S. Filipe de Nery, 2020

Arquivo de autor

Também com alguma dimensão arquitetónica, embora não tanta como a da Igreja Matriz, foi construída a Igreja do Convento de S. Filipe de Nery. De estilo conventual, chã e barroco, o ano da sua construção não é conhecido, embora remonte aos séc. XVII/ XVIII (Santos, 1996). Atualmente, é propriedade do Município de Freixo e alberga o expólio do museu dos missionários, criado em parceria com a paróquia.

De estilo Barroco é, também, a Capela de Nossa Senhora dos Remédios (Figura 32), que segundo Jorge Duarte (2020), se trata de uma recuperação/transformação de um antigo cruzeiro, uma vez que no seu interior se encontra um, de género idêntico a outros, localizados na vila de Freixo de Espada à Cinta (Desconhecido, All About Portugal, 2017). Ainda do mesmo estilo e de estilo maneirista é a Capela de Santo António⁹ (Figura 33). Localizada numa das entradas para o centro histórico. Não é conhecida a data da sua construção, contudo, esta alberga obras de arte com

⁹ Capela datada de inícios de século XVI. No ano de 1732 foi ampliada. No seu interior possui arco triunfal em pedra lavrada e abóboda artesonada da capela mor. O retábulo mor dedicado a Santo António remonta ao século XVII. Retábulo com imagem de S. Bartolomeu datado a 1648 e altar dedicado ao Sagrado Coração de Jesus datado do último quartel do século XVII. Esta capela possui um quadro com tábuas maneiristas ítalo-flamenco representando o Pentecostes, da autoria de António Leão - final do século XVI, com a particularidade da presença do Espírito Santo, Nossa Senhora, João e Pedro (Apóstolos) e 4 Japoneses (asiáticos), fidalgos, mercadores, um frade franciscano, um padre jesuíta, um malaio, serviçais, mouriscos, um magrebino e um vietnamita. O altar, ambão e cadeira presidencial foram remodelados no ano de 2014 (Paróquia de São Miguel, Capela de Santo António).

grande valor patrimonial para a unidade pastoral a que pertence. Atualmente, a Capela de Santo António assume-se, pontualmente, como lugar de velório ou onde os corpos permanecem em câmara-ardente antes das celebrações funebres (Desconhecido, All About Portugal, 2017).



Figura 31 - Capela de Nossa Senhora dos Remédios, 2020

Arquivo de autor



Figura 32 - Capela de Santo António, 2020

Arquivo de autor



Figura 33 - Capela de S. Sebastião, 2020

Arquivo de autor



Figura 34 - Capela de S. José, 2020

Arquivo de autor

Falando das restantes edificações de carácter religioso, a Capela de S. Sebastião¹⁰ (Figura 34), situada noutra entrada para o centro histórico, e a Capela de S. José¹¹ (Figura 35), em pleno centro histórico, não se conhecem os seus estilos arquitetónicos nem a data das suas construções. Apenas é sabido que ambas, mantêm grande importância para os devotos dos seus oragos, aos quais dedicam grandes festas.

Por último, de estilo maneirista e datada ao século XIII, a Capela de Nossa Senhora dos Montes Ermos (Duarte, 2020).

¹⁰ Construída no séc. XVI, esta capela foi ampliada no final do séc. XVII para espaço de enterramentos devido à grande mortandade na vila, no ano de 1696. O último a ser sepultado na capela foi o Padre José Guerra Leal, reitor da colegiada, em 1820. A ditos populares referem que terá sido Igreja Matriz, pelo que não certezas pelos dados históricos e paroquiais. A capela é composta por um altar-mor dedicado a S. Sebastião, e pinturas laterais referentes a Santa Luzia. Possui, ainda, imagens de Santo Antão e Santo Amaro. Em 2013 foram renovados o altar, ambão e cadeira presidencial (Paróquia de São Miguel, Capela de S. Sebastião).

¹¹ A sua construção remonta ao séc. XVII e foi durante muito tempo capela particular de famílias plebeias. Possui um fresco – uma Pietá – que data à origem da capela, e uma pia de água benta de estilo manuelino.

Dos Montes Ermos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos

2.1.4. Cultura e Tradição

A cultura Freixenista é baseada nas tradições religiosas que, ao longo do ano, fazem com que a Fé esteja muito presente. Mas não só de religião vive a cultura Freixenista, contudo, uma ligação indireta com a igreja, está sempre presente de alguma forma.

O ano inicia-se com o Cantar das Janeiras, onde se celebra a chegada dos Reis Magos. Cantando pelas ruas e vielas leva-se alegria à população mais idosa em troca de uns docinhos que sobraram do natal, ou então de uma peças de fumeiro que, ainda, permanecem penduradas em frente à lareira. Ultrapassado o tempo frio e com a chegada da primavera, a celebração das Amendoeiras em Flor traz cor e alegria à população. Relembra-se os tempos passados com a venda de produtos regionais na Feira Transfronteiriça das Arribas do Douro e as tradições ancestrais ligadas à cultura dos produtos. No decorrer deste certame, são alguns os anos em que, devido ao calendário, o Carnaval cuiside com o mesmo. Este é comemorado com um desfile alegórico, organizado pelo Agrupamento de Escolas Guerra Junqueiro, na sexta-feira que antecede o dia de Entrudo, onde participam todas as instituições do concelho. Na noite de terça-feira de carnaval é realizado o Enterro do Entrudo onde um cortejo funebre percorre as principais artérias da vila ao som de gritos e prantos, lamentando o fim do tempo de excessos e anunciando o período de jejum que se aproxima – a quaresma.



Figura 35 - Enterro do Entrudo, 2006

Fonte: Arquivo de António Basaloco



Figura 36- Ritual dos 7 passos,

Fonte: Sete Passos

<https://www.facebook.com/gruposetepassos/photos/a.823228031348251/824394141231640> acedido a 5.08.2020

O tempo quaresmal inicia-se com a celebração religiosa da imposição das cinzas. Este tempo é celebrado todas as sextas-feiras com o ritual dos Sete Passos¹². Uma procissão silenciosa que ocorre apartir da meia noite, com todas as luzes das ruas apagadas, é realizada por um grupo de

¹² Ritual nomeado, em 2020, a finalista regional das 7 Maravilhas da Cultura Popular do distrito de Bragança. (RTP, 2020)

homens, totalmente, vestidos de preto, divididos em 3 grupos. O primeiro, composto por 2 elementos, segue na frente arrastando correntes e ferros dando, compassadamente, sete passos de cada vez. Logo atrás, com um caminhar lento e de sofrimento surge 'a velhinha'. Curvada e na companhia de uma candeia de azeite que lhe ilumina o caminho, vai caminhando até encontrar ajoelhado à sua frente, algum pecador que lhe reza e pede perdão pelos seus pecados. Como sinal de que a sua prece foi ouvida, é lhe dado vinho, por uma 'bota'¹³, simbolizando o sangue derramado por Jesus na hora da sua morte. No final deste ritual segue o último grupo de homens que, formando um coro, cantam em português e latim encomendando, assim, as almas do purgatório. Esta manifestação decorre até à sexta-feira santa, dia em que se junta ao ritual um grupo de três mulheres, apelidadas de Três Marias, lembrando as mulheres de Jerusalém.

Durante a Semana Santa, para além dos Sete Passos na sexta-feira, e as restantes celebrações religiosas existe, também, a Procissão dos Passos, no sábado de Ramos, que tem como percurso o caminho entre a Igreja da Misericórdia e a Igreja Matriz. De curta distância, mas longa duração, é vivida de forma a lembrar as dores de Jesus até ao calvário, e como tal, o andar do Senhor dos Passos é transportado dando-se dois passos para a frente e um para trás, repetidamente. Ainda nessa semana, são realizadas as Procissões do Encontro, onde a imagem de Jesus se encontra com a imagem de Nossa Senhora da Soledade, e a Procissão do Enterro do Senhor. Para exaltar a alegria pela ressurreição de Jesus, no Domingo de Páscoa é realizada a Procissão da Ressurreição onde, de modo a simbolizar o fim do mal provocado por Judas, é feita uma representação do mesmo, que aparece pendurado pelo pescoço e que a certo momento da procissão rebenta trazendo, entre sustos, grande satisfação ao povo. Na segunda-feira de Páscoa, feriado municipal, toda a comunidade se desloca para a Praia Fluvial da Congida para o tradicional Desfazer do Folar, onde se podem divertir após o período de silêncio vivido. Tradição que, outrora, era comemorada com a plantação das sementeiras dos produtos agrícolas da época nos seus terrenos agrícolas, e onde permaneciam durante todo o dia, acabando por 'desfazer' os folares sobranes da páscoa.



Figura 37- Representação de Judas na Procissão da Ressurreição, abril 2018

Arquivo de autor



Figura 38 - Imagem de N. Sr.ª da Soledade, abril 2018

Arquivo de autor

¹³ Saco de Couro usado, antigamente, pelos homens, onde transportavam vinho para os seus ofícios.

Entre maio e junho, dependendo do calendário, é celebrado o Corpo de Deus. Dia muito importante para as famílias católicas, pois é o dia em que os seus filhos recebem pela primeira vez o sacramento da Eucaristia. Depois da celebração dentro da igreja, as crianças, percorrem em procissão pelas principais ruas, antecedendo o Sacerdote que transporta o Santíssimo Sacramento. É, também, durante estes meses que, habitualmente, se realizam as Festas em Honra de S. Sebastião (apelidada de festa das cerejas, onde a imagem de S. Sebastião transporta na mão, o ramo de cerejeira com as melhores cerejas encontradas) e em Honra de Santo António (onde as crianças das festas da catequese, voltam a desfilar com as roupas do dia da sua primeira comunhão). As celebrações são semelhantes às outras do mesmo género, como as Festas de S. José (em março), da Senhora dos Remédios (início de setembro) e de S. Miguel Arcanjo (final de setembro), onde as missas e procissões são os momentos principais, mas sempre complementados pelos arraiais e fogos de artifício.

Nos tempos de hoje, existem certames como o ‘Mercado Manuelino’ (que acontece entre os meses de maio e junho), onde se mostram as artes e ofícios dos tempos medievais. O ‘FFIL- Freixo Festival Intenacional Literário’ (que acontece entre os meses de junho e julho), onde são homenageados nomes da literatura nacional e internacional com o Prémio Literário Guerra Junqueiro. As ‘Jornadas Gastronómicas do Bacalhau e Feira Ibérica dos Vinhos’ (que se realiza entre os meses de abril e julho), onde se provam e degustam as melhores receitas com o fiel amigo e os bons vinhos da região. O festival ‘Sopas e Merendas’ (que se realiza entre os meses de outubro e novembro), onde se podem provar receitas tradicionais da época da região, bem como os produtos regionais.

Voltando às tradições religiosas, chega o final do ano com as celebrações do Natal, onde toda a comunidade se junta à porta da igreja e recebe o quentinho da Fogueira do Galo, depois da missa de Natal, desejando pela chegada do tempo quente que com ele traz as grandes Festas em Honra de Nossa Senhora dos Montes Ermos e, com isso, poder estar reunido com os seus entes queridos nesses momentos de encontro e reencontro.

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

2.2. A Senhora e a sua ermida

O santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos localiza-se no cume do cabeço de S. Brás, a cerca de 3 km de Freixo de Espada à Cinta, fora dos perímetros urbanos, não existindo, pois, qualquer contextualização urbana. Contudo a história do local tem vindo a ser passada entre as gerações, mas a sua primeira referenciação surge em 1509, no Livro das Fortalezas, da autoria do escudeiro da Casa Real, Duarte D'Armas, onde narra, através de desenho, o que observa sem esquecer o Monte de S. Brás, com a respetiva capela.

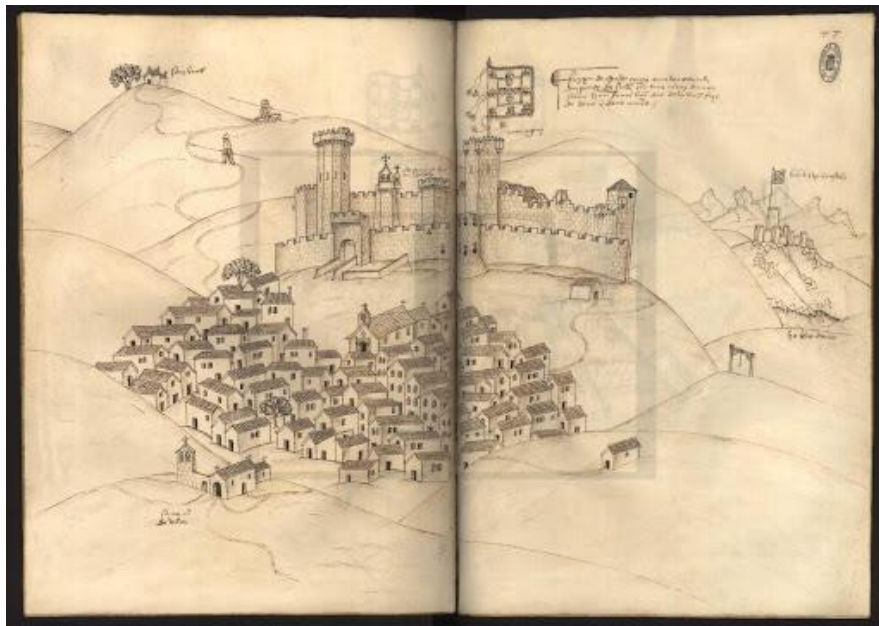


Figura 39 - Castelo de Freixo de Espada à Cinta, 1509

Fonte: Duarte de Armas, Livro das Fortalezas

Embora o local tenha sido apenas referenciado em 1509, a sua característica castreja aponta que a origem remonte à Idade do Ferro. Época em que a noroeste da Península Ibérica, entre os rios Douro e Návía e a Oeste do Maciço Galaico, se desenvolveu a cultura castreja, tendo como características um tipo muito peculiar de assentamentos, chamados castros, diferentes de outras áreas da Península (Duarte, 2020).

Os castros, uma espécie de povoado pagão, de estruturas predominantemente circulares, localizavam-se nos cumes de montes ermos, permitindo assim à comunidade viver protegida pela ‘muralha’ ao mesmo tempo que conseguia vigiar toda a sua envolvente. Povoados estes, que mesmo pagãos, sentiam a necessidade de manter algo como símbolo da sua proteção. Uma escolha que recaía sempre sobre uma das espécies de animais terrestres provenientes da região como leões europeus, javalis, cabras montesas, lobos ou ursos. Este culto aos animais faz com que surja a cultura dos Berrões. Os berrões são estátuas de pedra, esculpidas em pleno relevo com figuras zoomórficas, como as referidas anteriormente, que se acredita serem utilizados para fins

de caráter religioso, onde as imagens representariam animais sagrados, ou mesmo divindades protetoras do gado, a quem o povo prestava culto (Duarte, 2020).



Figura 40 - Berrão, 2020
Arquivo de autor

Esta cultura, em Portugal, está associada aos castros transmontanos, onde foi feito um grande número de achados. Sendo Trás-os-Montes uma região abundante de espécies de javali, acredita-se que este tenha sido a figura sagrada que se venerou até ao ano 711, período da invasão árabe na Península Ibérica (Duarte, 2020).

Neste período, o castro onde hoje se contempla a capela da Senhora dos Montes Ermos, fazia parte do trajeto que ligava as zonas de conquista árabe à capital árabe, Córdoba. No concelho de Freixo de Espada à Cinta, esta parte do trajeto era evocada de Carril Mourisco. Um caminho muçulmano que vinha de outros lugares e entrava no concelho, na atual freguesia de Fornos, passava a freguesia de Mazouco até à freguesia de Freixo de Espada à Cinta, atravessando a Ponte do Carril e seguia caminho até outros concelhos vizinhos (Duarte, 2020).

Em 718, os Cristãos avançaram sobre o exército muçulmano, iniciando a Reconquista Cristã, alterando o futuro deste caminho. Com o avançar no território, os cristãos enfrentavam uma difícil missão: incumbir nos povos pagãos, que até ali prestavam culto aos animais, seres com presença física, a crença num Deus invisível e inatingível. Daqui nasce a necessidade da criação de diferentes capelas ao longo dos trajetos de conquista muçulmana de modo a sacralizá-los e cristianizá-los. No Carril Mourisco foram construídas várias capelas com oragos a diferentes santos e santas, sendo uma delas no centro do castro, obrigando a sua povoação a venerar o santo, e acima de tudo, o Deus que este representava. Alinhada com esta capela, encontravam-se outras

duas, a capela de Santa Luzia, a nordeste, e a capela de S. Caetano, a sudoeste da capela do castro (Duarte, 2020).

Sendo Freixo de Espada à Cinta à Cinta, uma zona com grandes amplitudes térmicas – no verão, temperaturas muito elevadas e no inverno, temperaturas muito baixas – a povoação era bastante afetada por doenças da garganta, fazendo com que houvesse muitas mortes e houvesse redução na população. Desta forma, o santo eleito para orago da capela do castro foi o S. Brás, protetor da garganta e das doenças da garganta, com a intenção de proteger o povo contra esses males, que tanto afetavam a região. Com o passar dos tempos, o povo castrejo foi evoluindo na sua relação com a imagem que de alguma forma representava a presença de Deus na terra (Duarte, 2020).



Figura 41 – S. Brás, imagem presente na capelinha, 2019
Arquivo de autor

Aquando do processo de marianização da Igreja, a capela do castro então devotada a S. Brás, assumia-se como o único elemento construído do monte – facto fundamentado pela deslocação do povo local para o centro medieval da vila de Freixo de Espada à Cinta, onde lhe era assegurada a sua segurança e proteção. Esta capela passa a ser devotada a Nossa Senhora, no final do século XVII, com o epíteto de Nossa Senhora dos Montes Ermos, devido à sua localização ser no cume de um monte despovoado, num monte ermo (Duarte, 2020).

De características maneiristas, atualmente acredita-se que seja o resultado de uma intervenção de reabilitação da antiga capela do castro. Reza a lenda que começadas as obras da capela da Senhora, num outro local da região, ao qual hoje os populares atribuem o nome de ‘alminhas’, durante a noite, S. Brás, teria mudado para o seu monte todas as ferramentas dos obreiros. Não sabendo o autor dessa atitude, iniciaram-se as buscas pelas ferramentas. Este acontecimento sucedeu-se nos dias seguintes, fazendo com que os obreiros acreditassem ser vontade divina. Resolveram, então, construir no cume do monte de S. Brás – local onde apareciam todas as

manhãs as ferramentas dos trabalhadores – substituindo, assim, a capela de S. Brás pela capela de Nossa Senhora dos Montes Ermos¹⁴ (Duarte, 2020).



Figura 42 - Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos, 2019

Arquivo de autor

O epíteto ‘dos montes ermos’ não é reconhecido pelo vaticano como um dos títulos da Virgem Maria, contudo a população, desde o seu surgimento na região, mantém uma enorme relação de respeito para com a Senhora e com o seu monte sagrado. Reza a lenda que, sendo o Monte de S. Brás, um solo abundante em metais preciosos, como o ouro, não deveria ser feita nenhuma escavação com a intenção de extrair os mesmos metais. Segundo a mesma, assim que alguém tocasse no solo com esses objetivos, se abriria uma fenda gigante que levaria diretamente o indivíduo até ao inferno (Duarte, 2020).

Esta lenda, surge com base no respeito existente pelo monte sagrado da Senhora dos Montes Ermos e o mesmo é esclarecido em 1932 quando é aprovada a lei que possibilita aos proprietários de terrenos auríferos, se tornarem donos de mais 50 metros em redor da sua parcela, exceto no terreno de José António Junqueiro Júnior, pai do Poeta Guerra Junqueiro, terreno onde se localizava a ermida da Senhora dos Montes Ermos (Duarte, 2020).

Tamanho respeito que a população de Freixo de Espada à Cinta tinha pelo Monte Santo que, ainda nos dias de hoje, o espaço é intervencionado com a maior descrição e delicadeza possível, e mantido rigorosamente, como o inicial.

¹⁴ No dia 12 de outubro de 1750 é feita a bênção da capela de Nossa Senhora dos Montes Ermos, e a partir deste momento são autorizadas as celebrações eucarísticas no local (Duarte, 2020).

2.2.1. A Senhora e as Gentes

A população freixenista, tal como as restantes do nosso país, tem ao longo dos anos mantendo uma devoção a Nossa Senhora bem firme, como podemos ver ao longo da história do território português.

Freixo de Espada à Cinta, terra que viu nascer muitos missionários, homens de e da Fé, mantém até hoje, muito vivas as vivências religiosas. Desde a celebração do Natal, passando pelas festas de S. José, S. Sebastião e S. António, as celebrações do Corpo de Deus, do mês de Maria, da Senhora dos Remédios e do Padroeiro S. Miguel Arcanjo, todas são celebradas com grande devoção ao Senhor e a sua mãe. As celebrações da Semana Santa e Páscoa são o exemplo disso, que onde a celebração se foca em Jesus, porém a imagem da Virgem está presente e de uma forma tão imponente, que só demonstra a importância que Esta tem para a população e o respeito que a população tem por ela.

Freixo de Espada à Cinta centra a sua devoção à Senhora dos Montes Ermos bem como às suas celebrações, fazendo destas, as mais importantes e concorridas. Embora Esta não seja a sua padroeira, os habitantes de Freixo mantêm uma relação muito próxima com a Senhora e poder-se-á afirmar que está presente no dia-a-dia de cada freixenista. Facto presente na história do território freixenista, que desde há muito se vê marcado pelas Festas da Senhora dos Montes Ermos, bem como da sua preparação e organização.



Figura 43 - Devoção, 2019
Fonte: Arquivo de Tiago Rentes



Figura 44 – Devoção aos 96 anos, 2019,
Fonte: Arquivo de Tiago Rentes

Outrora, e até ao ano de 1999, a festa em honra da Senhora dos Montes Ermos era organizada, alternadamente, pelos diferentes bairros da vila: o Carril, na zona histórica, centro das festividades; o Carrascal, zona afastada do centro, mas com muita proximidade à Igreja; a Costa, bairro situado na encosta do monte onde se localiza o Convento de S. Filipe de Nery e a avenida, a zona nova da vila (Pintado F. A., Nossa Senhora dos Montes Ermos, 1998, p. 75). De forma competitiva, para se analisar quem fazia melhor, eram montados os arcos de flores de papel, o coreto de madeira, a ‘esplanada de café’, a estrutura para a quermesse e as bancas junto à igreja, no Passeio ou no Castanheiro, onde as doceiras venderiam os seus produtos. Amêndoas ‘confeitas’, rebuçados caseiros em forma de bengala e as garrafinhas de licor, faziam com que os mais novos e mais velhos se sentissem mais satisfeitos (Pintado F. A., Nossa Senhora dos Montes Ermos, 1998, pp. 76-77). Prontos os preparativos para se receber a Senhora, começavam, então, as celebrações. As senhoras, com algum sofrimento, mas fé e devoção, transportavam na cabeça até à capelinha, por promessas feitas, taleigos de trigo ou centeio. O mesmo era feito pelos lavradores, no jugo ou na cabeça dos bois ungidos. Assim, faziam o percurso desde o monte de S. Brás até à Igreja Matriz.



Figura 45 - Arcos de Flores, anos 50
Fonte: Arquivo de António Basaloco

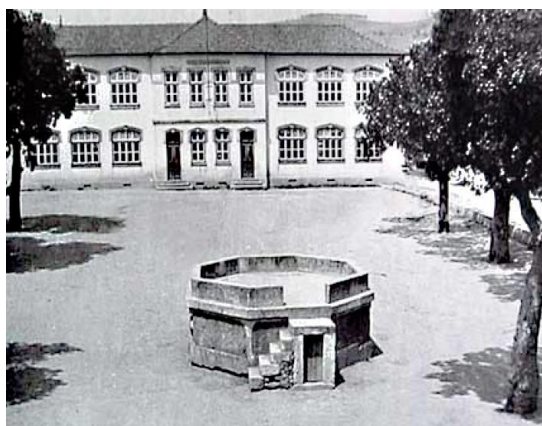


Figura 46 - Coreto, anos 60
Fonte: Arquivo de António Basaloco

Quase de noite, a procissão de encaminhar a Santa até à igreja, à sexta-feira, chegava à praça Jorge Álvares em procissão de velas, que em tempos, percorria diretamente as ruas da vila. No domingo, o grande dia, era realizada a eucaristia seguida de procissão onde se cumpriam de igual modo as promessas. Terminada a procissão, o andor de Nossa Senhora, pousado numa mesa no centro da praça e em frente à Igreja Matriz, aguardava pela grandiosa descarga de fogo, que despertava a adrenalina dos mais novos para apanhar a canas dos foguetes. Nessa noite, todos iam ao arraial, onde seriam arrematadas as oferendas a Nossa Senhora, que durava noite fora. Noite que não se alongava para muitos, pois na manhã seguinte, bem cedo, teriam de devolver a imagem da Senhora à sua capelinha (Pintado F. A., Nossa Senhora dos Montes Ermos, 1998, pp. 73-75).

Nos tempos de hoje, o cerimonial é quase idêntico, tudo se prepara com alguma antecedência e ansiedade. Contudo, em 2000 a Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta assumiu a

responsabilidade de organizar as festas, eliminando a rivalidade saudável existente na organização das festas, entre os bairros. Ficaram, assim, os bairros e os seus habitantes, sem qualquer encargo e responsabilidade na organização. Esta decisão fez com que, com o passar dos tempos, a população ficasse cada vez mais ausente e distante da preparação da festa, bem como da sua vivência. Os arcos de flores que outrora embelezavam as ruas são agora substituídos por arcos luminosos. O coreto, substituído pelo palco para concertos, e as bancas de doces, por bares de bebidas frescas e petiscos tradicionais.

Hoje, chegada a quinta-feira antes do terceiro domingo do mês de agosto, a Senhora é encaminhada ao ombro de 12 devotos, antecedida pelos andores de todas as imagens que permanecem na capelinha durante todo o ano – imagens que, maioritariamente, foram oferecidas por emigrantes e missionários. Atualmente, as mulheres substituíram os taleigos de trigo ou centeio, por velas e figuras de cera que, por vezes, simbolizam a parte do corpo ou órgão pelo qual pediram auxílio à Virgem. De pés descalços, tingidos de negro do alcatrão, doridos pelas pedras que surgem, caminham até à Igreja Matriz onde, à chegada se emocionam por ver parte das suas promessas cumprida e por verem Nossa Senhora mais perto das suas casas. Nessa noite, mesmo de pés e pernas cansadas, todos os freixenistas se reúnem no Jardim Municipal, hoje chamado de Jardim da Seda, que se assume agora como centro das festividades profanas, ou seja, do arraial. No dia seguinte, sexta-feira à noite, os maridos levam as suas esposas acompanhadas das ceras até à Igreja Matriz, de onde partirá a procissão das velas, que de seguida se dirigem até à Praça do Município onde apreciam a devoção e fé de todos os que se juntam nesta manifestação luminosa e religiosa. Findada a cerimónia, o ritual noturno repete-se e todos tentam matar a sede provocada pelo calor com uma bebida fresca. Os mais novos tendem em optar pelas pipocas, algodão doce ou os sorvetes, enquanto outros preferem os petiscos tradicionais.



Figura 47 - Procissão, 2019
Fonte: Arquivo de Tiago Rentes



Figura 48 - Imagem de N. S^a dos Montes Ermos, na procissão para a Igreja Matriz, 2019
Fonte: Arquivo de Tiago Rentes

No dia seguinte, sábado, a fé não sai à rua, permanecendo a Imagem da Senhora dos Montes Ermos e os restantes andores na Igreja Matriz, onde serão ornamentados, durante a noite, para que no dia seguinte sejam apreciados e admirados pelos devotos. Noite essa, que para uns é de trabalho, é para diversão e contentamento até à manhã do dia seguinte. Chegam a casa cedo, os mais novos, quando as senhoras já começam a preparar o almoço que servirá, também, para o jantar, pois o tempo será escasso. Depois do almoço, já a meio da tarde, dirigem-se até a Igreja Matriz, mulheres, homens, novos e velhos, para a celebração da eucaristia que é seguida da majestosa procissão em honra da Senhora. Mais uma vez, sai à rua a Senhora aos ombros, desta vez de 18 devotos, encaminhada pelo padroeiro da paróquia, que se junta à festa só neste dia. Percorrem, assim, as ruas da vila e chegando à igreja, a Senhora é pousada no centro da praça e se aguarda, como tradição, a descarga de morteiros que chamam à atenção de todos, embora já não haja canas para apanhar. Mais uma noite se segue, contudo sem preocupações com as horas, pois só na tarde do dia seguinte, segunda-feira, é que se encaminha a senhora para o seu santuário.



Figura 49 - Procissão das Velas, 2019

Fonte: Arquivo de António Basaloco



Figura 50 - Recinto do Arraial, 2014

Fonte: Município de Freixo de Espada à Cinta, <https://www.facebook.com/municipiofreixoespadacinta/photos/a.769304713090612/771611929526557> acedido a 10.09.2020

Com a mesma vivência e devoção, os freixenistas dirigem-se em procissão para o santuário onde celebram, pela última vez no ano a eucaristia onde a Imagem da Senhora estará presente. No final da mesma, todos se despedem da Virgem, alguns com lágrimas, como quem se despede da família para voltar aos países onde estão emigrados. Contudo, com certo sentimento de tristeza, há que aproveitar a última noite quente antes de regressar ao trabalho, e por isso a noite acontece como as anteriores.

Embora as festas sejam o momento central da devoção da população de Freixo de Espada à Cinta, a Senhora dos Montes Ermos é venerada e está presente na vida de cada um. Pode-se falar do exemplo da Santa Casa da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta, entidade que, com o trabalho pós-laboral dos funcionários, organizam as celebrações da quaresma e semana santa. Tendo estas, a Senhora da Soledade e o Senhor dos Passos como imagens veneradas por ocasião das mesmas, durante o resto do ano, têm presente nos seus grandes momentos e celebrações a Senhora dos Montes Ermos. Isto acontece, segundo Francisco Pimparel (2020), devido à instituição representar um grande 'monopólio' de funcionários e que estes têm a Senhora dos Montes Ermos

como padroeira. Pode-se afirmar isso, quando visitamos a o Jardim da sede da Santa Casa da Misericórdia de Freixo, onde se pode venerar e adorar uma imagem da mesma Senhora, provando assim, a devoção que a instituição e os seus utentes apresentam à Senhora. De igual modo, a Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários da vila, tem-na como padroeira. Por ocasião das festas da Senhora, durante a procissão em sua honra, a corporação de bombeiros, fica alinhada em formação, com as viaturas, em frente ao quartel. Quando o andor com a imagem da Virgem passa, é voltada para eles, fazendo-se um momento de silêncio em modo de agradecimento pelo auxílio nas batalhas difíceis que lhes são confiadas.



Figura 51 - Homenagem dos Bombeiros Voluntários a Nossa Senhora dos Montes Ermos, 2014

Fonte: Município de Freixo de Espada à Cinta
<https://www.facebook.com/municipiofreixoespadacinta/photos/a.769304713090612/772904342730649> acessado a 10.09.2020

Contudo, não são apenas as associações e instituições locais que consideram a Virgem dos Montes Ermos como a protetora dos seus dias e padroeira das suas vidas, mas sim a população em geral. Está sempre presente em grande parte das vivências da comunidade, sobretudo nos momentos de muita dificuldade, sendo o auxílio da Senhora, aquilo que faz com que a positividade e a esperança nunca falem. Porém, a Senhora não é, apenas, invocada nos momentos de aflição. Muitos são aqueles que querem e desejam marcada a presença da Mãe de Deus em casamentos, batismos, aniversários e datas comemorativas. O santuário dos Montes Ermos é muitas vezes, o lugar selecionado para a celebração de matrimónios e o lugar escolhido para garantir que a noiva aceite o pedido para casar com o seu amado. Como a capelinha não tem capacidade para grandes quantidades de pessoas, a Senhora dos Montes Ermos sai ao recinto e abençoa a união dos apaixonados.

Para além desta vontade de que a Virgem esteja presente em todos os momentos da sua vida, a opinião das pessoas acerca da Senhora e da sua ermida é quase unanime. Descrito como lugar simples e humilde, a fé e oração não deixam de lhe estar incorporadas e, como tal, mesmo que

Dos Montes Ermos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos

não seja com a finalidade de pedir auxílio e proteção, a comunidade desloca-se até ao santuário. Nele e dele podem contemplar a divindade da Virgem. Contemplar, também, o panorama composto por colinas portuguesas e espanholas, muitas delas despovoadas, dando assim o nome ao lugar. Frequentado por crentes e não crentes, católicos e não católicos, em atividades religiosas, desportivas e/ou culturais, pela sua localização e por aquilo que representa, transmite alguma carga simbólica para quem o visita e frequenta.

2.2.2. As Sete e A dos Montes Ermos

Contadas de boca em boca, de geração em geração, as lendas vão sendo transformadas e alteradas, mas sem perderem uma de suas principais características: a fantasia. São histórias que falam de situações sobrenaturais, irreais e até mesmo irracionais (Bayard, 2001, pp. 12-13).

Ao percorrer o distrito de Bragança, repara-se que a lenda das Sete Senhoras não é correspondente em todas as povoações. De aldeia para aldeia, de vila para vila a estória das Virgens Irmãs é alterada de modo a que a imagem venerada em cada povoado integre a irmandade, fazendo com que esta seja diferente em toda a região.

Freixo de Espada à Cinta, terra de missionários e de fé, não podia deixar a sua protetora fora da irmandade mariana. Concordam que os montes altos se avistam uns ao outros, contudo conferem que o monte da Senhora dos Montes Ermos é um dos sete, e que integra a lenda das Sete Irmãs. Tal facto é justificado, devido à geografia do local onde está situada a capela dos Montes Ermos, um monte ermo que avista todos os montes altos e ermos de um vasto território português e espanhol.

Mais dizem os populares que, numa manhã, aquando da preparação da capela e da imagem de Nossa Senhora, a zeladora da capelinha, encontrou terra no vestido da imagem. Era agosto, não havia vestígios de inundação. A capela, também, não apresentava vestígios de vandalismo. Um acontecimento sem fundamentação lógica. Contudo, e relembrando a existência da lenda Mariana na região, supôs-se que Nossa Senhora dos Montes Ermos terá feito, durante a noite, o caminho de visita aos santuários das suas irmãs.

Não sabendo se a Senhora dos Montes Ermos é ou não elemento integrante desta irmandade foi feita uma análise à lenda e às ermidas das virgens da lenda das Sete Irmãs e tenta-se encontrar ligações que possam fundamentar a integração da Virgem dos Montes Ermos nesta irmandade mariana.

Tendo em conta os elementos integrantes da lenda, existem vários aspetos que os ligam e fazem com que, de certa forma, criam uma justificação para a sua reunião numa estória que se propaga pelas gerações.

De acordo com um estudo genérico realizado às mesmas (anexo I), repara-se que apenas duas (S^a da Assunção e S^a Saúde) são implantadas sobre uma escadaria, e apenas uma (S^a do Naso) está implantada dentro de um recinto murado com configuração circular, fazendo alusão à cultura castreja, já abordada. Outros elementos vão complementando e completando o espaço envolvente dos santuários, como os presbitérios exteriores presentes, apenas nos santuários da S^a da Assunção, S^a da Saúde, S^a do Nazo e da S^a da Luz. Já a presença de tocheiros só é marcada em dois, S^a da Assunção e S^a do Naso. Quanto a alpendre, só a S^a da Saúde é que conta com a sua construção, ao contrário da presença de adros que todas é contemplada, à exceção da S^a do

Castelo. Também todas as capelas são anexadas com edifícios auxiliares, à exceção da S^a da Luz, e da S^a das Neves, que não se conseguiu apurar se os edifícios adjacentes mantinham algum tipo de relação com a capela.

Quanto à orientação das capelas, esta não é coincidente em todos os casos, ficando uma voltada a Sul, duas a Sudoeste, duas a Oeste e duas a Noroeste, estando apenas uma voltada para a comunidade que a devota (S^a da Assunção), contudo em todos os casos a sua implantação está compreendida entre os 760 e 1320 metros de altitude.

Falando da sua construção e do seu método construtivo, apenas é conhecida a data de construção da capela da S^a da Assunção – ano 1843 – sendo visível que seis capelas são edificadas sobre uma solução de alvenaria de pedra e uma com alvenaria de tijolo (S^a das Neves), onde seis apresentam fachadas rebocadas e pintadas a branco. As coberturas cumprem o critério de duas águas na sua generalidade, pelo que a capela da S^a do Castelo conta com quatro águas na cobertura do seu volume mais elevado. Todas as capelas apresentam um nível de ornamentação considerável nas suas fachadas principais, sendo 4 compostas por frontões e 6 por campanários.

Já nos interiores, a média de altares dedicados aos epítetos e outros santos e santas é de 3 por capela, sendo em 5 casos, retábulos em talha dourada. Outro aspeto observado no interior das capelas é que em 3 (S^a da Assunção, S^a da Serra e S^a do Naso) existe a construção de coro, enquanto que nas capelas da S^a da Luz e da S^a do Castelo, não foi possível apurar a sua existência. Observando o conjunto de um modo geral, através de imagens aéreas e de localização, consegue concluir que as capelas se agrupam em pares, mesmo não existindo qualquer relação entre os elementos de cada um. Contudo, do mesmo modo, é possível concluir que a S^a do Castelo é o único elemento do conjunto que se apresenta fora de um par, facto que se pode justificar com o número de integrantes no conjunto não possibilitar a distribuição geral por pares – justificação óbvia – ou a falta de um elemento que complemente este conjunto e venha ocupar este vazio.

Neste sentido e uma vez que a presente investigação tenciona incluir a ermida da Senhora dos Montes Ermos neste conjunto mitológico, e de acordo com um breve estudo da mesma ermida que posteriormente será aprofundado e rigorosamente apresentado, podem encontrar-se aspetos que indiciem e apontem que esta seja o elemento em falta na irmandade.



Figura 52 - Localização geográfica das ermidas das 7 Irmãs em relação à ermida de N. Sr.ª dos Montes Ermos

Arquivo de autor

Como tal, pode concluir-se que o desenho da planta da capela da Senhora dos Montes Ermos é quadrangular, inserida num recinto circular, correspondente a um antigo castro, características apresentadas pela ermida da Senhora da Luz, está orientada a Sul fazendo par com a S^a da Saúde e voltada para a comunidade como a S^a da Assunção. Contudo, em comparação com as restantes, esta capela está implantada na cota mais baixa e mais próxima da comunidade (610m). O seu estilo arquitetónico é desconhecido, embora apresente características maneiristas e, acredita-se, a sua construção remete à idade do ferro pelas características anteriormente apresentadas. Como quase todas as suas ‘irmãs’ a S^a dos Montes Ermos conta com uma capela em alvenaria de pedra, rebocada e pintada a branco e, à semelhança da S^a do Castelo, conta com uma cobertura de 4 águas. No seu exterior apresenta uma escadaria, de dimensões reduzidas em comparação com as suas irmãs que apresentam o mesmo aspeto e conta com dois tocheiros.

Após estas análises e de constatar possíveis relações entre a Senhora dos Montes Ermos e as restantes Senhoras, surgem questões que podem fazer com que se chegue a diferentes especulações. Quer-se que estas possam vir a interferir na lenda das Sete Senhoras, Sete Irmãs, fazendo com que a Senhora dos Montes Ermos a integre.

Sendo esta uma questão teológica onde a arquitetura não tem o poder de interferir, pretende-se que a integração seja baseada ilações e especulações conseguidas através de aspetos arquitetónicos coincidentes ou semelhantes e que estes contribuam no desenvolvimento e

fundamentação do projeto de revitalização para o Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos, fazendo deste o ponto de partida para a interpretação e transmissão da lenda transmontana.

Neste sentido, e depois de analisados os aspetos em comum ou em falta, surgem respostas a possíveis questões. Uma vez que a S^a do Castelo é o único elemento sem par, será a Senhora dos Montes Ermos o seu? E será a simplicidade e humildade da capela da Senhora dos Montes Ermos o verdadeiro significado de Maria? Ou uma vez que todas as Virgens estão localizadas em montes ermos, porque nenhuma delas assume esse epíteto?

Será a Senhora dos Montes Ermos a reunião da devoção a Nossa Senhora, descrita na lenda das Sete Irmãs?

Será a Senhora dos Montes Ermos o ponto de partida para a constituição da lenda?

Será a Senhora dos Montes Ermos a representação geral das Virgens dos montes ermos?

Será a Senhora dos Montes Ermos, a Senhora dos montes ermos?

2.3. Da humildade à precisão – Necessidades do presente

A ermida da Senhora dos Montes Ermos é desenhada sob uma lógica de geometria regular. Configurações básicas, como a quadrangular, circular e triangular estão, notavelmente, presentes no delinear geral de todas as peças constituintes do santuário.

Seguindo a lógica das escadarias¹⁵ presentes no Santuário do Bom Jesus em Braga, no Santuário de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego ou no Santuário de Nossa Senhora da Assunção em Vilas Boas, Vila Flor, a capela da Senhora dos Montes Ermos está situada do cume de um monte, circundado por um recinto murado em pedra com configuração circular, que é acessível por uma rampa, antecedida por sete degraus, ocupado com elementos naturais, nomeadamente pinheiro manso e sobreiro. No seu interior, e em torno do muro, roseiras e aloe vera, plantadas numa floreira contínua. Ainda em torno do recinto, aparecem plantadas espécies arbóreas como o plátano e o pinheiro manso.

Dentro do recinto, encontra-se mobiliário urbano como mesas e bancos, em xisto e betão, localizados aleatoriamente, que dão aos visitantes a possibilidade de uma refeição à sombra de sobreiros. Dois tocheiros, de construção popular, recentemente substituídos em 2018, que ladeam a capela, são apoiados pela estátua da Rainha da Paz, que invoca a personalidade que se adora no local, a Virgem Maria. Imagem em matéria de cor branca, implantada a uma cota acessível aos visitantes, interliga-se com a luminosidade transmitida pela capela.



Figura 53 - Vista Exterior do Santuário, 2019

Arquivo de autor



Figura 54 - Vista Interior do Santuário, 2019

Arquivo de autor



Figura 55 - Vista exterior da capela, 2019

Arquivo de autor



Figura 56 - Vista interior da capela - cúpula, 2019

Arquivo de autor

A capela, de planta quadrangular, pintada a branco pelo exterior, é marcada pelo beiral em xisto que prolonga a cobertura do mesmo material, embora rebocada e pintada a branco, até à fachada,

¹⁵ As escadarias estão profundamente ligadas à intermediação entre o Céu e a Terra, à ascensão e à evolução de natureza espiritual, em que os seus degraus representam as várias etapas a ultrapassar para se atingir o divino (Editora, 2003-2020).

evitando um envelhecimento acelerado das paredes por ação das águas pluviais. As paredes, pelo interior, apresentam-se revestidas a azulejos brancos pintados com temas a azul, que se ligam à cúpula pintada de azul ciano através de arcos em relevo que se unem nas interseções das paredes. Interseções essas, que se revelam como elementos de destaque pelas suas pinturas em tons rosados. Cada parede alberga um nicho, fechado com portadas em madeira e vidro, e apoiado por um pedestal. O pedestal principal, dedicado a Nossa Senhora dos Montes Ermos, alberga a imagem da mesma e as imagens de Santa Teresinha, Senhora da Aparecida, S. Brás, S. Nuno e uma imagem de Cristo crucificado. No pedestal lateral Oeste estão as imagens de S. José, Santa Luzia, Senhora de Lourdes, Sagrado Coração de Jesus, Santa. Eufémia e Santo. Expedito, enquanto que o pedestal lateral Este acolhe as imagens de Santa. Rita, Santa Bárbara, Senhora do Rosário de Fátima, Rainha Santa Isabel e Santo Benedito. Todos os pedestais são em madeira pintada a branco e contam com apontamentos relacionados com figuras celestiais em talha dourada.

Quadro 2 - Organização interior da capela

Pedestal Principal			
Nossa Senhora dos Montes Ermos			
Santa Teresinha			S. Brás
N.S. Aparecida			S. Nuno
P. Lateral Oeste	Cristo Crucificado		P. Lateral Este
S. José			Santa Rita
Santa Luzia			Santa Bárbara
N.S. Lourdes			N.S. Fátima
S. C. Jesus			N.S. Conceição
Santa Eufémia			Rainha St. Isabel
Santo Expedito			Santo Benedito

De modo geral, todas as imagens e pedestais apresentam-se num processo de degradação, pelo que carecem de restauro, para se evitarem perdas de partes da história, bem como das características originais. Para além das imagens a que se prestam culto, existem alfaias religiosas que servem para adornar e embelezar os pedestais, bem como auxiliar nas celebrações religiosas. Este expólio é constituído por quatro castiçais em prata, quatro em cobre e um em estanho, dois

candeeiros a cera em prata, duas jarras em prata, duas em cobre e um quadro com a história da capela (Anexo I).



Figura 57 - Nicho Lateral Oeste, 2019

Arquivo de autor



Figura 58 - Nicho Lateral Principal (Norte), 2019

Arquivo de autor



Figura 59 - Nicho Lateral Este, 2019

Arquivo de autor

O acesso à capela é feito, única e exclusivamente, através de uma porta de ferro que, recentemente, foi alterada para uma melhor contemplação das imagens e reforçada com uma porta de vidro pelo interior. As imagens podem ser contempladas, ainda, através de dois pequenos vãos, gradeados, no mesmo plano que a porta. Esta fachada é, assim, desenhada pela composição dos vãos e um conjunto de ajulejos com uma oração a Nossa Senhora da autoria de António Ferreira (Anexo III).

Do mesmo género, outro painel de azulejos com um poema da autoria de Rosária de Jesus Morgado, entitulado de “Devoção a Nossa Senhora dos Montes-Ermos” (Anexo IV), faz parte da composição da entrada no recinto. Esta é composta por duas colunas de granito trabalhado, encerradas com um portão de ferro, e antecedidas pelos sete degraus, também em granito.

Perto do recinto, embora no seu exterior, encontra-se uma cruz, com aproximadamente seis metros de altura, em granito branco polido, que se acompanha por um letreiro em xisto onde anuncia o nome do espaço.

A circulação automóvel no espaço assume-se como um elemento bastante marcado uma vez que é permitido ao redor do recinto murado bem como a diferentes zonas do lugar, feita por caminhos mistos, destinados tanto aos peões como aos automóveis, em asfalto ladeado com guardas em esteios de madeira.

Para além da capela no centro do recinto murado e da cruz alta em granito, existe um edifício a localizado fora do recinto murado, a Este, destinado a arrumação de material de tratamento dos espaços exteriores do santuários, apresentando valor arquitetónico e patrimonial nulo.



Figura 60 - Cruz e Letreiro no Santuário, 2020
Arquivo de autor



Figura 61 - Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos, Vista aérea, 2019
Fonte: Arquivo de Tiago Rentes

O Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos é o lugar de encontro e reencontro entre Nossa Senhora e os seus devotos e de alguma forma, o centro dos encontros e reencontros de pessoas e dos freixenistas. Sendo assim considerado, faz com que ao longo dos anos tenha vindo a ser alvo de algumas alterações e melhoramentos por parte da Junta de Freguesia de Freixo de Espada à Cinta, entidade responsável pelo zelo e manutenção.

Quadro 3 - Cronograma das intervenções no local (Pintado F. A., Nossa Senhora dos Montes Ermos, 1998, p. 105)

<i>Data</i>	<i>Intervenção</i>
1987	Melhoramentos da Capela e Recinto
8 de julho de 1992	Instalação de eletricidade no recinto e envolvente
19 de agosto de 1992	Instalação de água no recinto e envolvente
1993	Plantação de árvores no recinto e envolvente
1994	Alcatroamento da estrada que liga o Recinto a Freixo
1995	Aquisição de Pinhal
1997	Lajeamento da capela, reparação do muro do recinto e outros serviços
2018	Substituição dos tocheiros
2019	Substituição da porta da Capela e colocação da imagem de N. S ^a da Paz no Recinto

No entanto, algumas destas intervenções têm, também, outras entidades associadas. É o caso da Comissão Fabriqueira de Freixo de Espada à Cinta que, a 14 de agosto de 1988, vê o seu presidente, o Padre João António de Barros, assinar a 'Candidatura para Comparticipação na Instalação de Equipamentos de Utilização Colectiva' (Anexo V) enviada à Secretaria de Estado de

Administração Local e do Ordenamento do Território, no valor de 2.300.000 escudos (11500 euros, atualmente), para a reparação e ampliação da capela da Senhora dos Montes Ermos. Também é o caso da Câmara Municipal de Freixo, que durante o mandato de Edgar Gata¹⁶, segundo o mesmo (2020), ajudou na instalação de um marco de água, em arranjos na envolvente da capela, na intervenção de alargamento do caminho, ao encaminhamento das águas pluviais, construção de muros e instalação de iluminação pública. Segundo Edgar (2020), a Câmara Municipal tentava ao máximo não interferir com as decisões e trabalhos da Junta de Freguesia, considerando as intervenções realizadas pelo senhor Ferreira, presidente da Junta de Freguesia durante o seu mandato, ações positivas para a organização e embelezamento da zona.

Nos dias de hoje, esta forma de trabalhar por parte do município e da junta de freguesia ainda se mantém muito presente. No entanto, é a hierarquia da Igreja que tenta, de alguma forma, ajudar e influenciar no desenvolvimento e investimento no espaço. Desta forma, Francisco Pimparel¹⁷ (2020), salienta, segundo a sua perspetiva, que o espaço foi sendo mais ou menos cuidado ao longo dos tempos, contudo, pode ser feito muito mais, sobretudo na conjugação da arte e a liturgia e, desta forma, ajudar as pessoas nas suas caminhadas até à ermida. Reforça que o espaço se preparava para receber uma intervenção a esse nível, porém, com a sua mudança de paróquia, não sabe qual o desenvolvimento da situação.

Fazendo alusão aos Santuários da Diocese, Francisco (2020), faz referência ao Santuário de Nossa Senhora da Assunção em Vila Flor, uma das Sete Irmãs, como referência a nível de intervenção no fórum litúrgico e artístico, com o qual salienta a necessidade de um espaço próprio onde possa ser celebrada a eucaristia. Evoca, ainda, a carência de símbolos e sinais que ajudem as pessoas a meditar e rezar, sobretudo ao longo do caminho, desde a povoação até à ermida. Ainda em alusão ao Santuário da Senhora da Assunção, diz que espaços de acolhimento também fazem falta. O mesmo ponto de vista é tomado por Margarida Manta¹⁸ (2020), dizendo que a existência de espaços de convívio, onde se possa servir um almoço, possa ajudar a que o santuário fique na mira para encontros diocesanos, por exemplo. Exemplifica com o Santuário dos Cerejais, no concelho de Alfândega da Fé, onde todos os anos se fazem peregrinações, encontros de formação litúrgica ou os encontros diocesanos. Para além desse espaço, sublinha que poderiam existir outros, como para formação, polivalentes, que se transformassem de acordo com a necessidade. Um espaço para a celebração da eucaristia também é visto em falta por esta senhora, que aponta ser imprescindível, sem esquecer o restauro da capelinha, nomeadamente os pedestais, as imagens dos santos e santas e, com a mesma importância, melhorar a aparência exterior, que se encontra

¹⁶ Edgar Gata, licenciado em Gestão, pós-graduado em Relações Interculturais, professor de matemática aposentado e, atualmente, presidente da Associação Humanitária dos Bombeiros de Freixo de Espada à Cinta, foi presidente do executivo autárquico da Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta durante os anos entre 1998 e 2006, completando dois mandatos.

¹⁷ Francisco Normando Lourenço Pimparel, ordenado a 10 de julho de 1999, atualmente Diretor Diocesano das Obras Missionárias Pontifícias, Membro do Conselho Presbiteral e Pároco “in Solidum” das paróquias da Unidade Pastoral da Senhora da Assunção, arceprelado de Torre de Moncorvo, foi Pároco nas paróquias da Unidade Pastoral de Nossa Senhora dos Montes Ermos nos anos entre 2012 e 2019

¹⁸ Margarida Manta, funcionária da Santa Casa da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta, é a zeladora da capela de Nossa Senhora dos Montes Ermos desde 2009 até à atualidade.

muito degradada. Sublinha, também, a necessidade de uma solução que permita aos utilizadores do espaço uma melhor capacidade de adoração da imagem de Nossa Senhora uma vez que devido ao material da porta não ser o mais adequado e à orientação da capela – a Sul – a incidência da luz solar torna impossível a visualização.

Muitas são as necessidades e carências apresentadas por quem visita e utiliza o santuário. Com tantas necessidades apresentadas, poder-se-à acreditar que a população vê na ermida da Senhora dos Montes Eremos, a nova Fátima. Lugares de culto e oração, lugares de formação e pastoral, lugares de memória e cultura. Capelas, igrejas ou basílicas, museus, auditórios e centros pastorais. Lares e abrigos para os peregrinos.

Será desta realidade que a ermida da Senhora dos Montes Eremos carece?

Será necessário transformar a ermida da Senhora dos Montes Eremos desta forma para que os peregrinos a vivenciem de forma mais adequada à sua função?

Será necessário retirar toda a humildade e simplicidade do espaço, para fazer com que a arquitetura ajude na integração da Virgem dos Montes Eremos na Irmandade das 7 Irmãs, 7 Senhoras?

3. Peregrinos na arquitetura e na Fé

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

3.1. Revitalização do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos – Programa

Dos diferentes aspetos apontados como necessidades para o santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos nenhum, se demonstrou fortemente motivador para o desenvolvimento da proposta de intervenção. Embora não abordada pelos intervenientes anteriormente mencionados, uma clara carência que o espaço apresenta é a necessidade da sua ligação e interligação com os santuários e ermidas que integram a irmandade referida na Lenda das 7 irmãs.

Neste sentido, a proposta de revitalização do santuário dos Montes Ermos tem como foco principal a sua inclusão no conjunto religioso abordado, fazendo do espaço o lugar gerador de toda a estória, capaz de relacionar o conceito religioso, a tradição, a estória e a arquitetura de maneira a que o seu desenho expresse a simbiose da crença, da devoção, do transcendente e do belo. Sendo um espaço que traduz a relação entre o Homem e uma entidade divina, maioritariamente resumida em consolos e alegrias, acha-se por bem integrar no desenvolvimento da proposta as maiores alegrias que Nossa Senhora teve ao longo da sua vida: a anunciação do anjo, o nascimento de Jesus e a adoração dos Magos, a ressurreição e ascensão de Jesus, o pentecostes e a sua coroação como rainha dos céus.

Deste modo o que se propõe para a ermida da Senhora dos Montes Ermos é um caminho de peregrinação que faça a ligação introspectiva entre os crentes e a divindade mariana aqui venerada e que permita ao visitante uma reflexão auto-crítica da sua posição terrestre. Numa primeira fase, atendendo às necessidades manifestadas na capela existente, sendo estas de primeira estância, e tendo em conta que se trata do elemento principal e ao mesmo tempo o mais vulnerável à degradação, propõe-se uma intervenção profunda e consolidada, desenvolvida e aprofundada em termos técnicos, através da sua reabilitação e recuperação como ação pertinente a fim de evitar perdas de identidade, da cultura e da história tanto do lugar como das pessoas que o frequentam e seus antepassados. Intervenção que se estenderá pela totalidade do recinto murado, onde se notará uma intervenção de restauro do muro de pedra, bem como a deslocação de elementos pré-existentes, de modo a beneficiar a imagem do espaço. Numa fase posterior, é proposto um conjunto de sete «*capelas*» dispostas e orientadas seguindo as ligações diretas entre a capela da Senhora dos Montes Ermos e das suas irmãs, permitindo ao observador a sua integração na lenda, através de planos de observação tanto da capela dos Montes Ermos como das restantes.

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

3.2. Proposta

3.2.1. Existente

3.2.1.1. Recinto

Sendo o recinto murado, composto pela capela e pelo muro de pedra, o elemento do santuário que apresenta mais anomalias e necessidades para uma intervenção prioritária, a proposta que se apresenta quer representar o trajeto físico e emocional do visitante desde o momento de entrada até à capela, traduzindo a sua preparação interior até abordar a Senhora dos Montes Ermos.

Como tal, a primeira fase da proposta, trata-se da recuperação do muro de pedra, tendo como base os dogmas da Virgem Maria – Imaculada Conceição, Maternidade Divina, Virgindade Perpétua e Assunção aos Céus – mantendo as suas características físicas atuais. Contudo, no momento principal de entrada existente, voltado a Sul – que se propõe ser dedicado à Assunção da Virgem Maria aos Céus - parte do muro será demolida, em ambos os lados, para permitir uma entrada mais desafogada e possibilitar que os degraus da escadaria tenham uma dimensão mais generosa. Ladeando a escadaria até ao seu primeiro degrau, o muro será prolongado por muro novo construído com o mesmo tipo de pedra, que suportará as colunas pré-existentes em granito, previamente recuperadas através de um processo de limpeza, de modo a convidar a entrada no recinto e transmitir aos utilizadores uma sensação de proteção. O muro sofrerá, ainda, pequenas demolições na criação de entradas secundárias orientadas segundo as fachadas da capela – a entrada Este que permite o acesso a pessoas com mobilidade reduzida, dedicada à Imaculada Conceição, a Oeste dedicada à Virgindade Perpétua e a Norte, dedicada à Maternidade Divina - formando no seu conjunto uma geometria de acessos em cruz.

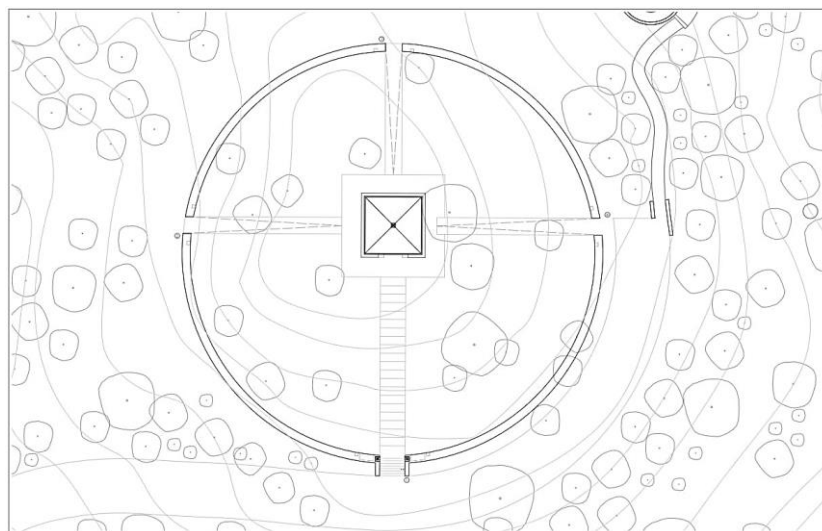


Figura 62 – Planta Geral do Recinto - Sem escala

Peça desenhada arq 08

Um dos elementos geradores de ruído no espaço, que de certo modo retira ao local a simplicidade transmitida pelos traços da capela, é o par de tocheiros localizados na frente da mesma. Como a ação de demolir seria um ato considerado radical, uma vez que retiraria identidade ao local, devido à função que desempenha bem como à simbologia que lhe está incutida, propõe-se a sua deslocação para a entrada do recinto. Esta proposta visa o encastre dos tocheiros no muro de pedra, de forma a estes serem visíveis apenas pelo interior do recinto, sem lhes ser retirada a essência da sua função no espaço. Seguindo o mesmo conceito, propõe-se que elementos como papeleiras e a iluminação sejam encastradas do mesmo modo no muro, através da construção de nichos e colocação de projetores LED, permitindo uma limpeza visual na generalidade do espaço.

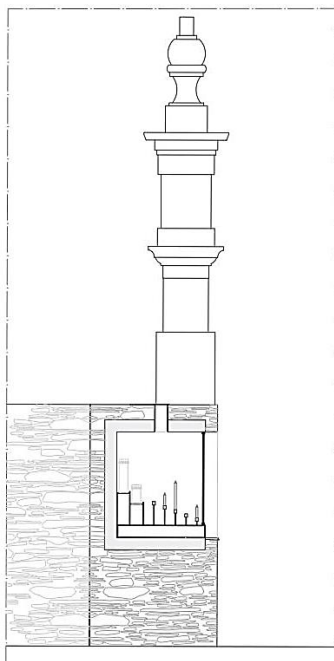


Figura 63 – Corte Transversal do Tocheiro - Sem escala
Peça desenhada arq 35

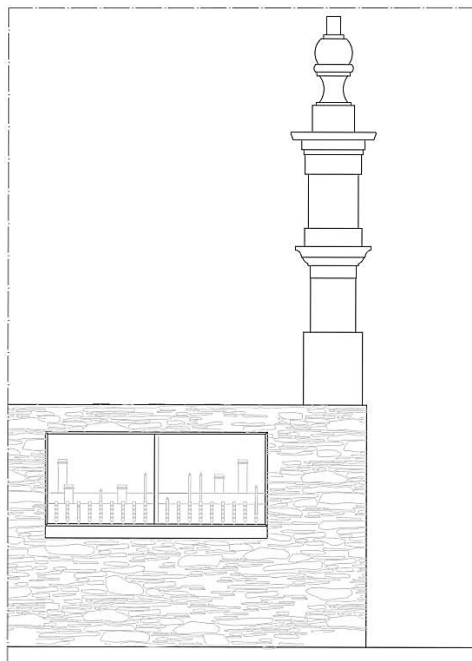


Figura 64 – Alçado do Tocheiro - Sem escala
Peça desenhada arq 36

Outro elemento perturbador no espaço, trata-se da imagem da Rainha da Paz, colocada recentemente no recinto. Embora de linhas simples, a imagem localiza-se no topo de um pedestal em blocos de betão revestidos a lajetas de xisto com geometrias variáveis. Como tal, e considerando que a peça não se enquadra no espaço, nem evoca o orago do lugar, propõe-se retirar todo o conjunto que a compõe. Todo o mobiliário urbano presente no recinto apresenta, de igual modo, características que o desenquadram do restante e, como tal, propõe-se que seja removido.

Após esta intervenção de modo a simplificar o espaço, propõe-se uma escadaria que dê continuidade aos 7 degraus pré existentes, de modo a reforçar o simbolismo e importância que as mesmas assumem em diversos santuários pelo mundo, formando um conjunto de 28 degraus. Quanto aos existentes, construídos em betão, serão substituídos por degraus em terra compactada e consolidada e revestidos no cobertor com placas de vidro Ataija de cor creme com acabamento escovado, o que lhes confere características anti-derrapantes. Quando esta peça se junta ao

espelho dos degraus, é criado um afastamento que permite a inserção de um sistema calafetado de iluminação LED, que permitirá a sua iluminação noturna. O mesmo material de revestimento e o mesmo sistema de iluminação são tomados pelos restantes degraus, formando assim um conjunto harmonioso.

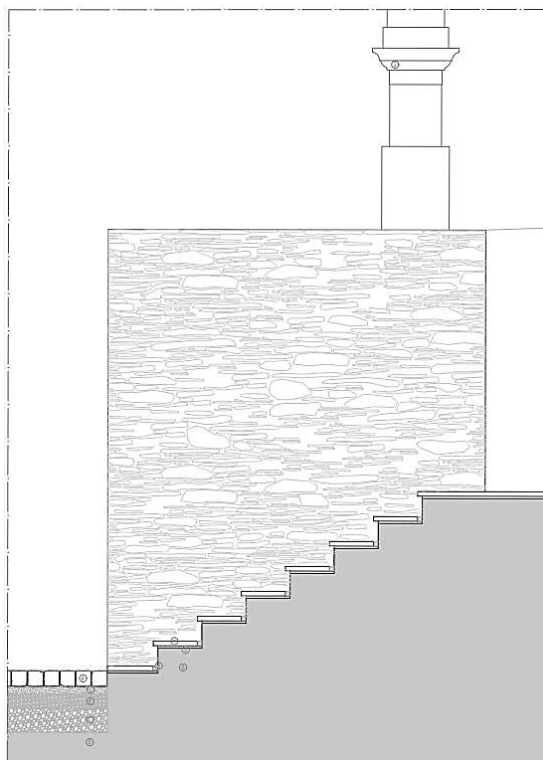


Figura 65 – Degraus da Entrada - Sem escala
Peça desenhada arq 34

Para o restante piso do recinto é proposto um relvado *Zoysia Japónica*, uma espécie de pouca manutenção, de relvado fino, pisável e de aparência agradável, o que permite ao observador uma circulação livre por todo o espaço para além dos percursos definidos. Já as rampas dos acessos Norte, Este e Oeste são revestidas com o mesmo material de revestimento dos degraus da escadaria.

Quanto à drenagem das águas do interior do recinto, é proposto um sistema de recolha de águas através de grelhas, localizadas junto ao muro. A água recolhida será encaminhada através de canalização subterrânea para os terrenos envolventes ao recinto, onde não se localizem outros elementos propostos.

Cumprindo o pedido de clarificação do culto e conseqüente simplificação do espaço, para a cruz em granito e para o edifício de apoio, que se encontra na envolvente exterior ao recinto, por não apresentar qualquer interesse arquitetónico, cultural nem patrimonial, e por não serem legitimados pela hierarquia eclesiástica, uma vez que se tratam de iniciativas laicas por parte de oferendas, é proposta a sua demolição, a fim de se concretizar a ligação entre todos os elementos propostos e recuperados.

3.2.1.2. Capela

I. Exterior

Neste conjunto edificado, a capela dedicada a Nossa Senhora dos Montes Ermos é o elemento que sofreu uma intervenção mais aprofundada, tendo como alvo os diferentes elementos construtivos, querendo que a proposta mantenha bem firme o conceito simples e humilde que lhe está incutido. Deste modo, foram selecionados métodos de intervenção pouco intrusiva, bem como materiais, texturas e tonalidades, para que os traços e simbologias originais da capela se mantenham presentes após a implementação de todos os aspetos propostos.

a) Cruzeiro

Para o cruzeiro, é proposta a sua recuperação através da limpeza/escovagem cuidadosa, para não provocar danos, a fim de remover toda a cal /tinta branca e todas as anomalias acumuladas devido à sua exposição às intempéries. De modo a manter a sua configuração original, propõe-se a sua pintura com tinta branca com adição de selantes e impermeabilizantes e com a aplicação de um protetor de superfícies, sem brilho.

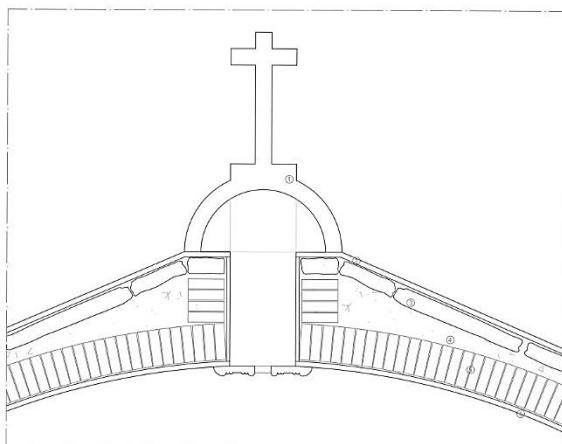


Figura 66 – Pormenor do Cruzeiro - Sem escala
Peça desenhada arq 20

b) Cobertura

Para a cobertura, propõe-se a sua recuperação através de um processo de escovagem e remoção da argamassa presente, de forma superficial pouco intrusiva e pelo melhoramento das juntas de ligação entre as ardósias com aplicação de uma betonilha leve de alta resistência com adição de selantes e impermeabilizantes, de forma a uniformizar a cobertura e a evitar sobrecargas na abóbada. Será ultimada com pintura a branco, com aplicação de protetor de superfícies, sem brilho.

c) Beirado

Tal como na cobertura, é proposto para o beirado, o mesmo processo de recuperação, através de uma escovagem pouco intrusiva a fim de remover a pintura branca e com o preenchimento das

juntas de ligação entre as ardósias com a aplicação de um reforço superior impossibilitando a sua visibilidade aos olhos do observador, constituído por betonilha leve de alta resistência e malha sol fazendo, deste modo, uma continuidade da cobertura possibilitando o fortalecimento do beirado, sendo-lhe aplicados os mesmos aditivos, acabamentos e protetores de superfícies.

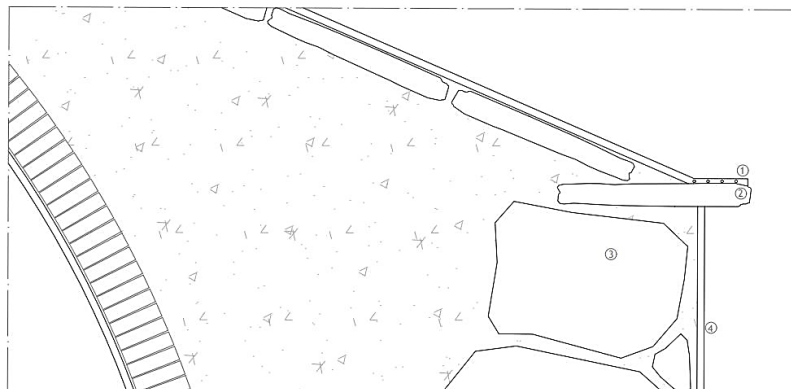


Figura 67 – Pormenor da Cobertura/Beirado - Sem escala
Peça desenhada arq 21

d) Fachadas

Nas fachadas, a primeira intervenção foi a retirada de toda a instalação elétrica como fios, cabos, casquilhos, lâmpadas e cordas de iluminação, sem uso. Seguidamente, propõe-se uma escovagem pouco intrusiva para remoção da pintura branca, areias e resíduos do reboco, com a reparação imediata de eventuais fissuras e outras anomalias presentes e com a aplicação de reboco aditivado com selantes e impermeabilizantes para argamassas, pintado a branco com a aplicação de impermeabilizante e protetor de superfícies, sem brilho.

Propõe-se também a substituição do banco perimetral existente por um banco contínuo em cantaria, com uma cavidade junto à parede que assume funções de albergar instalação elétrica num sistema calafetado para iluminação exterior da capela, utilizando a solução de fitas LED. Na fachada principal, este banco altera a sua configuração, passando a assumir-se com genuflexório junto às janelas.

Ainda na fachada principal é proposta a limpeza e remoção de manchas e fungos das cantarias das molduras dos vãos da porta e das janelas, bem como a remoção do gradeamento e porta de ferro dos mesmos.

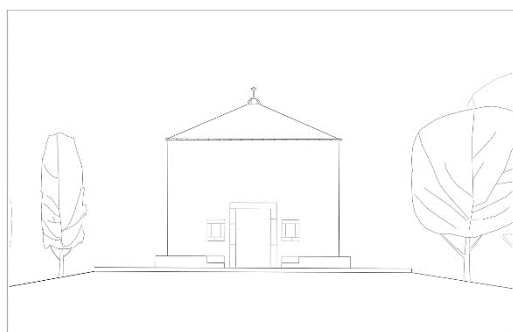


Figura 68 – Alçado Sul - Sem escala
Peça desenhada arq 17

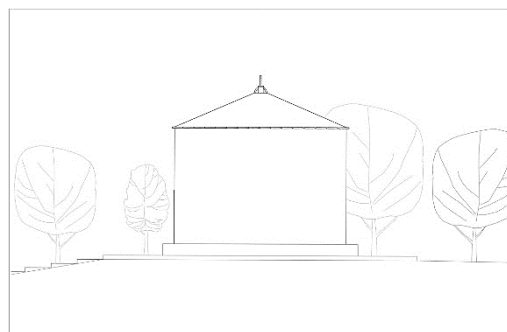


Figura 69 – Alçado Este - Sem escala
Peça desenhada arq 18

II. Interior

No interior do edifício, as propostas verificam-se como menos cautelosas pelo que são sugeridas ações de retirada de alguns elementos, como é o caso dos pedestal. Ação que no decorrer da investigação e desenvolvimento da proposta de recuperação da capela se mostrou possível, uma vez pretendida e garantida a sua conservação e permanência em repositório de arte sacra. Como tal, pode verificar-se que o interior da capela apresenta aspetos e questões diferentes daqueles que lhe estavam incutidos originalmente, sem lhe ser retida a essência, simbologia e função.

a) Pavimento

Para o pavimento da capela, optou-se por fazer a continuidade de material usado no piso exterior. Sendo assim, é usado o revestimento em placas de vidro Atáija com 30mm de espessura, de cor creme, escovado – características antiderrapantes – dividido em três áreas: um corredor central e os espaços laterais. No primeiro são usadas peças com 70x133cm, enquanto que nos restantes são usadas peças com 70x115cm.

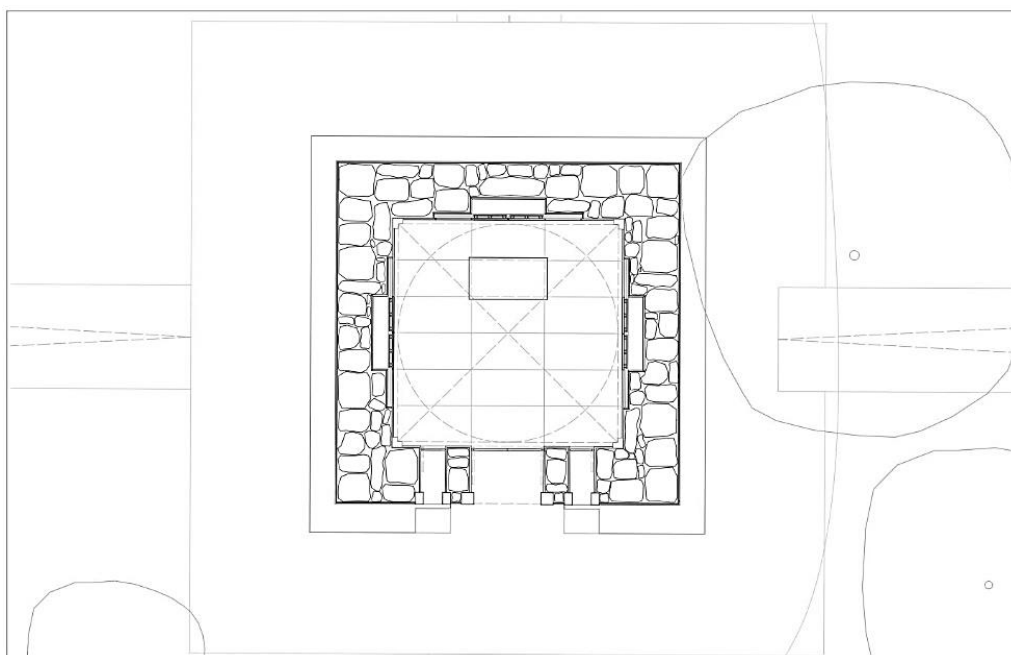


Figura 70 – Planta de Piso - Sem escala
Peça desenhada arq 10

b) Paredes

Nas paredes é proposta a aplicação do mesmo material usado no revestimento do piso, no entanto com dimensões de 70x115cm aplicadas verticalmente, que permitem uma uniformização e limpeza visual, impossibilitada pelo padrão criado pelos azulejos cerâmicos pré-existentes.

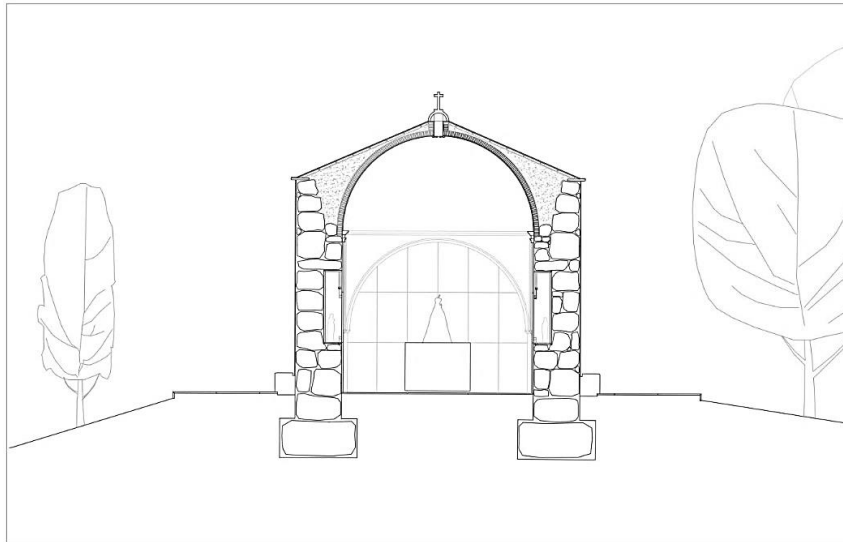


Figura 71 – Corte Transversal - Sem escala
Peça desenhada arq 12

c) Nichos

Os nichos, elementos da pré-existência que eram ornamentados por pedestais em madeira branca com apliques dourados, fazem alusão a espécies divinas, mantêm-se sozinhos, sendo proposta a remoção dos. Esta ação foi tomada, de acordo com a intencionalidade futura quanto ao destino a dar às peças, assim que seja garantida a sua conservação e permanência em sede adequada para peças da sua tipologia, após serem retirados do espaço

Posto isto, propõe-se que os nichos sejam revestidos interiormente com vidro Atáija, de cor creme e sejam encerrados com portas no mesmo material (dimensões 70x115cm) que abrem e fecham para o interior através de um sistema PUSH-UP e deslizam através de calhas de roldanas para o 'interior' das paredes, permitindo duas configurações diferentes, sem marcar a presença das portas e, deste modo, possibilitar o ocultar da diferente estatuária religiosa dando o destaque à imagem da Senhora dos Montes Ermos.

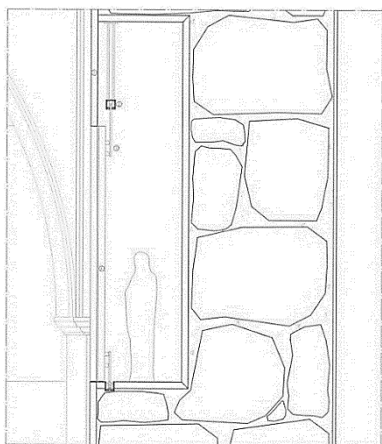


Figura 72 – Pormenor Nicho: Sistema PUSH-UP aberto – Sem escala
Peça desenhada arq 23

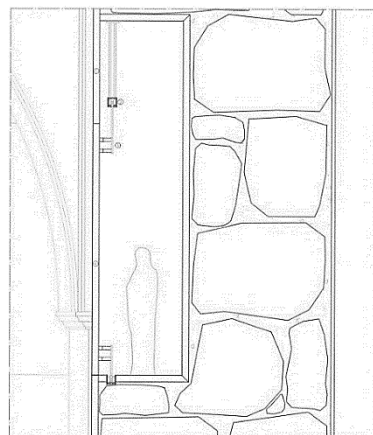


Figura 73 – Pormenor Nicho: Sistema PUSH-UP fechado – Sem escala
Peça desenhada arq 23

d) Abóbada

A abóbada, que traz ao interior da capela uma ligação mais próxima e imediata com o céu, trata-se de uma peça construída em tijolo rebatido (3x11x22cm), estucada pelo interior. Como tal, propõe-se a sua manutenção, alterando a cor azul predominante pela cor BNO4 Robbialac, da gama de brancos modernos, sendo nomeada de Branco Jasmim Natureza. Esta cor, embora seja de tonalidade branca, depois de aplicada vai buscar os tons do vidro Ataija, e assim fazer uma ligação entre a Terra e o Céu. Esta tinta será também aplicada nas uniões dos arcos das fachadas interiores.

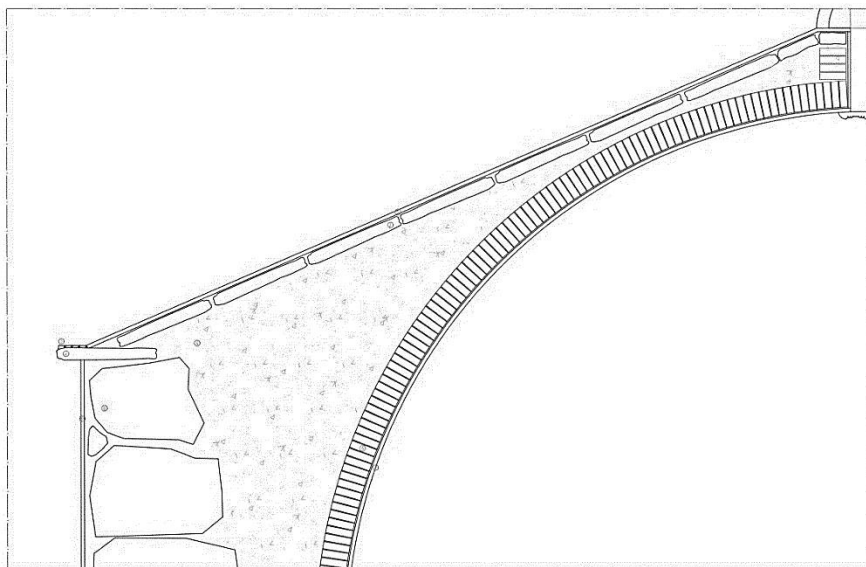


Figura 74 – Pormenor da Abóbada - Sem escala
Peça desenhada arq 29

e) Arcos e Frisos

Os arcos interiores, juntamente com a abóbada, tornam o ambiente harmonioso complementado pela delicadeza e pormenorização dos frisos por si criados. Neste sentido, propõe-se a sua conservação e restauro mantendo-os com as características originais. Na parte superior do friso da abóbada será introduzido um sistema de iluminação com fitas LED que, voltadas para a abóbada criarão uma sensação de maior espacialidade e maior iluminação.

f) Porta e Janelas

Para as portas e janelas, propõe-se a alteração da sua localização. A porta, inicialmente junto ao plano da fachada, será deslocada para o plano da parede interior permitindo assim, a criação de uma antecâmara que permite ao visitante a contemplação do interior da capela, uma vez que a padieira do vão da porta se assume como pala de sombreamento. Já para os vãos das janelas, inicialmente apenas com gradeamento exterior em ferro, é proposta a remoção do mesmo, e a colocação de janelas no mesmo alinhamento que a porta.

Devido ao lugar estar localizado num monte ermo e, portanto, vulnerável à repetição de atos de vandalismo já registados, como resposta a solicitação nesse sentido, propõe-se tanto a porta como as janelas são propostas em vidro anti-bala sob o sistema pivotante, permitindo a simplicidade

dos vãos. A escolha do vidro recaí sobre o vidro ISOLAR MULTIPACT BR2-NS 31mm 73kg/m² da VITROCHAVES com características como isolamento térmico e acústico, controlo solar, proteção de queda, vidro de segurança, proteção contra fogo, proteção contra pássaros, tecnologia térmica a vácuo e otimização de luz. É ainda proposta a aplicação de uma película anti-reflexo que ajudará, ainda mais, na observação do interior da capela.

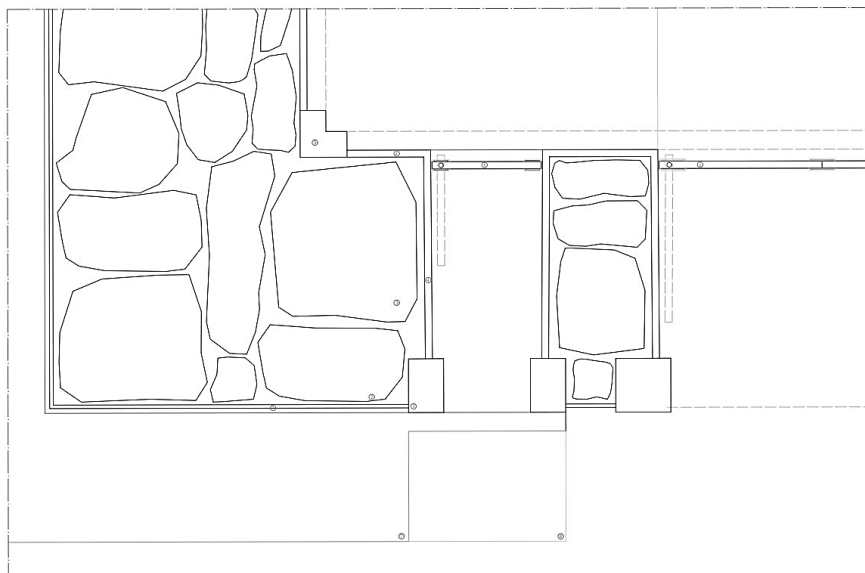


Figura 75 – Pormenor Vãos - Sem escala
Peça desenhada arq 31

g) Altar

Para o altar que albergará a imagem da Senhora dos Montes Ermos, é proposto que seja diferenciado dos nichos que acolherão as restantes imagens. Como tal, propõe-se um monólito em vidro Ataija de 0,70x0,70x1,40cm localizado no espaço de uma das peças do revestimento do piso, revestido a bronze de 2cm de espessura, formando um monólito de 0,80x1,10x1,50cm. Este monólito em bronze, que trará realce e foco ao interior da capela, será fixado no bloco de Ataija a uma altura de 5cm do piso, transmitindo a sensação de levitação.

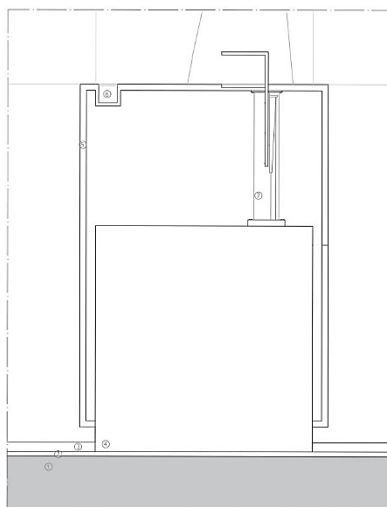


Figura 76 – Pormenor Altar - Sem escala
Peça desenhada arq 33

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

O altar, com um sistema elétrico de elevação, que permitirá que a imagem da Virgem não esteja pousada sobre o mesmo, conta com uma abertura posterior, que permite o acesso a um compartimento interior, onde se localizará o mesmo sistema elevatório, bem como toda a instalação elétrica e interruptores, ficando assim invisíveis para o observador. Ainda na zona superior do altar, no 'tampo', localiza-se uma cavidade centrada, que permitirá a instalação de luminária para a iluminação da imagem da Senhora, através de fitas LED.

3.2.2. Novo

Para além da intervenção de recuperação na capela do recinto murado, que se demonstra como uma ação fundamental e primordial, achou-se por bem propor uma intervenção artística no local seguindo as faltas apresentadas pelos entrevistados, de modo a que este transmita de uma forma mais clara, evidente e dinâmica, a mensagem que lhe está infundida. Com isto, é possível levar adiante a mensagem do Papa João Paulo II na sua carta aos artistas (1999) onde abordava que para a Igreja transmitir a mensagem que Cristo lhe tinha confiado, teria a necessidade de arte.

Neste sentido, e querendo relacionar a importância que a arte assume na transmissão de uma doutrina e os conceitos incutidos ao santuário, propõe-se a criação de um caminho de fé. Um caminho que levará o devoto a percorrer simbolicamente o território transmontano representado na lenda das 7 irmãs. Com isto, o visitante é convidado a peregrinar por 7 «capelas», cada uma dedicada a uma alegria da vida de Nossa Senhora, onde poderá sentir a presença de forças divinas, bem como da força da natureza, uma vez que esta se mescla com o edificado. Esta possibilidade deve-se ao facto de cada elemento se assumir como uma instalação artística, sem referência a qualquer crença religiosa, o que possibilita a sua disponibilidade para receber pessoas de todas as confissões, bem como aquelas que não se identificam com nenhuma.

As 7 «capelas», localizadas e orientadas estrategicamente, representam cada uma das sete irmãs e constroem uma ligação visual com cada uma das ermidas e com o recinto murado. De modo a criar um conjunto harmonioso, propõe-se um trajeto pedestre adequado a pessoas com mobilidade reduzida, em calçada de blocos de granito dispersos, de modo a não delimitar e acentuar o trajeto, ao mesmo tempo que possibilita uma liberdade no percurso do visitante, podendo este seguir ou não pelo definido.

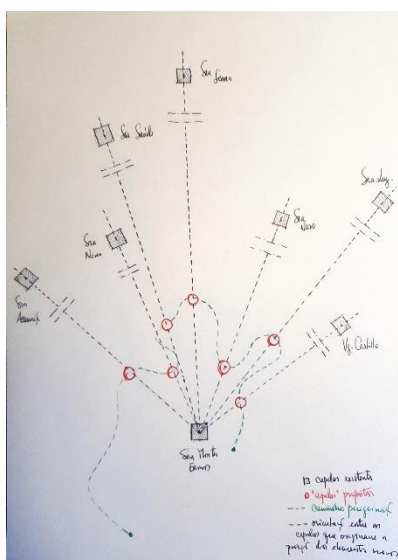


Figura 77 – Esboço de estudo, alinhamentos
Arquivo de Autor

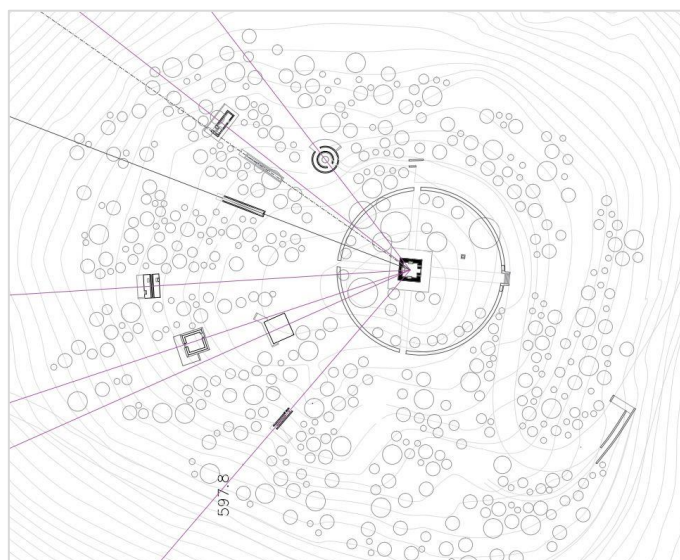


Figura 78 – Esboço de estudo, alinhamentos
Arquivo de Autor

Dos Montes Ermos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos

Este trajeto, sob um desenho orgânico, inicia-se na entrada do santuário, marcada por um pórtico, que assinala a passagem para terreno santo e separa o percurso pedonal do percurso para veículos, terminando assim, junto à entrada Este do recinto, onde termina também o acesso automóvel. Quanto a este, é proposto que seja retirado todo o acesso automóvel ao santuário bem como o revestimento atual, excetualizando-se com a entrada de veículos de emergência e de transporte de indivíduos com mobilidade reduzida, realizada pelo acesso pré-existente a Sul do recinto murado. Neste sentido, propõe-se o deslocamento da estrada que liga o santuário com a vila de Freixo, para os terrenos circundantes de modo a retirar o ruído automovel do local.

Quere-se com esta proposta, que o visitante e o crente peregrinem pelo espaço e consigam envolver-se com as sensações transmitidas pelos elementos construídos e, deste modo, conseguir uma melhor preparação interior para que no final do percurso encontrem um momento de paz e tranquilidade traduzido no contacto com a imagem da Senhora dos Montes Ermos.

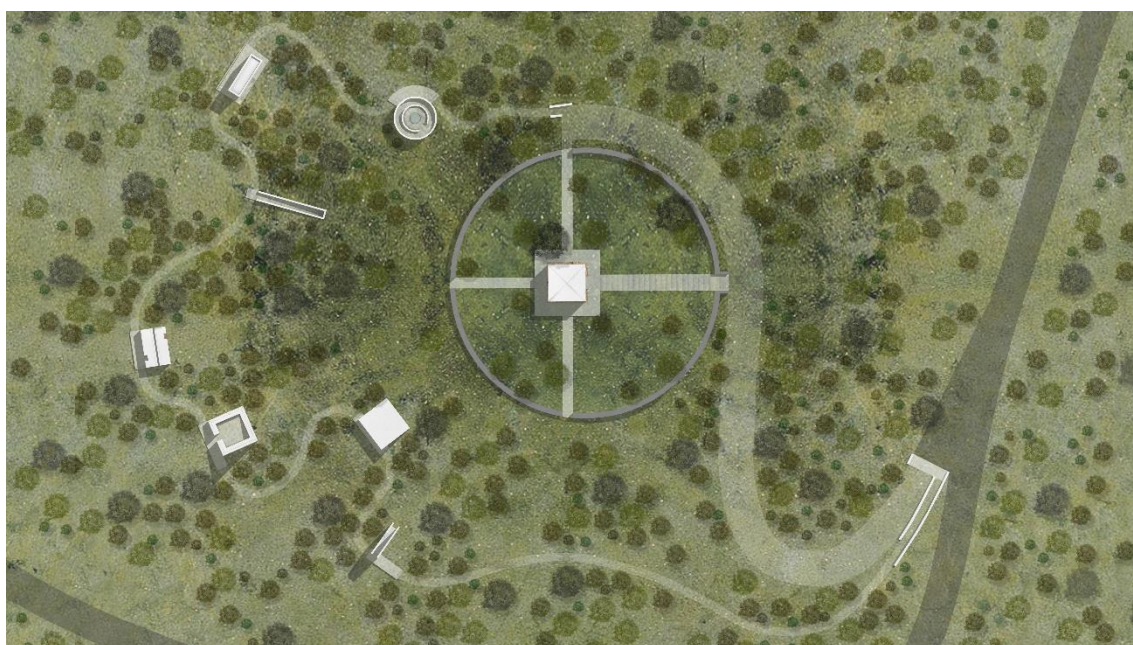


Figura 79 – Conjunto, fotomontagem representativa - Sem escala
Arquivo de Autor

3.2.2.1. «Capela» da Ascensão

A «capela» da Ascensão, orientada segundo uma linha traçada para fazer a ligação entre a capela de Nossa Senhora dos Montes Ermos com a capela de Nossa Senhora da Assunção no santuário com o mesmo nome, resulta assim voltada a Noroeste e tem aproximadamente 12 m² de área.

“Depois de falar com os discípulos, o Senhor Jesus foi arrebatado ao céu e sentou-Se à direita de Deus” (Biblia Sagrada, 1993, p. 1456).

No seguimento desta passagem bíblica do evangelho de S. Marcos, na qual é relatada a ascensão de Jesus ao céu após a sua presença física junto dos discípulos, todos os aspetos mencionados são tomados em consideração.

Como tal, propõe-se que a «capela» da Ascensão traduza o movimento ascendente através da sua volumetria e organização espacial. Neste sentido, pretende-se que o espaço seja dividido em três partes, fazendo alusão à Santíssima Trindade, completa após a elevação de Jesus. Duas paredes verticais em betão armado assumem as áreas laterais do espaço total, suportando uma escadaria, que ocupa a parte central do espaço, composta por doze degraus de 1 metro de largura, cada um dedicado a cada discípulo, remetendo a subida ao patamar mais alto de onde, através de um óculo, se consegue observar todo o conjunto arquitetónico, tal como Deus consegue observar o seu povo e toda a Humanidade do alto dos céus. O óculo, de geometria circular, conta com um aro em aço corten de 14mm, de igual modo presente no revestimento posterior continuo dos degraus que culmina na guarda do último degrau. Esta guarda, com altura de 2 metros, impossibilita o visitante de um alinhamento visual direto com a capela da Senhora dos Montes Ermos, ao mesmo tempo que possibilita uma visão panorâmica sob o construído e toda a paisagem envolvente.



Figura 80 – «Capela» da Ascensão,
fotomontagem representativa
Arquivo de autor

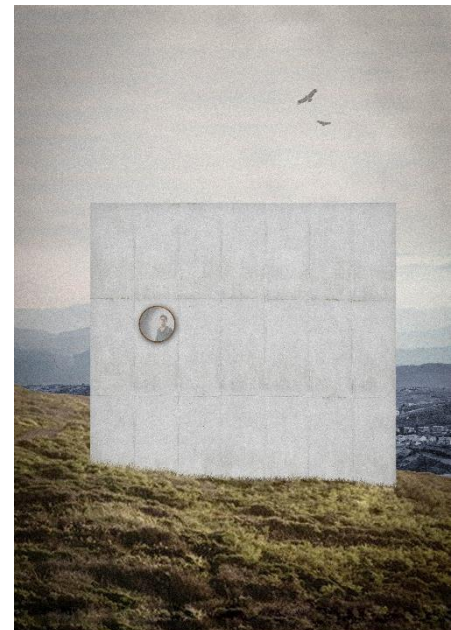


Figura 81 – «Capela» da Ascensão,
fotomontagem representativa
Arquivo de autor

As paredes, com altura de 6,60m, assumem-se como elementos estruturais de todo o espaço suportando os degraus desenhados sob uma solução que os permite 'levitar' e transparecer ao observador a leveza e a tranquilidade que se sente ao estar em contacto com uma força superior. Como as paredes são os únicos elementos que compõem as fachadas, optou-se pelo uso de cofragem de 1m x 2,25m que permite criar uma malha que divide a fachada em 7 partes iguais horizontalmente, e em 3 partes iguais verticalmente.

Para travar o processo de envelhecimento do edifício optou-se por:

- Paredes em betão branco SecilTEK armado com adição de impermeabilizante para argamassa, regulador cromático SecilTEK AD 05 e com a aplicação de protetor de superfícies SecilTEK AD 40.

- Capeamento com peças pré-fabricadas em betão branco SecilTEK com adição de selante e impermeabilizante de superfícies MICRO ART AD 91 e aplicação de protetor de superfícies SecilTEK AD 40.

3.2.2.2. «Capela» da Natividade

A «capela» da Natividade fica orientada segundo a ligação da capela de Nossa Senhora das Neves e da capela de Nossa Senhora dos Montes Ermos, resulta assim voltada a Noroeste e tem aproximadamente 45 m² de área.

“ e Maria deu à luz o seu filho primogénito. Ela enfaixou-O e colocou-O numa manjedoura, pois não havia lugar para eles na hospedaria” (Biblia Sagrada, 1993, p. 1462).

Nesta passagem do evangelho de S.Lucas onde se relata de forma breve uma das alegrias de Nossa Senhora – o nascimento de Jesus – é caracterizado de forma inconsciente o lugar onde Jesus nasceu. Nesta lógica, propõe-se que a «capela» da Natividade traduza a essência da manjedoura e a grandiosidade do momento.

Como tal, quis-se que o edifício evocasse o nascimento de um ser. Neste caso, propõe-se que o desenho da «capela» evoque o nascimento daquela que é considerada pelos devotos como terra santa. Neste sentido, é desenhado um elemento estrutural e escultórico que brota da terra e convida à interação e à veneração, através da contemplação da paisagem e da Virgem na sua morada terrestre – a capela da Senhora dos Montes Ermos.



Figura 82 – «Capela» da Natividade, fotomontagem representativa

Arquivo de autor

Este elemento estrutural, em consola, assume-se como cobertura do espaço inferior e como plataforma percorrível da área superior. Assim sendo, o espaço inferior protegido pela cobertura, remete ao lugar simples e humilde que é a magedoura. Dividida em três zonas, a capela conta com duas plataformas de nível a cotas diferentes e uma rampa que as liga, traduzindo o caminho espiritual que cada visitante tem percorrer até atingir a simplicidade e a humildade. No ponto central desta rampa localiza-se um monólito circular em betão armado com aproximadamente

0,5 metros de altura, revestido a aço corten de 14mm, simbolizando Jesus na cena do seu nascimento.

O espaço superior assume-se como um pequeno anfiteatro ao ar livre que possibilita aos visitantes um espaço de contemplação direta da capela da Senhora dos Montes Ermos, podendo estes estarem em diferentes posições. A presença livre e informal dos visitantes na 'cobertura' da «capela» vai ao encontro da posição dos pastores que esperaram e observaram a estrela que anunciava o nascimento do filho de Deus, enquanto descansavam ao guardar os seus rebanhos.

Para garantir um bom desempenho, tanto a nível estrutural como a nível da reação com as águas das chuvas, bem como para travar o seu envelhecimento optou-se por:

- Estrutura metálica com vigas de secção em H de 250mm x 260mm, com comprimento de 10,50m, formando uma malha de 2,20m x 1,75m, com revestimento e acabamento através de uma capa em betão branco SecilTEK pré-fabricada de 50mm de espessura com adição de selante e impermeabilizante de superfícies MICRO ART AD 91, regulador cromático SecilTEK AD 05 e com a aplicação de protetor de superfícies SecilTEK AD 40.

3.2.2.3. «Capela» da Adoração

A «capela» da Adoração, orientada segundo uma linha traçada para fazer a ligação entre a capela de Nossa Senhora dos Montes Ermos com a capela de Nossa Senhora da Saúde na ermida com o mesmo nome, resulta assim voltada a Norte e tem aproximadamente 30 m² de área.

“Quando entraram na casa, viram o Menino com Maria, sua Mãe. Ajoelham-se diante d’Ele e prestaram-Lhe homenagem. Depois, abriram os cofres e ofereceram presentes ao Menino.” (Biblia Sagrada, 1993, p. 1369).

No seguimento desta passagem bíblica do evangelho de S. Mateus, na qual é relatada a visita dos Reis Magos ao lugar onde nascera Jesus, todos os aspetos mencionados são tomados em consideração. Neste sentido, propõe-se que a «capela» da Adoração expresse o movimento de genuflexão realizado pelos magos ao ver o menino recém-nascido.



Figura 83 – «Capela» da Adoração, fotomontagem representativa
Arquivo de autor



Figura 84 – «Capela» da Adoração, fotomontagem representativa
Arquivo de autor

Como tal, é proposto um espaço regular, intersetado por um alinhamento composto pelo momento de entrada e pela abertura que permite a observação da capela de Nossa Senhora dos Montes Ermos, representando o caminho percorrido pelos três reis magos até ao lugar do nascimento de Jesus. O conjunto de elementos construídos – paredes – criam uma dinâmica de alturas que variam entre os 3 e os 3,90m, e inclinações de 7° relativamente ao eixo vertical, sendo relacionada ao movimento feito pelos magos, complementados por dois degraus no momento de entrada que obrigam ao observador a descida para o interior da «capela». Esta descida permite ao observador uma sensação de proteção ao mesmo tempo que consegue uma ligação visual com a Senhora dos Montes Ermos através de uma abertura, revestida lateralmente a aço corten de 15mm.

Para travar o processo de envelhecimento do edifício optou-se por:

- Paredes em betão branco SecilTEK armado com adição de impermeabilizante para argamassa, regulador cromático SecilTEK AD 05 e com a aplicação de protetor de superfícies SecilTEK AD 40.

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

- Capeamento com peças pré-fabricadas em betão branco SecilTEK com adição de selante e impermeabilizante de superfícies MICRO ART AD 91 e aplicação de protetor de superfícies SecilTEK AD 40.

3.2.2.4. «Capela» da Anunciação

A «capela» da Anunciação, orientada segundo uma linha traçada para fazer a ligação entre a capela de Nossa Senhora dos Montes Ermos com a capela de Nossa Senhora da Serra no santuário com o mesmo nome, resulta assim voltada a Norte e tem aproximadamente 30 m² de área.

“(...) o anjo Gabriel foi enviado (...) a uma virgem, prometida em casamento (...). O anjo entrou onde Ela estava, e disse: «Alegra-Te, cheia de graça! O Senhor está contigo!» (...) «O Espírito Santo virá sobre Ti e o poder do Altíssimo Te cobrirá com a sua sombra. Por isso, o Santo que vai nascer de Ti será chamado Filho de Deus. (...)» Maria disse: «Eis a escrava do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra»” (Biblia Sagrada, 1993, p. 1459).

No seguimento desta passagem bíblica do evangelho de S. Lucas, na qual é relatada a visita do anjo Gabriel a Maria, onde lhe explica quais as intenções de Deus para com ela, todos os aspetos mencionados são tomados em consideração. Neste sentido, propõe-se que a «capela» da Anunciação traduza o movimento descendente feito pelo anjo ao comunicar com Maria, através da sua volumetria.



Figura 85 – «Capela» da Anunciação,
fotomontagem representativa
Arquivo de autor



Figura 86 – «Capela» da Anunciação,
fotomontagem representativa
Arquivo de autor

Como tal, pretende-se que a capela seja um espaço aberto, tal como o coração de Nossa Senhora foi ao aceitar o desígnio de Deus, de modo a permitir a comunicação do interior com o exterior e dando a possibilidade à natureza de marcar presença na «capela». Assim sendo, são propostas duas paredes verticais inclinadas, com altura de 7,20m, que encaminham o olhar do observador até ao céu e onde a sua interseção é substituída por uma estrutura metálica que permite que entre elas não existam movimentos, ao mesmo tempo que aprova a entrada do céu e toda a sua simbologia no interior da «capela». Do interior é possível a observação da capela da Senhora dos Montes Ermos, através de um óculo quadrangular com uma moldura saliente tanto no interior como no exterior em 0,47m, em aço corten de 20mm, apoiado por um banco revestido no mesmo material, de onde o observador poderá estabelecer contacto com Nossa Senhora, tal como esta estabeleceu com o anjo no momento relatado na passagem bíblica.



Figura 87 – «Capela» da Anunciação, fotomontagem representativa
Arquivo de autor

Para um melhor comportamento e para travar o processo de envelhecimento do edifício optou-se por:

- Paredes pré-fabricadas em betão branco SecilTEK armado com adição de impermeabilizante para argamassa, regulador cromático SecilTEK AD 05 e com a aplicação de protetor de superfícies SecilTEK AD 40.
- Capeamento com peças pré-fabricadas em betão branco SecilTEK com adição de selante e impermeabilizante de superfícies MICRO ART AD 91 e aplicação de protetor de superfícies SecilTEK AD 40.
- Contenção e travamento de movimentos horizontais das paredes através de uma estrutura metálica que abraça cada uma das paredes, não sendo visível pelo exterior.

3.2.2.5. «Capela» da Ressurreição

A «capela» da Ressurreição, orientada segundo uma linha traçada para fazer a ligação entre a capela de Nossa Senhora dos Montes Ermos com a capela de Nossa Senhora do Nazo no santuário com o mesmo nome, resulta assim voltada a Nordeste e tem aproximadamente 23 m² de área.

“Maria tinha ficado fora, a chorar junto ao túmulo. Enquanto ainda chorava, inclinouse e olhou para dentro do túmulo. Viu então dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus tinha sido colocado (...). Então os anjos perguntaram: «Mulher, porque choras?» Maria virou-se e viu Jesus de pé; mas não sabia que era Jesus. (...) Então Jesus disse: «Maria». Ela virou-se e exclamou: «Mestre». (...) Então Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos: «Eu vi o Senhor»” (Biblia Sagrada, 1993, p. 1559).

No seguimento desta passagem bíblica do evangelho de S. João, onde é relatada o momento em que Maria Madalena conversa com Jesus e se apercebe da sua ressurreição, todos os aspetos mencionados são tomados em consideração. Neste sentido, propõe-se que a «capela» da Ressurreição expresse o caminho percorrido por Jesus até ao momento da sua morte, ao mesmo tempo que represente a alegria vivida por Maria Madalena ao anunciar que Jesus não continuava morto.



Figura 88 – «Capela» da Ressurreição, fotomontagem representativa

Arquivo de autor

Como tal, propõe-se que a «capela» assuma uma geometria retângular longitudinal, de 13 metros de comprimento e 1,80m de largura simbolizando esse mesmo caminho. Propõe-se ainda, que a «capela» assuma um trajeto descendente, sendo o seu piso desenvolvido em rampa de modo a representar a descida ao interior da terra, bem como a saída vitoriosa de Jesus do interior do túmulo representada no trajeto de saída do edifício. A «capela» conta com paredes contínuas com alturas variáveis, tendo as paredes 2,30m de altura no momento de entrada e 3 metros do final do trajeto. Tal efeito não é percetível do exterior do edifício uma vez que a inclinação do terreno

assume direção inversa o que permite uma sensação de entrada no interior da terra e a sensação de maior horizontalidade. De modo a contrariar a horizontalidade fortemente marcada pela organização da «capela», propõe-se que as paredes adoptem uma métrica vertical, definida pela cofragem de 0,10m de largura.

Para um melhor comportamento e para travar o processo de envelhecimento do edifício optou-se por:

- Paredes em betão branco SecilTEK armado, cofrado com madeira de 10cm de largura, com adição de impermeabilizante para argamassa, regulador cromático SecilTEK AD 05 e com a aplicação de protetor de superfícies SecilTEK AD 40.
- Capeamento com peças pré-fabricadas em betão branco SecilTEK com adição de selante e impermeabilizante de superfícies MICRO ART AD 91 e aplicação de protetor de superfícies SecilTEK AD 40.
- escoamento de águas pluviais através de grelhas de escoamento instaladas no perímetro da capela.

3.2.2.6. «Capela» do Pentecostes

A «capela» do Pentecostes, orientada segundo uma linha traçada para fazer a ligação entre a capela de Nossa Senhora dos Montes Ermos com a capela de Nossa Senhora da Luz na ermida com o mesmo nome, resulta assim voltada a Nordeste e tem aproximadamente 14 m² de área.

“Ao anoitecer desse dia, estando fechadas as portas do lugar onde se achavam os discípulos (...) Jesus entrou. Ficou no meio deles e disse (...): « A paz esteja convosco. Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós». E tendo dito isto, Jesus soprou sobre eles, dizendo:«Recebei o Espírito Santo. Os pecados daqueles a quem perdoardes serão perdoados.»” (Bíblia Sagrada, 1993, p. 1560).

No seguimento desta passagem bíblica do evangelho de S. João, onde é relatada o Pentecostes, momento em que o Espírito Santo desce sobre os discípulos sob ação de Jesus, todos os aspetos mencionados são tomados em consideração. Como tal propõe-se que a «capela» do Pentecostes traduza o momento em que os discípulos são presenteados pelo Espírito Santo e acariciados com o poder de perdoar os pecadores.



Figura 89 – «Capela» do Pentecostes, fotomontagem representativa
Arquivo de autor



Figura 90 – «Capela» do Pentecostes, fotomontagem representativa
Arquivo de autor

Neste sentido, propõe-se que esta «capela» assuma uma presença austera, simbolizando a presença dos pecadores junto de Deus, ao mesmo tempo que expresse a igualdade entre todos os mortais. Sendo assim, é proposto um monólito de 7m x 8m x 2,50m, marcado métricamente por faixas horizontais, definidas pela cofragem de 0,20m de altura, de modo a quebrar a verticalidade sem retirar a sua presença intransigente. No seu interior, o espaço é dividido em dois – o espaço de entrada e o espaço da «capela» em si – estando o primeiro localizado de modo a impedir a entrada de luz no espaço da «capela». O segundo espaço, a «capela», é marcada pela horizontalidade da cofragem e pelo pé direito de 6,40m que através do eco e do vazio, transmite a

sesação de solidão. De modo a colmatar esta sensação, é criada uma abertura com uma moldura lateral em aço corten de 15mm, que permite ao observador o contacto com a Senhora dos Montes Ermos, e duas aberturas horizontais junto à cobertura que consentem a entrada de luz natural, representando a presença divina que desce ao visitante trazendo aconchego e proteção. Junto à parede posterior à parede da abertura é criado um acento em toda a extensão da parede, em aço corten de 15mm, permitindo ao visitante diferentes momentos no mesmo espaço.



Figura 91 – Capela do Pentecostes, fotomontagem representativa
Arquivo de autor

Para um melhor comportamento e para travar o processo de envelhecimento do edifício optou-se por:

- Paredes em betão branco SecilTEK armado, cofrado horizontalmente com madeira de 20cm de largura, com adição de impermeabilizante para argamassa, regulador cromático SecilTEK AD 05 e com a aplicação de protetor de superfícies SecilTEK AD 40.
- Capeamento das platibandas com peças pré-fabricadas em betão branco SecilTEK com adição de selante e impermeabilizante de superfícies MICRO ART AD 91 e aplicação de protetor de superfícies SecilTEK AD 40.
- A drenagem de águas pluviais é realizado através do sistema sifónico GEBERIT PLUVIA da GEBERITE PT, que permite o escoamento das águas economizando espaço no que diz respeito às pendentes das tubagens.

3.2.2.7. «Capela» da Coroação

A «capela» da Coroação, orientada segundo uma linha traçada para fazer a ligação entre a capela de Nossa Senhora dos Montes Ermos com a capela de Nossa Senhora da Luz na ermida com o mesmo nome, resulta assim voltada a Nordeste e tem aproximadamente 42 m² de área.

“Filhas de reis saem ao teu encontro. De pé, à tua direita, esta a rainha, ornada com ouro de Ofir. Ouve, filha, vê e presta atenção, esquece o teu povo e a casa de teu pai.”
(Biblia Sagrada, 1993, p. 792).

No seguimento desta passagem bíblica do livro dos salmos, onde é feita uma breve descrição da Virgem Maria e afirmado que esta é a rainha do céu, este aspeto é tomado em consideração para o desenvolvimento da «capela» da coroação. Como tal, propõe-se que a «capela» da Coroação expresse o verdadeiro significado de Maria ser a rainha do céu, através da sua volumetria e organização.

Neste sentido, propõe-se que esta «capela» assuma uma geometria circular, geometria que simboliza a perfeição, tal como Nossa Senhora se demonstrou perfeita aos olhos de Deus. Deste modo, são propostas duas paredes circulares, marcadas pela métrica imposta pela cofragem de 0,15m de largura, formando espaços de circulação interiores na periferia, que transportam o visitante até ao núcleo central da «capela», fazendo referência às muralhas das fortalezas medievais. Sendo estas compostas por uma muralha baixa pelo exterior e outra muralha mais alta pelo interior, propõe-se que o conceito seja invertido e a ‘muralha’ mais baixa fique localizada no interior, ficando invisível pelo exterior.



Figura 92 – «Capela» da Coroação, fotomontagem representativa
Arquivo de autor



Figura 93 – «Capela» da Coroação, fotomontagem representativa
Arquivo de autor

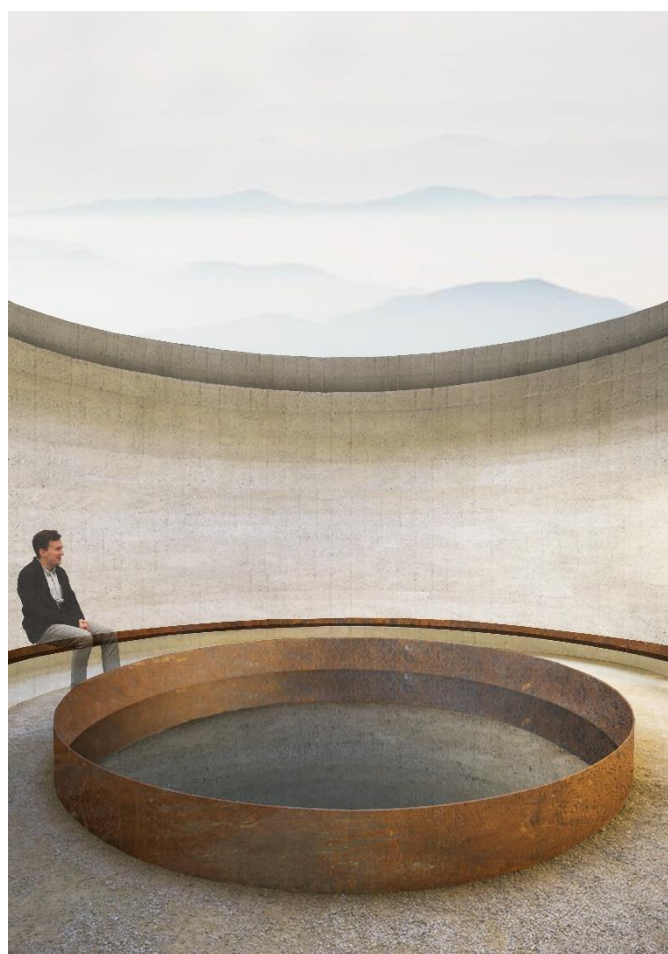
No núcleo central da «capela», propõe-se a construção de um banco em aço corten de 15mm na extensão de toda a parede e de uma pequena piscina com 0,20m de altura revestida a aço corten com uma pequena guarda de 0,40m, permitindo alguma segurança. Uma vez que a presença da água no interior desta «capela» é fundamental, tal como é na liturgia, onde representa o batismo – primeiro contacto com Deus – propõe-se que no lado interior da guarda da piscina, seja gravada,

invertidamente, a resposta que Nossa Senhora deu ao anjo Gabriel quando este lhe disse que ia ser a Mãe do Filho de Deus: “Eis a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a Tua palavra!”. Opta-se que seja gravada invertida para permitir ao observador a leitura através do reflexo na água e assim, encaminhar o olhar até ao céu, sem ter de olhar para cima. Ainda no núcleo central é proposta uma abertura vertical de 0,15m x 4,30m, que permite uma ligação com a capela da Senhora dos Montes Ermos e desta maneira possibilitar ao observador a sua veneração.

Para travar o processo de envelhecimento do edifício optou-se por:

- Paredes circulares em betão branco SecilTEK armado, cofrado verticalmente com madeira de 15cm de largura, com adição de impermeabilizante para argamassa, regulador cromático SecilTEK AD 05 e com a aplicação de protetor de superfícies SecilTEK AD 40

- Capeamento das platibandas com peças pré-fabricadas em betão branco SecilTEK com adição de selante e impermeabilizante de superfícies MICRO ART AD 91 e aplicação de protetor de superfícies SecilTEK AD 40.



**Figura 94 – «Capela» da Coroação, fotomontagem
representativa**
Arquivo de autor

Conclusão

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Com base no conteúdo teórico apresentado, poderá assumir-se que embora a sociedade atual possa estar aparentemente afastada destes traços que, comprovadamente, definem a cultura das comunidades, Nossa Senhora permanece, inevitavelmente, na vida das populações. Contudo, é necessário integrar a sua presença nas sociedades atuais, de modo a permitir uma facilidade e uma aproximação entre o Homem e Deus, usando a arquitetura no desenvolvimento de espaços de culto que apresentem características tradicionais, mas que, simultaneamente, se consigam abrir a todos os credos e, sobretudo, representar a ponte para transmitir o Deus de cada utilizador.

Segundo Guta Moura Guedes (2018), presidente da associação responsável pela *ExperimentaDesign*, quando se refere à capela projetada por Souto de Moura para o Pavilhão da Santa Sé, na Bienal de Arquitetura de Veneza, “poucos convites desafiam tanto um arquiteto como o de construir um local dirigido à procura da espiritualidade humana e à busca da existência de algo que nos transcende e que na verdade não conhecemos”. É neste sentido que o caminho de peregrinação proposto pelo santuário dos Montes Ermos, é composto por oito espaços desenvolvidos sob uma lógica de concurso, que apesar de não apresentarem características de capelas tradicionais, estão contudo inseridas no contexto da natureza com um carácter contemplativo, de modo a associar cada um dos espaços com uma religião mais simples, onde o único ornamento é o seu próprio brilho (Juaçaba, 2017).

Neste sentido, o projeto de arquitetura apresentado nesta dissertação, enquanto exercício académico que procura relacionar dois universos aparentemente tão diferentes através da beleza e da simplicidade da poesia construída, foi desenvolvido de modo a que a Senhora dos Montes Ermos, através da arquitetura, se integrasse na lenda das Sete Irmãs, e fazendo do seu santuário, o Santuário das Senhoras dos montes ermos.

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Anexos

Dos Montes Ermos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos

Anexo I – Quadro Síntese: A Senhora dos Montes Ermos e as 7 irmãs

		S ^a Montes Ermos	S ^a Assunção	S ^a Neves	S ^a Saúde	S ^a Serra	S ^a Naso	S ^a Luz	S ^a Castelo
R	Espaço Murado	X	-	-	-	-	X	-	-
	Escadaria	X	X	-	X	-	-	-	-
E	Presbitério Exterior	-	X	-	X	-	X	X	-
	Tocheiros	X	X	-	-	-	X	-	-
C	Via Sacra	-	X	-	-	X	X	-	-
	Alpendre	-	-	-	X	-	-	-	-
I	Adro(s)	-	X	-	X	X	X	X	-
	Outros Edifícios	X	X	?	X	X	X	-	X
N	Orientação	S	OE	SO	S	OE	SO	NO	NO
	Voltada para o povo	X	X	-	-	-	-	-	-
T	Altitude (m)	610	760	958	738	1320	814	890	686
	Volumetria ¹⁹	1v	2v	2v	1v	3v	3v	3v	5v
O	Planta ²⁰	Q	LR	LR	LR	LR	LR	LR	LR
	Área ≈ (m ²)	44	170	180	70	550	350	100	330
C	Construção	<1509	1843	?	?	?	?	?	?
	Estilo Arq.	?	Barroco	?	?	Arq. Popular	Barroco	Barroco	?
A	Materiais ²¹	AP	AP	AT	AP	AP	AP	AP	AP
	Acabamento ²²	RB	RB	RB	RB	RB	RB	RB	s/R
P	Cobertura ²³	4A	2A	2A	2A	2A	2A	2A	2A+4 ^a
	Campanário	-	X	X	-	X	X	X	X
E	Frontão	-	X	-	-	-	X	X	X
	Ornamentação ²⁴	-	X	X	X	X	X	X	X
L	Talha Dourada	-	X	-	-	X	X	X	X
	Coro	-	X	-	-	X	X	?	?
A	Altars	3	3	-	1	3	3	1	3
	Vãos	Portas	1	3	2	2	2	3	1
Janelas		2	10	13	4	3	2	2	3

¹⁹ Valores apresentados consoante o nº de volumes que compõem a volumetria do edifício; v=volumes.

²⁰ Q= quadrangular; LR= longitudinal regular.

²¹ AP= alvenaria de pedra; AT= alvenaria de tijolo.

²² RB= ≤100% de reboco pintado a branco; s/R= sem reboco, pedra à vista.

²³ Valores apresentados consoante nº de águas da cobertura; A=águas

²⁴ Ornamentação: cornijas, pináculos ou coruchéus.

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Anexo II – História da capela de Nossa Senhora dos Montes Ermos

Esta é a CAPELA DE NOSSA SENHORA DOS MONTES ERMOS. Já existia em 1672. É uma construção do séc. XVII. Substituiu no local uma outra capela que, nos princípios do séc. XVI (cerca de 1509) ainda existia e era devotada a S. Brás. (Da memória do orago dessa ermida, apenas a tradição de continuar a ser transportada a imagem do santo nas procissões da Senhora dos Montes Ermos). É provável que a substituição tenha a ver com o Culto Mariano, de grande tradição em Portugal e muito incrementado por D. João IV.

Uma lenda antiga conta que, começadas as obras da capela da Senhora dos Montes Ermos, não exatamente neste sítio, S. Brás, durante a noite, teria mudado, do outro para este local, as ferramentas dos obreiros.

Apesar da vila de Freixo ter como orago S. Miguel Arcanjo (desde o século XII que é conhecida por “freguesia de S. Miguel”) são em honra da Senhora dos Montes Ermos as maiores festividades da vila (AFESTA, A FESTA DO VERÃO, A FESTA DA SENHORA). Desconhece-se a data do seu início, mas pensa-se que terá sido pelos meados do século XVIII. É provável que a FESTA DA SENHORA tenha substituído a procissão de Aljubarrota (que ainda se fazia em 1721) e que, por sua vez, essa teria substituído a festa de S. Miguel – uma cristianização das festas do Equinócio de Outono, genericamente entendidas como FESTAS DAS COLHEITAS. A tradição de transportar nas procissões da Senhora dos Montes Ermos a imagem do Beato Nuno, quererá recordar ainda aquele 14 de agosto de 1385 (Batalha de Aljubarrota)? É provável que sim porque o culto ao Beato Nuno vem já dos finais do século XV, no entanto, esse culto só foi ratificado pela Santa Sé em 1918 e esta imagem é posterior a esta data.

Até aos anos sessenta, realizava-se A FESTA DA SENHORA no 1º domingo de setembro, mas foi antecipada para o 3º domingo de Agosto para possibilitar a presença dos emigrantes.

Até aos anos cinquenta/sessenta, característico desta festa era o facto de as mulheres transportarem até aqui, à cabeça, por promessas, taleigos de trigo. O mesmo faziam os lavradores, no jugo ou na cabeça dos bois jungidos.

Freixo de Espada à Cinta, agosto de 1997

Francisco António Pintado

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Anexo III – Oração ‘Avé Senhora dos Montes Ermos’

Avé Senhora dos Montes Ermos

Senhora, Senhora, dona das minhas dores,
E do meu coração sempre envolto de pranto
Senhora, Senhora, que um ramo de flores
Não vale sequer um ponto do teu manto.

Senhora, Senhora, olha por quantas cores
Meus olhos navegam à procura de um canto,
Onde o Sol esconde muitos dos amores
Que eu procuraria em frenesi de Santo.

Mas, agora, eu sei que posso esperar,
E posso aceitar o ‘Sim’ do teu amor,
Pois a dúvida morreu ante o teu olhar.

E da compaixão que eu noto, e por
lembrança,
- Que não precisa de mim uma flor -
Mas eu espero seja a Bem Aventurança.

António Ferreira, s.d.

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Anexo IV – Poema ‘ Devoção a Nossa Senhora dos Montes-Ermos’

I

No cimo do cabecinho,
Sois sempre nossa vizinha
Envolvida ao lindo manto,
Ó Maria, ó mãe minha.

II

Ó linda imagem bendita,
Na tua capela sagrada
Em meu coração estais escrita,
Por mim, sois sempre adorada.

III

Ó mãe de braços abertos,
A transbordar de alegria
Para que todos te adoremos,
Pai-nosso, Avé- Maria.

IV

Senhora... junto a teu filho Jesus,
Dai-nos o pão de cada dia
Dai-nos a paz, a luz
Sois nosso guia.

V

Quanto vos agradeço... Senhor!
Ouviste minha alma amargurada,
De sofrimento e dor...
Curáste as minhas chagas.

VI

Adeus ó Virgem Santíssima,
Aceitai a nossa oração
Que os Freixenistas vos têm,
Todo amor e devoção.

Rosária de Jesus Morgado

17 de março de 1992

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Anexo V – Candidatura para Participação na Instalação de Equipamentos de Utilização Colectiva

DGOT

NOR_328/RL/88

MINISTÉRIO DO PLANO E DA ADMINISTRAÇÃO DO TERRITÓRIO

SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL E DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

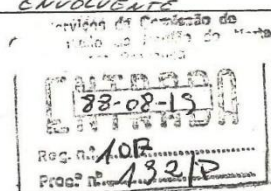
CANDIDATURA PARA PARTICIPAÇÃO NA INSTALAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE UTILIZAÇÃO COLECTIVA

IDENTIFICAÇÃO DA ENTIDADE: COMISSÃO FABRILQUEIRA DE FREIO

DE ESPADA À CINTA

IDENTIFICAÇÃO DO EMPREENDIMENTO: REPARAÇÃO DA CAPELA DE

N.º S.º DOS MONTES ERMOS E ÁREA ENVOLVENTE



DOCUMENTOS A ANEXAR:

1. Fotocópias do cartão de identificação de pessoa colectiva e Estatutos (ou documentos substitutivos, se aqueles não se aplicarem)
2. Prova da posse do terreno ou do direito de superfície por mais de 50 anos
3. Estudo prévio, anteprojecto ou projecto do empreendimento (se disponível)
4. Planta de localização 1:25 000 - indicando zona de influência
5. Prova da aprovação camarária do estudo (se disponível)
6. Se for caso, fotocópia do documento comprovativo do parecer favorável da Direcção Regional de Agricultura à ocupação do terreno
7. Descrição do estado das instalações se se tratar duma reparação

Dos Montes Ermos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos

MINISTÉRIO DO PLANO E DA ADMINISTRAÇÃO DO TERRITÓRIO

SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL E DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

CANDIDATURA PARA COMPARTICIPAÇÃO NA INSTALAÇÃO DE EQUIPAMENTO DE
UTILIZAÇÃO COLECTIVA

I - ENTIDADE

A - IDENTIFICAÇÃO:

1. Designação: COMISSÃO FABRILQUEIRA DE FREGUESIA DE EIAPADA A CINTA
2. Morada: FREGUESIA EIAPADA A CINTA
Código Postal: 5160 Telefone: _____
Concelho: FREGUESIA EIAPADA Distrito: BRAGANÇA
Freguesia: FREGUESIA EIAPADA Lugar: _____
3. Cartão de identificação de pessoa colectiva nº 500686853
4. Data da publicação dos estatutos em Diário da República: 1/1

B - OBJECTIVO SOCIAL (como consta dos estatutos):

II - EMPREENDIMENTO A COMPARTICIPAR

A - IDENTIFICAÇÃO:

1. Designação: REPARAÇÃO DA CAPELA DE NOSSA S^ª DOS MONTES ERMOS
2. Obra Nova: Ampliação: Reparação:
No caso de ampliação ou reparação indicar se o imóvel está classificado e, caso afirmativo, a classificação que tem: _____
3. Localização: CABEÇO DOS MONTES ERMOS
4. Área do terreno: _____ m² Área coberta a construir: _____ m²
Área coberta actual (se se tratar de ampliação ou reparação): 150 m²
5. Número de freguesias que beneficiarão do empreendimento: 6
6. População dessas freguesias (número aproximado): 6.000
7. Localidade mais próxima que dispõe de equipamento idêntico (indicar localidade e distância): _____ Km

Dos Montes Ermos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos

B - FINALIDADE DO EMPREENDIMENTO:

C - DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO EMPREENDIMENTO A REALIZAR E, SE FOR CASO, CRONOLOGIA DAS SUAS DIVERSAS COMPONENTES :

D - ESTIMATIVA DE CUSTO: Total: 2.300.000 \$ Por m²: 15.000 \$

(A estimativa deverá incluir, se os houver, os custos de construção civil, electricidade, aquecimento, acessos, arranjos exteriores, instalações especiais, projecto e IVA)

E - REGIME DE EXECUÇÃO PREVISTO:

Administração directa: Concurso limitado: Concurso público:

III - FONTES DE FINANCIAMENTO

Indicar quais as fontes de financiamento com que a Entidade conta ou pensa vir a contar para completar a eventual comparticipação que lhe vier a ser atribuída pela DGOT.

_____ \$
_____ \$
_____ \$

Tomei conhecimento do Regulamento

Fuiz _____, 14 de Agosto de 19 88

O presidente da Fabriquena
Pe João António de Barros

(assinatura e carimbo ou selo branco)

Presidente da Comissão Fabriquena

(nome e cargo)

Dos Montes Ermos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos

Anexo VI – Guião de entrevista – Francisco Pimparel

1. Na sua opinião qual a importância que Nossa Senhora dos Montes Ermos tem no viver freixenista?
2. Em 2000, o executivo camarário tomou a decisão de passar para a Câmara Municipal, a responsabilidade da organização da festa em honra da Senhora dos Montes Ermos, tirando esse orgulho dos bairros. Acha que foi a decisão mais acertada? Porquê?
3. Qual é a sua visão da capelinha/ santuário da Senhora dos Montes Ermos?
4. Qual a sua visão das Festas de Nossa Senhora dos Montes Ermos?
5. Quais são os pontos positivos e negativos?
6. Nos tempos que correm, a população tende- se a afastar da preparação da Festa de Nossa Senhora dos Montes Ermos. Porque acha que isto acontece?
7. Acha que a decisão que o executivo camarário tomou, em 2000, influenciou de alguma forma neste comportamento por parte dos freixenistas? Porquê?
8. Sabe-se que as festas da Senhora dos Montes Ermos se têm vindo a mostrar cada vez mais frágeis. Na sua opinião, o que acha que poderia ser feito para inverter esta situação? Porquê?
9. Acha que o ‘Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos’ necessita de alguma intervenção para uma melhor celebração da devoção a Nossa Senhora? Porquê?
10. O que falta ou falha? Porque acha que falta ou falha?

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Anexo VII – Guião de entrevista – Margarida Manta

1. Na sua opinião qual a importância que Nossa Senhora dos Montes Ermos tem no viver freixenista?
2. Em 2000, o executivo camarário tomou a decisão de passar para a Câmara Municipal, a responsabilidade da organização da festa em honra da Senhora dos Montes Ermos, tirando esse orgulho dos bairros. Acha que foi a decisão mais acertada? Porquê?
3. Qual é a sua visão da capelinha/ santuário da Senhora dos Montes Ermos?
4. Qual a sua visão das Festas de Nossa Senhora dos Montes Ermos?
5. Quais são os pontos positivos e negativos?
6. Nos tempos que correm, a população tende- se a afastar da preparação da Festa de Nossa Senhora dos Montes Ermos. Porque acha que isto acontece?
7. Sabe-se que as festas da Senhora dos Montes Ermos se têm vindo a mostrar cada vez mais frágeis. Na sua opinião, o que acha que poderia ser feito para inverter esta situação? Porquê?
8. Acha que o ‘Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos’ necessita de alguma intervenção para uma melhor celebração da devoção a Nossa Senhora? Porquê?
9. O que falta ou falha? Porque acha que falta ou falha?

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Anexo VIII – Guião de Entrevista – Edgar Gata

1. No que lhe for possível, seria capaz de descrever o ‘cabecinho’ há 20 anos atrás?
2. Na sua opinião qual a importância que a Senhora dos Montes Ermos tinha no viver freixenista? E qual a importância que tem hoje?
3. Bem sabemos que o zelo e manutenção do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos são da responsabilidade da Junta de Freguesia de Freixo de Espada à Cinta. Contudo, aquando do exercício das suas funções enquanto Presidente de Câmara, alguma vez pensou em intervir, ou ajudar/apoiar numa possível intervenção na capelinha da Senhora dos Montes Ermos?
4. Antes de pertencer ao Executivo Camarário, qual era a sua visão da capelinha da Senhora dos Montes Ermos?
5. E qual a sua visão das Festas do Verão?
6. Quais eram os pontos positivos e negativos?
7. Quais foram os motivos que levaram o seu executivo a tomar a decisão de passar para a Câmara Municipal, a responsabilidade da organização da festa?
8. Como funcionava? Era 100% organizada pela CM, ou havia comissão de festas com o apoio da CM?
9. Como tomou essa decisão?
10. Essa decisão causou alguma revolta ou descontentamento por parte da população?
11. Acha que foi a decisão mais acertada? Porquê?
12. Nos tempos que correm, a população tende a se afastar da preparação da Festa do Verão. Porque acha que isto acontece?
13. Acha que a decisão do seu executivo influenciou de alguma forma neste comportamento por parte dos freixenistas?
14. Bem sabemos que as festas da Senhora dos Montes Ermos se têm vindo a mostrar cada vez mais frágeis. Na sua opinião, o que acha que poderia ser feito para inverter esta situação?
15. Acha que o ‘Santuário de Nossa Senhora dos Montes Ermos’ necessita de alguma intervenção para uma melhor celebração da devoção a Nossa Senhora? Porquê?
16. O que falta ou falha? Porque acha que falta ou falha?

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Anexo IX – Guião de Entrevista – Jorge Duarte

- 1.** Qual a história e a estória de Nossa Senhora dos Montes Ermos?
- 2.** Quando surge a devoção à Senhora dos Montes Ermos?
- 3.** Quais os motivos do surgimento da devoção à Senhora dos Montes Ermos?
- 4.** Qual a relação entre S. Brás e Nossa Senhora, que fez com que a capela de S. Brás passasse a ter o epíteto da Senhora dos Montes Ermos?
- 5.** Qual é a evolução histórica da relação entre Nossa Senhora e o povo freixenista?
- 6.** De que alterações e intervenções carece a Ermida de Nossa Sennhora dos Montes Ermos?

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

Bibliografia

Dos Montes Eremos ao Alto da Fé
Requalificação do Santuário de Nossa Senhora dos Montes Eremos

- Albuquerque, D. (26 de agosto de 2016). *A Coroa Rica de Nossa Senhora de Fátima*.
Obtido em 1 de setembro de 2020, de de Fátima:
https://www.defatima.com/pt/smartblog/6_coroa-rica-de-nossa-senhora-fatima-capelinha.html
- Albuquerque, D. (26 de Agosto de 2016). *A coroa rica de Nossa Senhora de Fátima Capelinha*. Obtido de de Fátima:
https://www.defatima.com/pt/smartblog/6_coroa-rica-de-nossa-senhora-fatima-capelinha.html
- Bayard, J.-P. (2001). *História das Lendas*. Ridendo Castigat Mores.
- Biblia Sagrada*. (1993). Lisboa: PAULUS Editora.
- Castilho, C. D. (2013). *Proposta de Mobiliário e Iluminação Contemporânea em Ambiente Arquitetónico Religioso Manuelino - Igreja Matriz de Freixo de Espada à Cinta*. Porto: Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada do Porto.
- Catecismo. (s.d.).
- Cinta, M. d. (s.d.). *História*. Obtido em 10 de abril de 2020, de Município de Freixo de Espada à Cinta: <http://www.cm-freixoespadacinta.pt/ver.php?cod=0B0E>
- CMFEC, M. d. (1994). *Plano Diretor Municipal de Freixo de Espada à Cinta*. Freixo de Espada à Cinta: Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta.
- Couto, P. F. (6 de dezembro de 2015). *A Imaculada Conceição e a história de Portugal*.
Obtido em 8 de março de 2020, de Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura:
https://www.snpcultura.org/imaculada_conceicao_e_historia_portugal.html
- Desconhecido. (13 de dezembro de 2014). *Nossa Senhora da Conceição, Padroeira e Rainha de Portugal*. Obtido em 8 de março de 2020, de Portugal Glorioso:
<https://portugalglorioso.blogspot.com/2014/12/imaculada-conceicao-padroeira-e-rainha.html>
- Desconhecido. (2017). *All About Portugal*. Obtido de Capela de Santo António:
<https://www.allaboutportugal.pt/pt/freixo-de-espada-a-cinta/monumentos/capela-de-santo-antonio-415>
- Desconhecido. (2017). *All About Portugal*. Obtido de Capela da Senhora dos Remédios:
<https://www.allaboutportugal.pt/pt/freixo-de-espada-a-cinta/monumentos/capela-da-senhora-dos-remedios-9>

- DGEMN. (1952). *Boletim da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais - Igreja Matriz de Freixo de Espada à Cinta*. Porto: Ministério das Obras Públicas.
- DGEMN, D. G. (1952). *Boletim da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos do Norte - Igreja Matriz de Freixo de Espada à Cinta* (Vol. 70). Porto: Direção Geral dos Edifícios e Monumentos do Norte .
- Dias, G. J. (1987). A devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos. *Revista da Faculdade de Letras do Porto - História*, pp. 227-252.
- Duarte, J. (29 de julho de 2020). (I. Caravau, Entrevistador)
- Editora, P. (2003-2020). *escada (simbologia)*. Obtido de Infopédia - Dicionários Porto Editora: [https://www.infopedia.pt/\\$escada-\(simbologia\)](https://www.infopedia.pt/$escada-(simbologia))
- Gata, E. (Abril de 2020). (I. Caravau, Entrevistador)
- Guedes, G. M. (6 de junho de 2018). Capela de Souto Moura na Bienal de Veneza «atinge a perfeição». (J. Expresso, Entrevistador) Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura. Obtido de https://www.snpcultura.org/capela_de_souto_moura_na_bienal_de_veneza_atinge_a_perfeicao.html
- Guerreiro, C. A. (2019). Aparições Marianas em Trás-os-Montes: Manifestação Religiosa ou Ovnológica? *Consciências*, pp. 83-97.
- Juaçaba, C. (24 de maio de 2017). Brasileira transforma ideias do Papa em arquitetura em Veneza.
- Manta, M. (Janeiro de 2020). (I. Caravau, Entrevistador)
- Marcello, C. (2017-2020). *Escultura Pietá, de Miguelangelo*. Obtido em 14 de maio de 2020, de Cultura Genial: <https://www.culturagenial.com/pieta-de-michelangelo/>
- Mourinho, A. M. (1961). *Nossa Alma em Nossa Terra*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Nossa Senhora da Conceição, Padroeira e Rainha de Portugal*. (13 de Dezembro de 2014). Obtido de PG Portugal: <https://portugalglorioso.blogspot.com/2014/12/imaculada-conceicao-padroeira-e-rainha.html>
- Papa João Paulo II, P. (4 de abril de 1999). Carta do Papa João Paulo II aos artistas. *Carta do Papa João Paulo II aos artistas*. Vaticano, Roma, Itália.
- Paróquia de São Miguel, F. d. (s.d.). Capela de S. Sebastião. Freixo de Espada à Cinta.
- Paróquia de São Miguel, F. d. (s.d.). Capela de Santo António. Freixo de Espada à Cinta.

- Pimparel, P. F. (20 de março de 2020). (I. Caravau, Entrevistador)
- Pintado, F. A. (1998). *Nossa Senhora dos Montes Ermos*. Freixo de Espada à Cinta: Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta.
- Pintado, F. A. (2001). *Santa Casa da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta*. Freixo de Espada à Cinta: Santa Casa da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta.
- Pintado, F. A. (2001). *Santa Casa da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta*. (S. C. Cinta, Ed.) Freixo de Espada à Cinta: Santa Casa da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta.
- Rodrigues, F. C. (2018). *Santuários de Portugal - 4 Bragança-Miranda*. (J. d. Notícias, Ed.) Porto, Portugal: MEDIApromo.
- RTP. (2020). *7 Maravilhas da Cultura Popular - Patrimónios Nomeados*. Obtido em 5 de setembro de 2020, de 7 Maravilhas da Cultura Popular:
<https://7maravilhas.pt/lista-nomeados/>
- Sambade, P. d. (15 de agosto de 2020). *Paróquia de Sambade*. (P. I. Fernandes, Editor) Obtido em 3 de setembro de 2020, de Facebook:
<https://www.facebook.com/Paroquiasambade>
- Santo, M. E. (2001). *Origens do Cristianismo Português*. (Moisés Espírito Santo, & C. M. Ferreira, Edits.) Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões.
- Santos, J. (1996). *SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico*. Obtido de Convento e Igreja de São Filipe de Nery:
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=556
- Silvestre, A. A. (2014). O Concílio de Trento e o Barroco. *Visita Guiada - Mosteiro de Tibães, Braga*. Obtido em 1 de setembro de 2020, de
<https://ensina.rtp.pt/artigo/o-concilio-de-trento-e-o-barroco>
- Taborda, J. A. (2004). *Freixo de Espada à Cinta - Monografia*. Lisboa: Editorial Negócios.
- Vasconcelos, M. d. (2011). *Inventário das Visitas e Devassas*. Braga: Arquivo Distrital de Braga.

